



II Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPI



ANAIIS

2022

Organização:





ANAIIS

**Bartira Araújo da Silva Viana
Mugiany Oliveira Brito Portela
(ORGANIZADORAS)**

**FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca do centro de ciências Humanas e Letras
Serviços de Processos Técnicos**

S471a Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPI (2. : 2022 : Teresina, PI).

Anais do II Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPI, Teresina, 8 de março de 2022 [recurso eletrônico] / Bartira Araújo da Silva Viana; Mugiany Oliveira Brito Portela (Organizadoras) – Teresina: EDUFPI, 2022.

140, p. : il.

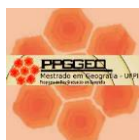
Bianual.

1. Geografia – estudo e ensino. 2. Geografia – Pesquisa. I. Viana, Bartira Araújo da Silva; II. Portela, Mugiany Oliveira Brito –. III. Coordenação do Curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí. IV. Título.

CDD 910

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade – CRB-3/1282

Organização e apoio:





REALIZAÇÃO

COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

REITOR

Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes

VICE-REITOR

Prof. Dr. Viriato Campelo

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

Prof. Dr. Luís Carlos Sales

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Profa. Dra. Evangelina da Silva Sousa

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Júnior

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dra. Regilda Saraiva dos Reis Moreira-Araújo

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof. Dra. Deborah Dettmam Matos

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS

Prof. Dra. Mônica Arrivabene

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Profa. Dra. Ana Beatriz Sousa Gomes

Silvana Santiago da Rocha

Coordenadora Geral de Graduação

Profa. Dra. Maria Rosália Ribeiro Brandim

Coordenadora Geral de Estágio

Prof. Dr. Francisco Newton Freitas

Coordenador de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular

Prof. Dr. Leomá Albuquerque Matos

Diretora de Administração Acadêmica

Profa. Dra. Rosa Lina Gomes do N. Pereira da Silva

Coordenadora de Administração Acadêmica Complementar

Prof. Dr. Maycon Silva Santos

Coordenadora de Seleção e Programas Especiais

DIRETORA DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

Profa. Edna Maria Goulart Joazeiro

VICE-DIRETOR

Prof. João Benvindo de Moura

COORDENADOR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Prof. Me. Wesley Pinto Carneiro

SUBCOORDENADOR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Raimundo Jucier Sousa de Assis

COORDENADOR DO CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

Profa. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana

SUBCOORDENADOR DO CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

Prof. Dr. Emanuel Lindemberg Silva Albuquerque



**Anais do II Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura
em Geografia da UFPI. Universidade Federal do Piauí, Teresina – PI, v.2, 2022.**

EXPEDIENTE

ORGANIZADORAS

Profa. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana
Coordenação Geral do evento

Profa. Dra. Mugiany Oliveira Brito Portela
Coordenação Adjunta do evento

CORPO EDITORIAL

Profa. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana
Profa. Dra. Mugiany Oliveira Brito Portela
Profa. Dra. Andréa Lourdes Monteiro Scabello
Prof. Dr. Armstrong Miranda Evangelista
Profa. Dra. Josélia Saraiva e Silva
Prof. Dr. Roberto Célio Valadão

COMISSÃO ORGANIZADORA E CIENTÍFICA

Andréa Lourdes Monteiro Scabello
Armstrong Miranda Evangelista
Edileia Barbosa Reis
Elayne Cristina Rocha Dias
Emilson Oliveira dos Santos
Josélia Saraiva e Silva
Leilson Alves dos Santos
Liriane Gonçalves Barbosa
Maria Desterro da Silva Barbosa
Nadja Rodrigues Carneiro Vieira
Roberto Célio Valadão
Roneide dos Santos Sousa
Sara Raquel Cardoso Teixeira de Sousa
Thais Costa Medeiros
Tiago Caminha de Lima
Vânia Vieira Lima

NORMALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Bartira Araújo da Silva Viana
Marcos Gomes de Sousa (Monitor)

CAPA

Marcos Gomes de Sousa



MONITORES

Adila Eloisa Penha Lima
Alda Cristina De Ananias Araújo
Eliana Thalita Nunes Alves
Jaelson Silva Lopes
Joao Henrique da Silva Lima
Kelvison Alves De Moraes
Lucas Fernandes Freire
Marcos Gomes De Sousa
Pedro Victor Matos Lopes
Priscila De Melo Pessoa Oliveira
Sarah Raquel de Matos
Tainara Da Silva Do Carmo
Victor Augusto Araujo De Jesus

ORGANIZAÇÃO

Coordenação do Curso de Geografia - CCGEO
Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGGEO
Núcleo de Pesquisa e Ensino de Geografia – NUPEG
Centro Acadêmico em Geografia - CAGEO



Anais do II Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPI. Universidade Federal do Piauí, Teresina – PI, v.2, 2022

APRESENTAÇÃO

O II Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPI ocorreu no dia 08 de março de 2022, no formato virtual. O evento teve por objetivo propiciar a integração entre ensino superior e ensino básico, pesquisa e extensão, favorecendo a criação de um espaço privilegiado para articular pesquisadores, professores e estudantes. Possibilitou a comunicação, divulgação e discussão dos resultados obtidos em pesquisas científicas da área do Ensino de Geografia.

O evento faz parte do processo de fortalecimento à capacidade dos membros do projeto intitulado “Desigualdade socioespacial e os tipos de moradias”, vinculado à UFPI, em discutir e provocar a construção de conhecimentos, o que proporcionou maior articulação, fundamentação teórica e metodológica que pretende fundamentar a produção de muitas pesquisas e trabalhos bibliográficos.

O evento contou com a participação 152 inscritos e 28 trabalhos apresentados na modalidade comunicação oral. Esses foram avaliados pela equipe científica que os organizou em cinco GTs, os quais ocorreram na plataforma *Google meet*. Todos os trabalhos foram recomendados para a publicação nestes anais. As palestras e a mesa redonda foram disponibilizadas via o canal do CAGEO - UFPI, pelo *Youtube* (que já ultrapassou as 800 visualizações, até o presente momento).

No segundo seminário, as temáticas relativas ao ensino sobre a cidade, os aspectos físicos-naturais, a inclusão e a situação do ensino de geografia frente ao momento pandêmico, predominaram nas pautas de discussão e estão expressas nos trabalhos destes anais, assim como outras questões igualmente relevantes.

Teresina, 21 de março de 2022.

Seja bem-vindo(a)!

Comissão Organizadora

**Profa. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana
Profa. Dra. Mugiany Oliveira Brito Portela**



Anais do II Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPI. Universidade Federal do Piauí, Teresina – PI, v.2, 2022

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE RESUMOS EXPANDIDO

O resumo expandido para apresentação de trabalho no II Seminário Nacional de Ensino e Pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPI deve constar no máximo 03 (três) autores/coautores por resumo, incluindo o(a) orientador(a) na preparação de até 02 (dois) resumos/trabalhos para cada inscrito). Os participantes do evento podem enviar um trabalho como autor e outro como coautor. Os graduandos devem ter um orientador para o trabalho. Os professores podem orientar mais de um trabalho do evento. Todos os autores/coautores do trabalho devem estar inscritos para terem direito ao recebimento do(s) certificado(s) de apresentação. O resumo expandido deve constar uma introdução indicando os motivos, a relevância/importância do tema escolhido; o objetivo geral e objetivos específicos; a metodologia utilizada; os resultados e discussão; as contribuições e a considerações finais. O resumo expandido deve ter, no máximo, 3 páginas. Recomenda-se aos autores a máxima cautela na redação e correção dos seus trabalhos, pois somente os resumos que atenderem as normas da ABNT e gramaticais serão publicados nos anais do evento. Os autores serão responsáveis pelo conteúdo dos trabalhos apresentados. O resumo inicial deve ter até 150 palavras.

EXEMPLO PARA REFERENCIAR UM TRABALHO

ARAÚJO, Alda Cristina de Ananias; LPOES, Jaelson Silva; AQUINO, Cláudia Maria Sabóia de. Os conceitos chaves da geografia presentes nos conteúdos físico-naturais no livro didático do 7º ano de Sene e Moreira (2018). *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UFPI, 2., 2022, Teresina – PI. Anais [...]. Teresina - PI: PARFOR/UFPI, 2022. p. 16-19.*

- Idioma para submissão de trabalhos: Português.



GRUPOS DE TRABALHO

GT 1 - Lugar, Paisagem e suas múltiplas abordagens no Ensino de Geografia

Ementa: O GT 1 busca colocar em debate e reflexão discussões acerca do lugar e da paisagem para compreender as múltiplas relações que o sujeito estabelece de modo particular com o meio em que vive. Desse modo, relacionar a dinâmica da cidade com o lugar mostra que a vida do ser humano está interligada a diversas atividades, as quais são executadas por meio dos seus sentidos e capacidades, habilidades e os sentimentos estão diretamente relacionados ao sentido de lugar, visto que o cotidiano é expresso em nossas ações. Enquanto a paisagem mostra que a sociedade, as relações sociais e políticas passam por um processo de mudança, em ritmos e intensidades variados. Ela se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade, seja por meio de movimentos, sons, cheiros, cores.

Palavra-chave: dinâmica da cidade; lugar; paisagem; ensino de Geografia.

GT 2 – Ler a cidade com a Geografia: o uso dos conceitos geográficos

Ementa: A Geografia como disciplina escolar dá atenção a fenômenos, eventos, elementos e situações geográficas, percebendo e compreendendo as conectividades sobre o espaço, seus sistemas de objetos e ações para explicar “por que as coisas estão onde estão”, e os conceitos geográficos nos auxiliam nesse processo. Acreditamos que o ensino-aprendizagem sobre cidade e sua dinâmica espacial, no contexto da educação básica, pode ser mais efetivo quando se emprega ou aplica os conceitos geográficos. Assim, o GT 2 oportuniza a apresentação e discussão de pesquisas, investigações acadêmicas sobre a compreensão do ensino de cidade a partir dos conceitos geográficos, na perspectiva da educação básica. Tem-se como objetivo ampliar e aprofundar as discussões sobre essa temática; discutir os conceitos geográficos para o ensino de cidade, suas metodologias, ações e ferramentas metodológicas.

Palavras-chave: cidades; conceitos geográficos; educação básica.

GT 3 - Práticas pedagógicas inclusivas no ensino de Geografia

Ementa: O GT 3 tem como objetivo refletir sobre a relação entre Geografia e inclusão com o intuito de repensar a prática docente e a inclusão urbana, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem da Geografia dos estudantes com deficiência na educação básica, bem como proporcionar



discussões a respeito das características da cidade e o padrão de desigualdades prevaletentes na sociedade. Nesse sentido, a relevância desse GT é poder contribuir para um repensar a práxis do professor de Geografia diante do desafio de ensinar aos alunos com deficiência e de dialogar acerca da dinâmica urbana da cidade.

Palavras-chave: Geografia; cidades; inclusão; práticas.

GT 4 - Conhecendo a cidade: ensino dos aspectos físico-naturais e o uso e ocupação do solo

Ementa: O ensino de cidade nos leva a refletir a realidade do aluno, tendo por intuito despertar um olhar geográfico e, assim, propor construir um conhecimento baseado em suas vivências interacionistas com o meio urbano que se desprendem de situações-problema comuns na relação sociedade e natureza. Portanto, o GT 4 propõe conhecer as dinâmicas dos aspectos físico-naturais (rio, relevo, vegetação) e interpretar a paisagem e suas transformações e implicações na convivência (des)harmônica que resultam em problemas e impactos ambientais no meio urbano. Por outro lado, a análise geográfica perpassa em fazer correlação entre processos urbanos contraditórios (questão da moradia a expansão urbana vertical e horizontal) quanto à forma de uso e ocupação do solo urbano e suas consequências à cidade. Desse modo, o GT tem objetivo discutir conteúdos da BNCC (educação básica) com ênfase sobre os aspectos físico-naturais ao correlacionar os problemas urbanos como o uso e ocupação do solo, trabalhar princípios da Geografia como a conexão de conhecimentos e associar as transformações na cidade, comparar paisagens, medir a extensão dos fenômenos e impactos ambientais.

Palavras-chave: cidade; aspectos físico-naturais; uso e ocupação do solo.

GT 5 - Produção do espaço urbano no ensino de Geografia

Ementa: A Geografia enquanto ciência busca compreender a complexidade do espaço geográfico, e neste se insere o espaço da cidade composto por práticas cotidianas de diferentes sujeitos e contextos. A cidade possui elementos passíveis de serem analisados e compreendidos na sala de aula, tais como: a mobilidade; as condições de moradia; a exclusão espacial; os deslocamentos diários; as rugosidades e as mudanças diárias na paisagem urbana que podem ser facilmente percebidas pelo aluno em seu trajeto casa-escola. Nessa perspectiva, o GT 5 busca apresentar e discutir pesquisas voltadas ao âmbito da Geografia Urbana ligada ao ensino de Geografia, bem como trabalhos que analisem o espaço urbano de forma didática no ambiente escolar, nas aulas de Geografia.



Palavras-chave: cidade; ensino de Geografia; Geografia Urbana.

GT 6 - Ocupações urbanas irregulares investigadas sob a perspectiva do Raciocínio Geográfico: contribuições ao Ensino de Geografia

Ementa: O GT 6 destina-se a acolher problematizações e discussões conduzidas por pesquisas de graduandos e docentes de Geografia e demais profissionais da Educação advindas da investigação das múltiplas espacialidades inerentes às ocupações urbanas irregulares. Interessa ao GT contribuir para a compreensão dessas espacialidades no contexto do processo de ensino-aprendizagem da Geografia orientado, metodologicamente, pelo estatuto epistêmico preconizado pelo Raciocínio Geográfico, tal como proposto pela BNCC.

Palavras-chave: raciocínio geográfico; ocupações urbanas irregulares; Geografia Escolar.

GT 7 - Ensino de Geografia no contexto da Pandemia do COVID-19

Ementa: Frente aos desafios que a pandemia do Covid-19 tem suscitado em diversas dimensões sociais e escalas geográficas, o GT 7 busca discutir as possibilidades e potencialidades do ensino de Geografia em tempos da pandemia da Covid-19. É essencial conhecer as modificações na dinâmica da cidade, dos estudantes, graduandos e professores durante o contexto pandêmico. Desse modo, as discussões concentram-se nas diferentes práticas de ensino de Geografia, nos desafios, nas possibilidades e nas limitações que o atual contexto configura na dinâmica socioespacial da sociedade.

Palavras-chave: cidade; pandemia do COVID-19; ensino de Geografia.



PROGRAMAÇÃO

08/03/2022 – Terça-feira	
08:00- 08:30	Solenidade de Abertura
08:30- 10:00	Mesa de Abertura Tema: A BNCC e a aplicação do raciocínio geográfico Palestrante: Profa. Dra. Sonia Maria Vanzella Castellar Coordenação: Profa. Dra. Mugiany Oliveira Brito Portela
10:00- 12:00h	GT – Salas simultâneas Serão organizados conforme os trabalhos recebidos e suas respectivas temáticas.
12:00h	Intervalo
14:30 - 16:30h	Mesa redonda: Ensino de Geografia: livro didático, inclusão e metodologias Tema: Livro didático e metodologias ativas no contexto educacional Palestrante: Profa. Dra. Daniella Almeida Barroso Tema: A BNCC e a Educação Inclusiva Palestrante: Profa. Dra. Rosemy da Silva Nascimento Mediadora: Profa. Dra. Andrea Lourdes Monteiro Scabello
16:30 às 18:30	Mesa de encerramento: Tema: BNCC Formação Palestrante: Profa. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira Mediador: Prof. Dr. Armstrong Miranda Evangelista
18:30 - 20:00	Lançamento de livros e encerramento do evento Coordenação: Profa. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana



SUMÁRIO

SUMÁRIO		
GT 1 - Lugar, Paisagem e suas múltiplas abordagens no Ensino de Geografia		
01	OS CONCEITOS CHAVES DA GEOGRAFIA PRESENTES NOS CONTEÚDOS FÍSICO-NATURAIS NO LIVRO DIDÁTICO DO 7º ANO DE SENE E MOREIRA (2018) Alda Cristina de Ananias Araujo Jaelson Silva Lopes Cláudia Maria Sabóia de Aquino	16
GT 4 - Conhecendo a cidade: ensino dos aspectos físico-naturais e o uso e ocupação do solo		
02	COMPREENDENDO A DINÂMICA CLIMÁTICA URBANA ATRAVÉS DA INSERÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS- ABP- NO ENSINO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA Léa Maria da Silva Cardoso Jardel Paiva Oliveira	20
03	REFLEXÃO SOBRE ENSINO DE CIDADE E O ECOSSISTEMA URBANO Edileia Barbosa Reis	24
04	GEOEDUCAÇÃO EM ÁREAS URBANAS: REFLEXÕES SOBRE POTENCIAL EDUCATIVO DO MONUMENTO NATURAL FLORESTA FÓSSIL, TERESINA, PIAUÍ Francisco Wellington de Araujo Sousa	28
05	GEOTECNOLOGIAS E O SIG NA EDUCAÇÃO PARA O ENSINO BÁSICO Ian Felipe Nascimento Tereza Genoveva Nascimento Torezani Fontes	33
GT 2 - Ler a cidade com a Geografia: o uso dos conceitos geográficos		
06	ABORDAGEM DO ENSINO DA GEOPOLÍTICA SOB A PERSPECTIVA DO TERRITÓRIO PIAUIENSE Victor Augusto Araújo de Jesus Sabrina Reis de Almeida Raimundo Jucier Sousa de Assis	37
07	USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA CIDADE DE BURITI DOS LOPES ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO Joseane Maria da Conceição Roneide dos Santos Sousa	41
GT 5 - Produção do espaço urbano no ensino de geografia		
08	AULA DE CAMPO NO ENSINO DE CIDADE: DISCUTINDO OS PROBLEMAS URBANOS COM ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ALTOS-PI Mara Cristina de Lira Oliveira Samuel José da Silva José Lucas Costa Ribeiro	45



09	O ENSINO DA BIOGEOGRAFIA ESCOLAR: AULA DE CAMPO NO MONUMENTO NATURAL DA FLORESTA FÓSSIL DO RIO POTI, NA CIDADE DE TERESINA –PI Lucas Alves Pereira Dithara Evely Campelo Bartira Araújo da Silva Viana	49
10	MÚSICA COMO LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO ENSINO DA GEOGRAFIA Raimundo Nonato Vieira Rosa Maria da Conceição dos Santos Israel Soares de Santana	54
GT 3 - Práticas pedagógicas inclusivas no ensino de Geografia		
11	O ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR E A SÍNDROME DE DOWN: ESTADO DA ARTE Sarah Raquel de Matos Marcos Gomes de Sousa Bartira Araújo da Silva Viana	58
12	ENSINO DE CARTOGRAFIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA GEOGRAFIA Luciano Mascarenhas da Silva Sousa Emanuel Lindemberg Silva Albuquerque	62
13	AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DO MAPA TÁTIL COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL Antonio Maria Ribeiro Filho Bartira Araújo da Silva Viana	67
14	O USO DA POESIA COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA Eliana Thalita Nunes Alves Bartira Araújo da Silva Viana	72
15	EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REFLEXÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DOCENTE Fátima Maria Lustosa Rodrigues Andréa Lourdes Monteiro Scabello	76
16	ABORDAGENS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: NOTAS INTRODUTÓRIAS Silvana de Sousa Silva	80
GT 7 - Ensino de Geografia no contexto da Pandemia do COVID-19		
17	RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA DA UFPI: APRENDIZAGENS E DESAFIOS DE LICENCIANDOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE TERESINA-PI Marcos Gomes de Sousa Armstrong Miranda Evangelista	84
18	O USO DA GAMIFICAÇÃO (JOGOS DIGITAIS) COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA POTENCIALIZAR O APRENDIZADO DE CONTEÚDOS DA GEOGRAFIA José Soares Fernandes Neto Armstrong Miranda Evangelista	89



19	<p>HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM OS LICENCIANDOS DO PIBID DA U.E PROFESSORA MARIA DE LOURDES REBELO</p> <p>Gabrielly de Jesus Fernandes Mugianny Oliveira Brito Portela</p>	93
20	<p>A IMPORTÂNCIA DAS OFICINAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIA NO PIBID COM ALUNOS DO 6º e 7º ANO DO CETI MARIA MELO/TERESINA-PI</p> <p>Tainara da Silva do Carmo Mugiany Oliveira Portela</p>	99
21	<p>A CONSTRUÇÃO DA CARTILHA BIOMAS BRASILEIROS, JUNTO COM OS ALUNOS DA ESCOLA ECTI-PROFESSOR DARCY ARAÚJO</p> <p>Kelvison Alves de Moraes Mugiany Oliveira Brito Portela</p>	103
22	<p>OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA: O USO DO QUIZZIZ NO COLÉGIO CETI PROFESSOR RALDIR CAVALCANTE BASTOS</p> <p>Denise Vieira de Araújo Tainara de Sousa França Armstrong Miranda Evangelista</p>	108
23	<p>DESAFIOS DOS GRADUANDOS EM GEOGRAFIA DURANTE O ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19</p> <p>Ilderlan Sousa da Silva Eduardo Moraes Freitas Thais Costa Medeiros</p>	112
24	<p>A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA DISCUSSÃO REFLEXIVA DE MICRO ATITUDES: O USO DE MEMES COMO RECURSO DIDÁTICO</p> <p>Antonia Edna de Araújo Gomes Diego Lucca Assunção Lima Bartira Araújo da Silva Viana</p>	116
25	<p>FORMAÇÃO DOCENTE NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIA, RELATO E REFLEXÃO PARA A FORMAÇÃO DO SER PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM MEIO A PANDEMIA DO COVID-19</p> <p>Eduarda de Oliveira Santos Rebeca da Silva Araújo Fábio Deraldo dos Santos</p>	120
26	<p>AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA COMO RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA</p> <p>Patrícia de Oliveira Araújo Roneide dos Santos Sousa</p>	124
27	<p>O VÍDEO E A TV COMO RECURSOS DIDÁTICOS NÃO CONVENCIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: VIVÊNCIAS NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA</p> <p>Ádila Eloisa Penha Lima Tainara da Silva do Carmo Bartira Araújo da Silva Viana</p>	127

**II Seminário Nacional de
Ensino e Pesquisa do Curso de
Licenciatura em Geografia da
UFPI**



28	A FOTOGRAFIA E A CHARGE COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 Jaelson Silva Lopes Rodrigo de Sousa Freitas Bartira Araújo da Silva Viana	132
----	--	-----



OS CONCEITOS CHAVES DA GEOGRAFIA PRESENTES NOS CONTEÚDOS FÍSICO-NATURAIS NO LIVRO DIDÁTICO DO 7º ANO DE SENE E MOREIRA (2018)

Alda Cristina de Ananias Araujo

Universidade Federal do Piauí
E-mail: aldacristinaanancias@gmail.com

Jaelson Silva Lopes

Universidade Federal do Piauí
E-mail: EJaelson.s.l@ufpi.edu.br

Cláudia Maria Sabóia de Aquino

Universidade Federal do Piauí
E-mail: cmsaboia@gmail.com

RESUMO

Buscou-se compreender a relação e importância dos conceitos de espaço geográfico, lugar, região, paisagem e território para o estudo dos conteúdos físicos naturais no livro didático de Sene e Moreira (2018). A relevância da pesquisa é dada a necessidade da avaliação de como os conceitos-chave da Geografia estão relacionados aos aspectos físicos naturais nos livros didáticos, com o intuito de explicitá-los aos docentes e discentes, tornando a relação desses conceitos mais visíveis nos conteúdos. A metodologia empregada é de cunho qualitativo/descritivo. A pesquisa baseou-se ainda nos princípios da análise de conteúdo posta por Bardin (1977). Constatou-se que a maioria dos capítulos a tratar sobre os aspectos físicos naturais não mostram as relações dos conceitos chaves da Geografia diretamente, essa função fica a cargo do professor, cabe ao mesmo identificar e trazer esses conceitos para os conteúdos de modo a atingir o raciocínio geográfico dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Livro didático; Conceitos da Geografia.

INTRODUÇÃO

Entende-se que um contato com os conceitos geográficos apresentam grande potencial para possibilitar, posteriormente, o entendimento do conteúdo estudado (LISBOA, 2007). Assim, buscou-se compreender a importância dos conceitos de espaço geográfico, lugar, região, paisagem e território para o estudo dos conteúdos físicos naturais no livro didático de Sene e Moreira do 7º ano (2018). A relevância da pesquisa é dada a necessidade da avaliação de como os conceitos-chave da Geografia estão relacionados aos aspectos físicos naturais nos livros didáticos. A metodologia empregada é



de cunho qualitativo/descritivo. Quanto aos procedimentos, se encaixa como sendo do tipo bibliográfica.

A pesquisa baseou-se na análise de conteúdo de Bardin (1997) que foi efetivada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados. Realizou-se, portanto, a seleção do livro didático e análise do mesmo, levantamento e exploração dos conteúdos que versam sobre a Geografia Física e a busca de bibliografia nas bases de dados que tange a temática em pauta e por fim, o tratamento dos resultados com a inferência e interpretação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na Geografia escolar os discentes entram em contato com um grande volume de informações a respeito do espaço geográfico brasileiro e mundial. Em cada conteúdo que lhe é apresentado, faz-se necessário a compreensão dos conceitos geográficos que se constituem como instrumentos para uma aprendizagem efetiva (LISBOA, 2007). Morais e Ascensão (2021) destacam a necessidade de uma interpretação que ultrapasse o físico e que relacione a sociedade e o espaço geográfico, desse modo, integrando todos os elementos que compõem o campo de investigação geográfico.

Contudo, no que concerne à Ciência Geográfica aos parâmetros curriculares, muito apropriadamente, fazem alusão aos conceitos-chave, porém estes são apresentados de modo superficial sem um aprofundamento teórico, sem levantar pontos de discussão que envolvam os conceitos, deixando o leitor com uma visão muito limitante do seu entendimento [...] Assim, fica a cargo do professor que torne o aluno mais reflexivo e consiga construir ele mesmo os seus próprios conceitos (LIRA, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O capítulo 3 "Região e divisão regional" encontrou-se a relação entre o conceito de região e paisagem com os aspectos físicos naturais quando os autores afirmam que uma região pode ser delimitada, por exemplo, pelas



particularidades naturais de sua paisagem, considerando relevo, hidrografia, clima e vegetação [...] (SENE; MOREIRA, 2018). No capítulo 9 “Natureza e sociedade na região Nordeste” os autores destacam que em seu território há grande diversidade de paisagens, podendo ser agrupadas em sub-regiões, com condições naturais próprias e diferentes formas de organização das atividades econômicas, muitas delas heranças do processo histórico de ocupação do espaço. Destaca-se nesse trecho a presença dos conceitos de paisagem, região e território.

Ao considerar o conceito de paisagem de Sene e Moreira (2018), na análise realizada os autores falam que as diferentes formas de organização de cada sub-região do Nordeste, carregada de processos históricos de ocupação modificam o espaço trazendo características distintas. Tal trecho, remete ao conceito de paisagem e espaço geográfico de (SENE; MOREIRA, 2018). No capítulo 12 sobre os “Aspectos físicos da região Sudeste” os autores também apresentam os aspectos relativos ao clima, relevo, vegetação e hidrografia. Mostram seus usos para as atividades humanas, como, por exemplo, o uso de hidrelétricas, deixando subentendidas as mudanças na paisagem ocasionadas produto das relações homem-natureza.

CONCLUSÃO

Salienta-se que a maioria dos capítulos a tratar sobre os aspectos físicos naturais não evidenciam as relações dos conceitos chaves da Geografia diretamente, na verdade, essa função fica a cargo do professor de poder identificar e trazer esses conceitos para os conteúdos de modo a atingir o raciocínio geográfico dos alunos. Além disso, os conceitos chave da Geografia no livro didático de Sene e Moreira (2018) ficam subentendidos, mas sabemos que estão lá de algum modo. Observou-se também, que os conceitos são mais evidentes quando são tratados os aspectos da Geografia Humana, a exemplo, os assuntos pertinentes ao território e divisão política do Brasil, população do Brasil, indústria e agricultura do Brasil.



REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: L. A. Reto; A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70. Trabalho original publicado em 1977.

LIRA, Cesar Barbosa Wellington. **Conceitos-chave da Geografia em sala de aula**: uma experiência vivenciada em turmas 7ª série do Ensino Fundamental de escolas públicas do Recife-PE. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6773>. Acesso em: 15 fev. 2022.

LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista**, v. 4, n. 1, p. 23-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9746/5374>. Acesso em: 02 set. 2021.

MORAIS, Eliana Barbosa de; ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. Uma questão além da semântica: investigando e demarcando concepções sobre os componentes físico-naturais no ensino de Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 41, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/65814>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil**, 7º ano: ensino fundamental, anos finais. 1 ed. São Paulo: Scpione, 2018.



COMPREENDENDO A DINÂMICA CLIMÁTICA URBANA ATRAVÉS DA INSERÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS- ABP- NO ENSINO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Léa Maria da Silva Cardoso

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IEMA

E-mail: leacardosgeo@outlook.com

Jardel Paiva Oliveira

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IEMA

RESUMO

A relevância desta pesquisa encontra-se na prática empírica aplicada ao ensino de climatologia geográfica para estudantes da educação básica, auxiliando-os na percepção das influências antrópicas na configuração do clima urbano. Trata-se de um projeto de extensão, cujo objetivo geral foi contribuir com a popularização da ciência através da aprendizagem baseada em projetos, cuja culminância ocorreu na cidade de Aldeias Altas, Maranhão. Os objetivos específicos foram: compreender os fundamentos básicos da climatologia, meteorologia e desenvolvimento e implementação de uma estação meteorológica de baixo custo e de montagem simples. Durante a preparação do projeto houveram encontros diários com os alunos bolsistas, onde foram ministradas aulas de climatologia e robótica para a montagem da estação meteorológica. Vários experimentos foram realizados em diversas áreas da escola, afim de comparação dos dados. Verificou-se um grande entusiasmo dos alunos quando apresentados aos componentes e sensores da estação meteorológica, bem como com sua aplicação.

Palavras-chave: climatologia geográfica; metodologia ativa; educação básica.

INTRODUÇÃO

Uma preocupação frequente dos professores da educação básica, em especial, do Ensino Médio - EM, é criar estratégias metodológicas que despertem a atenção dos estudantes para os conteúdos abordados em sala de aula.

Neste sentido, a relevância desta pesquisa encontra-se na atenção ao modo como metodologias ativas (o aprender fazendo) no ensino da climatologia geográfica pode auxiliar na percepção dos educandos para com o espaço geográfico, uma vez que o ensino de climatologia na



educação básica torna-se mais interessante quando vinculado com a realidade dos alunos, neste caso, o clima do espaço urbano.

Como o custo das estações meteorológicas profissionais é alto e prejudica o progresso de pesquisas com baixo orçamento, é de interesse público a criação de estações de pequenos custos, com resultados de qualidade razoável.

A metodologia adotada constituiu de aulas (para alunos bolsistas do IEMA) de climatologia e robótica no laboratório de informática da escola, pesquisas bibliográficas e experimentos afim de comparação dos dados. Na culminância do projeto estes alunos bolsistas foram protagonistas, explicando o que haviam aprendido para os alunos de Aldeias Altas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como afirma Callai (1998), uma vez que a formação cidadã do aluno requer a necessidade de prepará-lo para “aprender a aprender”, a “saber fazer”, a “aprender a pensar”, a função dos conteúdos em geral, em especial da Geografia, está intimamente relacionada com a forma que se irá abordar a realidade.

A proposta de metodologia ativa é uma estratégia de ensino que se caracteriza por inserir o estudante no centro do processo de ensino, por meio de discussões, interações, atividades de análise, síntese e avaliação no sentido de solucionar problemas. Dentre as várias abordagens para esse tema está a Aprendizagem Baseada em Projetos – APB (LARENZONI, 2016).

Sob este contexto, enfatiza-se o papel do educador como agente modificador social na difusão do conhecimento didático científico, buscando-se uma estratégia motivadora e facilitadora para investigar e compreender as relações de causas e consequências entre o indivíduo e o ambiente (MONTEIRO, 1999).

O processamento dos dados meteorológicos tornou-se possível, de forma simples e barata, graças à plataforma Arduino (2019) - uma plataforma



de prototipagem eletrônica de *hardware* livre e de placa única. Esta plataforma permite a criação de ferramentas que são acessíveis, com baixo custo, flexíveis e fáceis de se usar por principiantes e profissionais, a partir da utilização de sensores e os chamados *Shields* (placas de circuito que podem ser conectadas ao Arduino, capaz de expandir suas capacidades).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a preparação do projeto, houveram encontros diários com os alunos bolsistas, onde foram ministradas aulas de climatologia e robótica para a montagem da estação meteorológica. Vários experimentos foram realizados em diversas áreas da escola, afim de comparação dos dados. Constatou-se, dentre outras, uma diferença de temperatura entre espaços arborizados em torno da escola e dentro do recinto escolar.

A execução do projeto ocorreu na forma de minicursos distribuídos nos turnos matutino e vespertino com duração média de 2 horas, abertos para alunos e professores de diferentes turmas do 7º ao 9º ano de uma escola pública municipal localizada no centro da cidade de Aldeias Altas- MA.

Na oportunidade, foram introduzidos conceitos básicos de clima e tempo meteorológico, ressaltando o quanto as edificações urbanas aliadas a supressão da vegetação podem interferir no conforto térmico da população. Em robótica, foram realizados experimentos com potenciômetro, sensor de luminosidade, anemômetro, entre outros sensores eletrônicos da estação meteorológica.

CONCLUSÃO

Verificou-se, com este projeto de extensão, que houve uma melhor compreensão de elementos climáticos quando associados a seus equipamentos de medição e análise direta do tempo atmosférico. Ao transitar por diferentes espaços da escola, os alunos puderam constatar o quanto as ações humanas podem interferir positivamente ou não, nas condições climáticas locais. Assim, a adoção da metodologia ativa baseada em



projetos, quando associada ao ensino de Geografia na educação básica, contribui significativamente para uma maior aprendizagem, na medida em que aproxima a teoria e a prática através da análise de fenômenos presentes no cotidiano dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARDUINO, **Arduino Homepage**. Disponível em: <https://www.arduino.cc/>. Acesso em: 09 maio 2019.

CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A.C. et al. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, Seção Porto Alegre, 1998.

LORENZONI, M. Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL) em 7 passos. **InfoGeeks**, 2016. Disponível em: <https://site.geekie.com.br/blog/aprendizagem-baseada-em-projetos/>. Acesso em: 11 maio 2020.

MONTEIRO, C. A. F. **O Estudo Geográfico do Clima**. Florianópolis: Departamento de Geociências - CFH/UFSC, 1999.



REFLEXÃO SOBRE ENSINO DE CIDADE E O ECOSISTEMA URBANO

Edileia Barbosa Reis

E-mail: edileiageografia@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir o ensino de cidade e a relação de uso e ocupação do sítio urbano e a questão da ecologia urbana na cidade de Teresina-PI. Ao se utilizar pesquisa qualitativa com foco exploratória e uso do método dialético e uso ferramenta do *Google Earth Pro* ao discutir autores da Geografia e áreas afins como SANTOS (2014); SILVA JÚNIOR *et al.* (2017); SEIFFERT, (2014). Desse modo, os resultados apontam uma tendência valorização de áreas próximas espaços verdes. Assim conclui-se que o aluno deve ser preparado para compreender relação de uso e ocupação de acordo dinâmica da produção urbana e seu poder de transformação do ecossistema urbano.

Palavras-chaves: Geografia; Ensino de cidade; Ecologia urbana.

INTRODUÇÃO

Perante as diferentes faces das cidades brasileiras que apresentam inúmeras distorções que abrangem estas questões econômicas, sociais e ambientais. Respalda-se que o ensino de cidade vem repensado o desafio de ensinar a “Geografia das cidades”. Condição que aluno em seu contexto compreenda às dinâmicas físico-naturais e socioespaciais da cidade e suas implicações em relação às questões como a moradia.

Neste sentido, busca-se objetivamente relacionar a relevância dos estudos sobre a ecologia urbana que corresponde de acordo Santos (2014, p. 24) “estudos dos sistemas naturais em áreas urbanas” e sua influência na gestão da cidade no que se concerne a moradia no âmbito de sua expansão física horizontal. Pois, levanta-se indagações diante da expansão da cidade que aproveita de áreas utilizáveis em espaços vistos anteriormente como reservas sustentáveis “patrimônios verdes urbanos” e quais seus desdobramentos.

Desse modo, este artigo visa uma abordagem que contempla uma revisão literária e exploratória uso método dialético com uso ferramenta



Google Earth Pró sobre sítio urbana e ecologia urbana em Teresina em seus contrastes dialéticos em textos sobre o ensino de cidades. Ao verificar que a configuração natural é um condicionante que atua e influência na forma de produção dos espaços nas cidades.

FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA

A organização das cidades e ecossistema urbano

Vale ressaltar que episódios dos surgimentos da cidades partem da necessidade da constituição de sua localização de integração do espaço e seus arranjos espaciais que se corporificam através elementos de sua organização. Esses vão deste a divisão do trabalho em sua forma territorial e espacializações, além das formas de uso e apropriação do solo urbano, contidos na divisão sócio espacial de classes e ocupações de áreas agricultáveis (CLARK, 1991 citado por SILVA JÚNIOR; ALMEIDA; VERAS, 2017).

Impactos ambientais (transformação da cidade)

Desde a década de 1970 a temática ambiental tornou-se protagonista em discussões sobre meio ambiente em destaque a temática urbana-ambiental. Ressalva-se assim os estímulos ao cumprimento de metas estipulados dos objetivos desenvolvimento sustentável -ODS veem a cidades "assentamentos humanos" devem cumpri sua função ambiental e social (ONU, 2022).

Para tanto, boa parte estudos científicos tem se voltado a debater a pretensiosa discussão sobre as vulnerabilidades socioambientais das cidades. Em questão, a proposta apresentada visa refletir sobre a resiliência socioambiental urbana frente a problemática da arte do homem de criar ecossistema urbano (SEIFFERT, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O ensino de cidade tem fundamentado em perspectiva sobre análise espaço físico-territoriais da cidade ao assim observar aspectos naturais e produção urbana. Desse modo, utilizamos *Google Earth Pro* como ferramenta de análise sobre as transformações e capacidade de resiliência urbana entorno áreas de proteção ambiental no qual identificar as transformações ocorridas nestes espaços. Na Figura 01 imagem de satélite é possível observar uma área de proteção ambiental já com indícios de transformação no ano de 2009 enquanto na Figura 02 a imagem 2022 expansão da cidade entorno serviços ambientais, área de valorização econômica vem vivenciado transformação ambiental.

Figura 1 e 2 - Área entorno Bioparque Zoobotânico (Teresina-PI)



Fonte: *Google Earth Pró*, figura imagem 01 agosto 2009 e imagem 02 fevereiro de 2022

CONCLUSÃO

O artigo teve intuito discutir análise geográfica no sítio urbano entre causas e consequências. Dessa forma, foi constatado através imagens de satélite uso e ocupação do território se dá mediante o uso serviços ambientais criam território segregados devido poder investimentos, neste sentido ao aluno cabe o papel de percepção sobre relação sociedade e natureza na cidade nas formas de uso e ocupação do espaço urbano.

REFERÊNCIAS

ADLER, Frederick R.; TANNER; Colby, J. **Ecosistemas urbanos**: princípios ecológicos para o ambiente construído. Tradução: Maria B. Medina. São Paulo: Oficina de Textos, 2015. Disponível em:



<http://ofitexto.arquivos.s3.amazonaws.com/Ecosistemas-Urbanos-DEG.pdf>.
Acesso em: 02 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Agenda 2030**. ODS – Objetivos Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em: 4 fev. 2022.

SANTOS, Adilson Roque. Ecologia Urbana: Interação Sociedade – Natureza, Um campo novo derivado da Ecologia tradicional. **SEAERJ Hoje**, n. 23, jul. 2014. p. 24- 27. Disponível em: <https://seajerj.org.br/2016/09/28/ecologia-urbana-interacao-sociedade-natureza-um-campo-novo-derivado-da-ecologia-tradicional/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SEIFFERT, Mari E. B. **Gestão Ambiental**: instrumentos, esferas de educação ambiental. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

SILVA JUNIOR, Cicero F.; ALMEIDA, Ricardo Santos; VERAS, Gabriel da Silva. Do conceito de Geografia urbana ao surgimento das cidades: o jogo como proposta para ensino e aprendizagem em Geografia. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 10.; FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 11., 2017, Aracaju, SE. **Anais eletrônicos** [...]. Aracaju, SE: Universidade Tiradentes, 2017.



GEOEDUCAÇÃO EM ÁREAS URBANAS: REFLEXÕES SOBRE POTENCIAL EDUCATIVO DO MONUMENTO NATURAL FLORESTA FÓSSIL, TERESINA, PIAUÍ

Francisco Wellington de Araujo Sousa

Instituto Federal do Piauí

E-mail: Wellingtongeo88@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho consistiu em discutir o potencial educativo do Monumento Natural Floresta Fóssil, refletindo sua importância no contexto da geoeducação para o conhecimento da geodiversidade na capital piauiense. O Monumento Natural Floresta Fóssil constitui uma unidade de conservação localizada nas margens direita e esquerda do rio Poti, na cidade de Teresina, Piauí, com uma área de cerca de 32,5 ha. A metodologia adotada nessa pesquisa constou de levantamento bibliográfico em livros, artigos que abordam as temáticas discutidas no trabalho e realização de trabalhos de campo como base para sistematização e análise da área de estudo. Concluiu-se que a área da Floresta Fóssil compreende um espaço de suma importância para o entendimento de aspectos geológicos da Bacia Sedimentar do Parnaíba, compreendendo sua formação, o paleoambiente e a relação com outros elementos da geodiversidade, como a hidrografia (Rio Poti), os solos e aspectos culturais da paisagem urbana da cidade de Teresina, sendo um local relevante para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental.

Palavras-chave: Patrimônio paleontológico; Geodiversidade; Geoeducação.

INTRODUÇÃO

A geodiversidade é representada pelos mais diversos elementos abióticos, isto é, os elementos geológicos e geomorfológicos das mais diversas paisagens (JORGE; GUERRA, 2016). Para Nascimento, Ruchys e Mantesso-Neto (2008, p. 10) “A geodiversidade, de forma simples, consiste em toda a variedade de minerais, rochas, fósseis e paisagens que ocorre no Planeta Terra”.

Vale destacar que a geodiversidade é dotada de um conjunto de valores, sendo eles: o intrínseco, o cultural, estético, econômico, funcional, o de pesquisa e educação (GRAY, 2004). Conforme Brilha (2005), o valor educacional está intimamente relacionado a educação em Ciências da Terra (quando se refere a geodiversidade), bem como as demais ciências. Brilha (2005, p. 40) ainda acrescenta que:



a educação em Ciências da Terra só pode ter sucesso se permitir o contato direto com a geodiversidade. Quer no que respeita a atividades educativas formais, de âmbito escolar, quer a atividades educativas não formais, dirigidas ao público geral, as saídas de campo permitem à geodiversidade um extraordinário valor educativo.

Dada a importância da geodiversidade, a presente pesquisa vislumbra explanar o potencial educativo de áreas com relevante geodiversidade em espaços urbanos, enfatizando o papel da geoeducação nesse processo. Dessa maneira, a geoeducação pode ser entendida conforme Moura-Fé et al. (2005, p. 834) como “um ramo específico da educação ambiental a ser aplicado na geoconservação do patrimônio natural, e que seja tratado, fomentado e desenvolvido nos âmbitos formais e/ou não formais do ensino”.

Soares, Nascimento e Moura-Fé (2018, p. 1) comentam que a “base teórica da geoeducação tem encontrado importante aporte no escopo teórico-metodológico da Educação Ambiental. Para os referidos autores, essa base teórica deve “embasar a elaboração de um conjunto de ações e estratégias de aplicação nos níveis formais e não-formais do ensino, em meios urbanos ou rurais” (SOARES; NASCIMENTO; MOURA-FÉ, 2018, p. 1).

Nesse contexto, o estudo tem como objeto de análise o Monumento Natural Floresta Fóssil, importante unidade de conservação (UC) situada na zona urbana de Teresina, Piauí. Desse modo, como forma de ampliar os estudos sobre a Floresta Fóssil, o objetivo do trabalho consiste em discutir o potencial educativo dessa UC, refletindo sua importância no contexto da geoeducação para o conhecimento da geodiversidade na capital piauiense.

A metodologia adotada nessa pesquisa constou de levantamento bibliográfico em livros, artigos que abordam as temáticas discutidas no trabalho e realização de trabalhos de campo como base para sistematização e análise da área de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O Monumento Natural Floresta Fóssil está localizado numa área de aproximadamente 32,5 ha, às margens do rio Poti na zona urbana de Teresina, capital do Piauí, com coordenadas de 5°05'12" S e 42°48'42" W. A área considerada abrange as duas margens do rio Poti, sendo a margem direita situada no bairro Noivos neste lado encontra-se no terraço aluvial do rio e do lado esquerdo situada no bairro Ilhotas (VASCONCELOS; LIMA; MORAES, 2016).

A Floresta Fóssil está situada na Formação Pedra de Fogo, pertencente ao grupo Balsas da Bacia Sedimentar do Parnaíba. Esta formação é caracterizada pela abundância das estruturas de sílica encontradas, com espessura estimada em 100 metros e sedimentação caracterizada por um ambiente marinho raso, onde na última camada ocorrem os fósseis de madeira silicificada, frequentemente associados aos siltitos e arenitos avermelhados (SOUSA, 1994; VASCONCELOS; LIMA; MORAES, 2016).

Nesse sentido, a geodiversidade da área de estudo encontra-se relacionada às características geológicas e paleontológicas que ocorrem em seu ambiente, composta por rochas datadas do Permiano da era Paleozoica, sendo depositadas há mais de 250 milhões de anos. A relevância paleontológica compreende os afloramentos de troncos fossilizados, que estão presentes no leito e na planície aluvial do rio Poti, encontrados nas duas margens desse rio.

Toda essa geodiversidade tem uma íntima relação com os significativos elementos da biodiversidade e da cultura no âmbito de sua localização na zona urbana de Teresina, proporcionando inúmeras formas de realizar o geoturismo e a atividade de geoeducação, fundamentais para promover o conhecimento da história geológica e do paleoambiente que caracteriza a formação da Bacia Sedimentar do Parnaíba.

É importante colocar que muitas estratégias podem ser implementadas para desenvolver e auxiliar em atividades de campo e no geoturismo no Monumento Floresta Fóssil com vistas à prática da educação ambiental com foco na geoeducação. Entre os meios pode-se destacar as trilhas e painéis



interpretativos, que possibilitam o contato pessoal com a área, estimulando a formulação de perguntas, aguçando a curiosidade e fornecendo informações dos principais aspectos da geodiversidade da área.

CONCLUSÃO

O Monumento Natural Floresta Fóssil possui um grande valor científico e educacional, com grande potencial didático, por apresentar troncos fossilizados em posição de vida, sendo vestígios de uma floresta que existiu há cerca de 250 milhões de anos, localizada na zona intertropical do planeta.

A observação e análise dos aspectos da geologia, hidrografia e dos fósseis que se encontram nessa unidade de conservação configuram-se como elementos de suma importância para o ensino e aprendizagem de conceitos que versam a geodiversidade em espaços urbanos, visando principalmente o entendimento da relação com aspectos bióticos (fauna e flora) da área e da paisagem do entorno.

Portanto, existem diversos meios que possibilitam o desenvolvimento de práticas da geoeducação como forma de conhecimento da geodiversidade na Floresta Fóssil, a exemplo das trilhas interpretativas e o uso de painéis informativos. Todas essas ações, além de muitas outras dão condições para uma educação ambiental e geoconservação em relação ao patrimônio geológico e paleontológico da área.

REFERÊNCIAS

BRILHA, J. **Patrimônio geológico e geoconservação**: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage, 2005.

GRAY, M. **Geodiversity**: Valuing and Conserving Abiotic Nature. England: John Wiley & Sons, Chichester, 2004.

JORGE, M. do C. O. GUERRA, A. J. T. Geodiversidade, Geoturismo e Geoconservação: conceitos, teorias e métodos. **Revista Espaço Aberto**: Rio de Janeiro – RJ, v.6, n. 1, p. 151-174, 2016.

MOURA-FÉ, M. M.; PINHEIRO, M. V. A.; JACÓ, D. M.; OLIVEIRA, B. A. Geoeducação: a educação ambiental aplicada na geoconservação. *In*:



SEABRA, G. (org.). **Educação Ambiental & Biogeografia**. 1 ed. Ituiutaba-SP: Barlavento, 2016, p. 829-842. (v. 2).

NASCIMENTO, M. A. L. do. RUCHKYS, Ú. A. MANTESSO-NETO, V. **Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo**: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. [s. l; s. n], 2008.

SOARES, L. N.; NASCIMENTO, R. L.; MOURA-FÉ, M. M. Proposta de aplicação da geoeducação no GeoPark Araripe. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 12., 2018, Crato/CE. **Anais de Trabalhos Completos** [...].Crato/CE, 2018.

SOUSA, C. A. V. O Parque Municipal Floresta Fóssil do Rio Poti. *In*: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. **Cadernos de Teresina**. Ano 8, n. 17, 1994. p. 25 – 28.

VASCONCELOS, M. V. de; LIMA, I. M. de M. F; MORAES, M. V. A. R. Floresta fóssil do rio Poti em Teresina, Piauí: porque não preservar? **Revista Equador**, Universidade Federal do Piauí, v. 5, n. 3 (Edição Especial 2), p. 239 – 259, 2016.



GEOTECNOLOGIAS E O SIG NA EDUCAÇÃO PARA O ENSINO BÁSICO

Ian Felipe Nascimento

Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC

E-mail: nascimentoian31@gmail.com

Tereza Genoveva Nascimento Torezani Fontes

Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC

E-mail: tgfontes@uesc.br

RESUMO

A importância das geotecnologias e dos conhecimentos geográficos no desenvolvimento do ensino básico, o trabalho pretende discutir e estimular estudos que utilizem as geotecnologias como metodologia de ensino, em prol do desenvolvimento social e consciente. O objetivo do trabalho é demonstrar a relevância das geotecnologias e do Sistema de Informação geográfico nas metodologias no ensino da educação básica. As etapas metodológicas na construção do trabalho foram: Pesquisa bibliográfica, artigos, revista, análise quantitativa e para reflexões críticas a respeito da temática abordada pelo estudo. O estudo evidenciou a relevância das geotecnologias no ensino da educação básica, ferramentas que podem auxiliar na detecção de degradações, conservação e desmatamento florestal, em plataformas como *Google Earth* que pode estimular os sentidos da localização dos alunos, o *Mapbiomas* para demonstrar as queimadas florestais, e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com práticas lúdicas sobre o uso do solo por meio de imagens digitais.

Palavras-chave: Educação; Geotecnologias; Ensino.

INTRODUÇÃO

As práticas socioambientais são marcadas pelo abuso de poder, pela destruição e extinção do ecossistema, demonstra a necessidade da educação como agente transformador e para tal as ferramentas geoecológicas e o BDIAS e o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) e o Sistema de Informação Geográfico (SIG), podem ser auxiliares no despertar do discente na educação no ensino básico. Podendo ser amplificada metodologicamente no aprendizado social que vise o desenvolvimento do ser humano. As etapas metodológicas na construção do trabalho foram: Pesquisa bibliográfica, análise quantitativa e o uso de artigos, revista para reflexões críticas a respeito da temática abordada pelo estudo.



O objetivo do trabalho é demonstrar a relevância das geotecnologias e do SIG nas metodologias no ensino para a educação básica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que significa geotecnologias? São conjuntos de técnicas e métodos científicos aplicados à análise, à exploração, ao estudo e à conservação dos recursos naturais, considerando diferentes escalas e a informação espacial (localização geográfica), somando-se em contribuições as mais diversas formações. As geotecnologias também são usadas para estudar a paisagem (topografia, hidrografia, geologia e geomorfologia) e variáveis ambientais (temperatura, pluviosidade e radiação solar), analisar e auxiliar na prevenção de desastres naturais (enchentes, terremotos e erupções vulcânicas), além de gerenciar e de monitorar a atividade humana (infraestrutura, agropecuária e dados socioeconômicos). As múltiplas interações de técnicas são integradas a *hardware* satélites, câmeras, GPS, computadores (GOMES *et al.*, 2014).

O que é o sistema de informação geográfica os SIGs podem conter arquivos digitais no formato *raster* (imagens de satélite e fotos aéreas) ou vetorial (pontos, linhas ou polígonos). A análise das informações contidas num SIG permite que se elaborem mapas, gráficos, tabelas e relatórios que representam, digitalmente, a realidade do mundo real. Uma das vantagens de se usar um SIG é que ele pode trabalhar com imensas bases de dados e transformá-las em mapas, que serão analisados, individualmente, ou combinados com outros mapas e informações para gerar conhecimento estratégico (GOMES *et al.*, 2014).

Os objetivos de aprendizagens e competências são divididos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os professores podem utilizar diferentes recursos e metodologias de ensino, colocados em prática por meio da didática em sala de aula (SILVA; ZUCHERATO; PEIXOTO, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O estudo evidenciou até o momento a relevância das geotecnologias no ensino da educação básica, as plataformas Mapbiomas e BDIAS do IBGE, dados quantitativos e imagens digitais que podem ser colaborativo no ensino metodológico da educação básica. Os dados da Coleção 1 do MapBiomas Fogo apresentam os impactos do fogo sobre o território nacional ao longo de 36 anos (1985 e 2020). A cada um desses anos, o Brasil queimou uma área maior que a da Inglaterra: foram 150.957 km² por ano, ou 1,8% do país. O acumulado do período chega a praticamente um quinto do território nacional: 1.672.142 km², ou 19,6% do Brasil, sendo que 65% do total da área queimada foi de vegetação nativa; Dados de desmatamento e crescimento da vegetação secundária para todos os biomas brasileiros no período de 1988 a 2018 (MAPBIOMAS, 2020).

Dados que podem ser trabalhados por meio de imagens digitais representando os dados quantitativos de forma lúdica para os alunos do ensino básico. A partir do estudo e reflexões as geotecnologias no ensino básico, evidenciar o direito ao desenvolvimento reafirmando equitativamente às necessidades de proteção e conservação dos ecossistemas para as gerações presentes e futuras.

CONCLUSÃO

Observou-se, diante pensamentos críticos a respeito da temática abordada, debatida e estudada, que é evidente a necessidade de uma abordagem sistêmica e transdisciplinar das geotecnologias com as metodologias de profissionais na educação e de políticas públicas que invistam em equipamentos para aulas de cartografias digitais, sendo inclusiva e acessível para os alunos no ensino básico.

REFERÊNCIAS

GOMES. R. L. et al. Geotecnologias e Geoinformação, Brasília-DF, **Embrapa**, v. 4, p. 34-35. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/107363/1/500P-Geotecnologias-e-geoinformacao-ed01-2014.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.



IBGE. **Banco de informações ambientais**. 2021. Disponível em: <https://bdiaweb.ibge.gov.br/#/home>. Acesso em: 13 fev. 2022.

MAPBIOMAs, 2020. Disponível em: <https://mapbiomas.org/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

SILVA, O. V.; ZUCHERATO. B.; PEIXOTO, B. W. D. A IMPORTÂNCIA DAS GEOTECNOLOGIAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA. **Revista Georaguia**, p.202-226, v.11. nº Especial Geotecnologias, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/12766>. Acesso: 13 fev.2022.



ABORDAGEM DO ENSINO DA GEOPOLÍTICA SOB A PERSPECTIVA DO TERRITÓRIO PIAUIENSE

Victor Augusto Araújo de Jesus

Universidade Federal do Piauí-UFPI

E-mail: va688876@gmail.com

Sabrina Reis de Almeida

Universidade Federal do Piauí-UFPI

E-mail: sabrinareis@ufpi.edu.br

Raimundo Jucier Sousa de Assis

Universidade Federal do Piauí-UFPI

E-mail: raimundojucier@yahoo.com.br

RESUMO

Abordando o ensino da temática da geopolítica na grade curricular de Geografia dos anos finais do ensino fundamental do estado do Piauí. Dessa forma, buscamos apresentar um cotidiano dos discentes abordando os efeitos das relações entre o mercado exterior e o território piauiense para formação de cidadãos críticos sobre o olhar da dinâmica territorial. Nessa perspectiva, a análise do último currículo pedagógico desenvolvido pela Secretaria de Educação do Piauí (SEDUC) no ano de 2020 se desenvolveu para destacar os pontos que trabalham sobre o aspecto do ensino da geopolítica nas aulas para mostrar que os eventos debatidos e as relações entre as nações têm influência em vários aspectos da vida aproximando os discentes com a temática criando um vínculo que facilite a abordagem da didática e ajudando na construção da imagem do funcionamento do mundo e suas particularidades que ocorrem devido os efeitos das relações antrópicas no espaço geográfico.

Palavras-chave: geopolítica; ensino; Piauí.

INTRODUÇÃO

A visão geopolítica pode ser usada como uma ferramenta proporcionando compreensão sobre a dinâmica do território, precisamente o piauiense, para as gerações futuras como forma de aproximar o conteúdo com a identidade territorial dos discentes no Piauí, seguindo o currículo pedagógico da disciplina de Geografia desenvolvida em 2020 pela secretaria de educação uma forma de promover o estudo sobre a geopolítica mais



próximo na sala de aula e potencializar as habilidades propostas da temática para o crescimento intelectual e pessoal.

Nessa perspectiva, problematizamos aqui como o desenvolvimento de novos materiais sobre a geopolítica no contexto escolar que visa suprir a necessidade de falta de produções sobre o assunto para utilizar a geopolítica como uma ferramenta que ajude os discentes a compreender qual é o papel que o território piauiense exerce no contexto exterior? Em termos de procedimentos metodológicos, a investigação tem se organizado em dois eixos bibliográficos: um primeiro baseado no levantamento e interpretação dos currículos pedagógicos e suas habilidades do ensino básico sobre o ensino da geopolítica.

Um segundo eixo diz a respeito dos levantamentos de autores e suas produções que contribuíram para a linha teórica aqui desenvolvida. Portanto, com o objetivo de analisar o componente curricular dos anos finais do ensino fundamental da disciplina de Geografia para a identificação da temática sobre a abordagem da geopolítica e em específico desenvolver práticas pedagógicas que estimulem o pensamento sobre a espacialização do território piauiense e destacar a dinâmica econômica que acontece no Piauí e o seu contexto no comércio exterior e suas características no território.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O debate da geopolítica no ensino da Geografia no ensino básico proporciona um efeito na sociedade na perspectiva de uma visão territorial e do vínculo com o estado de origem e é através do Estado-Nação que a Geopolítica aparece tradicionalmente nos manuais acadêmicos que tratam do problema, bem como, de maneira semelhante, nos livros didáticos e nos conteúdos a serem trabalhados em nosso cotidiano na escola. (GIROTTI; SANTOS, 2012).

Dessa forma, o ensino da Geografia tem o propósito de auxiliar na formação do cidadão segue uma competência da reflexão sobre o território



e suas escalas e o ensino da geopolítica segue os requisitos sobre essa lacuna pois , a abordagem multiescalar tem como suporte o entendimento da necessária articulação dialética entre escalas locais e globais na construção de raciocínios espaciais complexos, como se requer hoje para o entendimento da realidade (CAVALCANTI, 2005).

Por isso, desenvolver a geopolítica na perspectiva do território piauiense como forma de atrair os alunos hoje e tornar a dinâmica que acontece no Piauí mais acessível nessa abordagem. Como ressaltam (GIROTTI; SANTOS, 2012), é possível falarmos também de uma dimensão interna da Geopolítica, uma vez que a resposta para muitas questões do mundo contemporâneo exige análises para além daquela atrelada à escala nacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A perspectiva geopolítica piauiense ocorre devido ao novo arco agrícola do MATOPIBA que está localizado na faixa de cerrado no sudoeste piauiense contendo as características necessárias seguiu o raciocínio econômico da exportação da soja para atender a demanda chinesa de acordo com o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) apesar da produção interna, a China é dependente de compras de alimentos em setores específicos, caso da soja, em que 80% do volume consumido é importados.

Analisando o documento oficial "Oportunidades de Exportações e Investimentos para o Piauí", elaborado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) informa que o setor agrícola responde por 87,2% das exportações piauienses e os principais produtos comercializados são soja e associados, como farelo de soja e gorduras e óleos vegetais. Desse modo, a pauta exportadora é intensiva em produtos primários e recursos naturais, sendo que mais de três quartos das exportações têm como destino a China.

CONCLUSÃO



O estudo da geopolítica presente nas salas de aulas é seguida de uma visão externa sem esquecer a importância desse tópico no desenvolvimento social dos discentes. No entanto, discutir as relações que o Piauí exerce no debate global e o legado dessas atividades no território piauiense permite o debate nos âmbitos: sociais, econômicos e ambientais. Portanto, ressaltamos que as ações que ocorrem nesse território não estão distantes da dinâmica global dos questionamentos sobre insegurança alimentar e conservação ambiental, dessa forma uma iniciativa de compreender a realidade presente no Piauí exportador.

REFERÊNCIAS

Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). **Perfil e Oportunidades de Exportações e Investimentos 2020**. Piauí, 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2005.

GIROTTI, E. D.; SANTOS, D. A. A geopolítica e o ensino de geografia: propostas para a retomada do diálogo. **Geografia**. Ensino & Pesquisa (UFSM), v. 15, p. 139-153, 2012.

PIAUI. **Currículo do Piauí**: um marco para educação do nosso estado: educação infantil, ensino fundamental. Rio de Janeiro, 2020.



USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA CIDADE DE BURITI DOS LOPES ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO

Joseane Maria da Conceição
Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: joseanejosi2014@gmail.com

Roneide dos Santos Sousa
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
E-mail: roneidesousa@ufpi.edu.br

RESUMO

A pesquisa trata do uso dos princípios do raciocínio geográfico no Ensino de Geografia a partir do tema de uso e ocupação da cidade. Tem por objetivo propor um planejamento organizado a partir dos campos de conhecimentos do raciocínio geográfico para o tema de uso e ocupação da terra na cidade de Buriti dos Lopes (PI), a fim de contribuir para o ensino de Geografia das escolas públicas da cidade. Como metodologia teve-se levantamento bibliográfico acerca da temática e a elaboração da proposta metodológica adaptada de Castellar (2020). Como resultados foi realizada uma proposta para a temática de uso e ocupação da terra onde permitiu evidenciar os campos e os mobilizadores de conhecimento a partir da situação geográfica de uso e ocupação da terra para a cidade de Buriti dos Lopes (PI). Conclui-se que a proposta contribui para o ensino de Geografia incentivando e envolvendo o alunado, a partir de situações geográficas provocadoras e significativas.

INTRODUÇÃO

A pesquisa, trata da importância do raciocínio geográfico para o desenvolvimento do ensino de Geografia, principalmente em relação ao entendimento dos aspectos físicos-naturais a partir da realidade local. Busca-se apresentar a compreensão da dinâmica do uso e ocupação da terra, contribuindo para o entendimento dos fenômenos sociais e ambientais em que os alunos estão inseridos.

O presente estudo se utiliza da metodologia do raciocínio geográfico, este que propicia exercitar no aluno o pensamento espacial, para isso aplica determinados princípios como a analogia, a identificação, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.



Ao analisar o processo de crescimento urbano na cidade de Buriti dos Lopes e como esse processo pode gerar impactos ambientais, os alunos devem pensar na questão da conexão, da causalidade, localização e das condições geográficas, por exemplo, que visem entender de que forma o crescimento desordenado e sem planejamento pode trazer consequências negativas para determinada área.

Dessa forma, a pesquisa tem-se por objetivo propor um planejamento organizado a partir dos campos de conhecimentos do raciocínio geográfico para o tema de uso e ocupação da terra na cidade de Buriti dos Lopes (PI), a fim de contribuir para o ensino de Geografia das escolas públicas da cidade. Como metodologia teve-se levantamento bibliográfico acerca da temática e a elaboração da proposta metodológica adaptada de Castellar (2020).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma maneira de se exercitar o pensamento espacial é através do raciocínio geográfico, por meio de princípios que permitem compreender aspectos fundamentais da realidade, que vão desde a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial até as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas (BRASIL, 2017). O raciocínio geográfico, através do pensamento espacial, busca consolidar a Geografia no currículo escolar através de fundamentos e de novas abordagens de ensino que integram a didática e os conceitos geográficos, contribuindo para a compreensão dos fenômenos e aspectos geográficos em que os alunos estão inseridos (CASTELLAR; JULIASZ, 2017).

O ensino de Geografia através do raciocínio geográfico, propicia ao aluno entender a dimensão da produção social do espaço e os efeitos dessa produção em escala local e global, por meio das metodologias que proporcionam uma melhor compreensão daquilo que o circula tornando-o capaz de pensar formas de agir para solucionar problemas (FERREIRA, 2017).



Segundo Luz Neto (2019) promover estratégias que relaciona o processo de ensino-aprendizagem na escola com os procedimentos teórico-metodológicos da Geografia, proporcionando aos alunos a compreensão dos fenômenos espaciais de forma crítica e reflexiva.

Castellar (2020) afirma que existem cinco campos de conhecimentos do raciocínio geográfico (os processos cognitivos, os conceitos de relações espaciais, a representação espacial, as categorias e princípios geográficos e a situação geográfica) que incorporados aos três campos de conhecimentos do pensamento espacial (representações espaciais, conceitos de relações espaciais e aos processos cognitivos.) assegura-se o vocabulário geográfico tendo como finalidade o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Dessa forma, Castellar (2020) afirma ainda que a análise geográfica por meio das práticas pedagógicas, com base no estatuto epistemológico e a partir de uma situação geográfica, o professor pode qualificar e aprofundar o entendimento dos conteúdos para além do vocabulário geográfico e construir suas estratégias de ensino com coerência ao problema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultados elaborou-se uma proposta didática de estratégias pedagógicas, como a aprendizagem baseada em problemas (ABP) e o ensino por investigação (EI), para a temática de uso e ocupação da terra para a cidade de Buriti de Lopes (PI), considera-se na proposta o levantamento de questões problemas nos quais permite a construção de um caminho para se chegar a um resultado desejável no processo de ensino-aprendizagem.

A proposta foi organizada no ambiente digital *Canva*, onde pode ser acessado e feito o *download* para adaptação a partir de outras situações geográficas, no link <https://encurtador.com.br/uBCIX>.

Foi organizado nos campos de conhecimentos (situação geográfica, categorias e princípios geográficos, representação espacial, conceitos de



relações espaciais e processos cognitivos) e mobilizadores (perguntas disparadoras e etapas da ação) do raciocínio geográfico.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a proposta contribui para o ensino de Geografia incentivando e envolvendo o alunado, a partir de situações geográficas provocadoras e significativas. A proposta foi desenvolvida mediadas pelas tecnologias digitais, mais pode ser adaptadas em sala de aula, levando fotos e mapas da cidade, além de determinar diferentes situações geográficas para análise, a citar moradias, problemas ambientais, espaço urbano, paisagem, aspectos físicos-naturais entre outras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2017.

CASTELLAR, S. M. V.; JULIASZ, P. C. S. Educação Geográfica e Pensamento Espacial: conceitos e representações. **Acta Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial p.160-178, 2017.

CASTELLAR, S. M. V. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, jan./jun., 2020.

FERREIRA, V. C. **A construção do raciocínio geográfico- reflexões de um professor pesquisador sobre o trabalho de campo**. Dissertação-Mestrado em Geografia- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores, 2017.

LUZ NETO, D. R. S. **O desenvolvimento do raciocínio geográfico na aula de geografia: desafios e possibilidades do professor**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de Brasília, Brasília, 2019.



AULA DE CAMPO NO ENSINO DE CIDADE: DISCUTINDO OS PROBLEMAS URBANOS COM ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ALTOS-PI

Mara Cristina de Lira Oliveira

Aluna da Especialização em Geografia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI

E-mail: maracris22@hotmail.com

Samuel José da Silva

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

E-mail: sam.geografia2021@gmail.com

José Lucas Costa Ribeiro

Mestre em Geografia - UFPI e Doutorando em Geografia - UFS

E-mail: lucasribeiro.geo@gmail.com

RESUMO

Este presente artigo traz uma discussão sobre o ensino de cidade, ao abordar o espaço urbano por meio da aula de campo no ensino de Geografia. De forma geral, visa discutir a contribuição da aula de campo para o ensino de cidade, a partir da observação de problemas urbanos por alunos do ensino médio de uma escola pública da cidade de Altos-PI. Ao colocarmos para os alunos do 3º ano do ensino médio a proposta de visitar seu bairro, ou uma área específica da cidade de Altos-PI, para realizar levantamento sobre os principais problemas urbanos da cidade, provocamos os nossos alunos a ver de forma concreta no espaço aquilo que estudam em forma de conceitos em sala de aula. Desse modo, percebemos que a realização do campo possibilitou despertar nos alunos a aproximação teoria e prática, problematizando os problemas urbanos presentes na cidade de Altos.

Palavras-chave: aula de campo; problemas urbanos; cidade de Altos-PI.

INTRODUÇÃO

A produção e reprodução do espaço urbano capitalista nos remete não só a produção de riqueza, mas também evidencia as formas contraditórias de apropriação do espaço, bem como as desigualdades e problemas que emergem nas paisagens das cidades, sejam elas grandes, médias ou pequenas.

O ensino de cidade na perspectiva da ciência geográfica pode propiciar, ao abordar o espaço urbano por meio da aula de campo, a



Nessa discussão, as autoras defendem o exercício da cidadania e o direito a cidade sob vários aspectos, especificamente, o direito a tecnologia para se interconectar ao mundo globalizado, tornando-se um ser político no ato de entender seus direitos e deveres na sociedade.

Outra possibilidade que pode contribuir e conciliar com práticas pedagógicas dinâmicas, é a aula de campo, que, por meio de atividades congregadas no pré-campo, campo e pós-campo, permite ao estudante um olhar para além dos muros da escola, contribuindo para um melhor entendimento da Geografia na prática cotidiana (SILVA *et al.* 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando iniciamos a discussão acerca do processo de urbanização, principalmente no ensino médio, buscamos exemplificar com as grandes cidades e centro urbanos, esquecendo muitas vezes de mencionar sobre as cidades pequenas, uma realidade próxima, que apesar de em ritmos diferentes, também experimenta o processo de urbanização, e apresenta também problemas ocasionados por esse processo. Ao colocarmos para os alunos do 3º ano do ensino médio a proposta de visitar seu bairro, ou uma área específica da cidade de Altos-PI, para realizar levantamento sobre os principais problemas urbanos da cidade, provocamos os nossos alunos a ver de forma concreta no espaço aquilo que estudam em forma de conceito em sala de aula.

Após as apresentações dos resultados em forma de textos, podemos perceber que os nossos alunos tiveram a possibilidade de ver além do que costumavam visualizar, ao serem questionados dos problemas existentes na sua comunidade/bairro/cidade, perceberam as fragilidades que a mesma sofria por parte do poder público, problemas esses que poderiam muito bem ser resolvido de forma prática.

Além disso, nossos alunos foram capazes de enxergar no espaço todas as ações provocadas pelo processo de urbanização e da própria produção



do espaço urbano, realizada de forma desordenada e sem planejamento, problemas como falta de água em alguns bairros, ruas esburacadas, problemas no tráfego no centro da cidade e habitações em áreas com fragilidade ambiental.

CONCLUSÃO

Desse modo, podemos perceber que com a utilização de práticas didáticas, como é o caso da aula de campo, ajudamos nossos alunos a saírem da sala de aula, e a interagir e visualizar os conceitos relacionados a produção do espaço urbano, ligando esse conceito com algo real, com problemas de um mundo real. Assim, discutir cidade não fica restrito somente aos grandes centros urbanos, mas também a cidades pequenas. Ainda, fazendo-os entender que a necessidade de planejar a cidade ajuda na sua articulação e funcionamento mais igualitário, e que são justamente nesses centros urbanos que os problemas começam, e é nesses centros que se tem a necessidade de trabalhos.

REFERÊNCIAS

ALELAF, Alice Silva Costa; PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. As Contribuições da Geografia para o Ensino de Cidade e a Formação Cidadã. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 11, n. 21, p. 05–25, 2021. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/971>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RIBEIRO, José Lucas Costa. **Produção do espaço urbano e da habitação na cidade de Altos-PI**: Programa Minha Casa Minha Vida e dinâmicas recentes. 220f. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

SILVA, Samuel José; RIBEIRO, José Lucas Costa; OLIVEIRA, Mara Cristina de Lira; PAULA, Maria Luzineide Gomes. A aula de campo como estratégia no ensino de geografia: considerações sobre a experiência com uma turma de 6º ano de uma escola pública de Teresina/PI. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 14, n. 3, p. 78-92, 2020. Disponível em: <http://www.uvanet.br/rhet>. Acesso em: 11 fev. 2022



O ENSINO DA BIOGEOGRAFIA ESCOLAR: AULA DE CAMPO NO MONUMENTO NATURAL DA FLORESTA FÓSSIL DO RIO POTI, NA CIDADE DE TERESINA –PI

Lucas Alves Pereira

Universidade Federal do Piauí
E-mail: lucaspereira@ufpi.edu.br

Dithara Evely Campelo

Universidade Federal do Piauí
E-mail: dithara_evely@ufpi.edu.br

Bartira Araújo da Silva Viana

Universidade Federal do Piauí
E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

RESUMO

As práticas de ensino em Geografia ficaram presos a leituras em livros didáticos, reverberando numa antipatia dos alunos a esta ciência. Assim, tendo em vista as dificuldades enfrentadas no âmbito escolar e a desmotivação no ambiente educacional, torna-se necessário o uso de estratégias didáticas que facilitem a relação entre professores e alunos. Portanto, novas metodologias precisam ser utilizadas para haver um maior interesse nos conteúdos da ciência geográfica. Nesse sentido, inserida na área urbana de Teresina, capital do estado do Piauí, o Monumento Natural da Floresta Fóssil do rio Poti, é uma Unidade de Conservação (UC) que pode ser usado como recurso didático visando a aprendizagem de aspectos biogeográficos nas aulas de Geografia. Assim, o objetivo da pesquisa foi propor o uso da aula de campo no Monumento Natural da Floresta Fóssil do rio Poti como ferramenta metodológica para o ensino da biogeografia escolar. A metodologia do estudo pautou-se no levantamento bibliográfico em livros e artigos científicos sobre o tema abordado, a exemplo da aula de campo. Constatou-se que o Monumento Natural da Floresta Fóssil do rio Poti possui um rico acervo paleobiogeográfico, podendo contribuir para a construção de conhecimentos de maneira significativa, fora da sala de aula. Conclui-se que a aula de campo em UC pode ser um importante recurso didático facilitador do processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos da biogeografia escolar.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Geografia física; Aula de campo.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia, por muito tempo, foi pautado na descrição de um conjunto de informações acerca dos aspectos presentes na paisagem, causando uma desvalorização da ciência geográfica, como também a falta de interesse em aprender, por parte do alunado.



Os profissionais da educação da área da Geografia tentam constantemente desmistificar essa ideia, na medida em que abordam novas estratégias didáticas para uso na escola básica.

Explorar espaços para além da sala de aula na educação básica é uma metodologia que deveria ser mais explorada no ensino da ciência em que o objeto de estudo é o espaço geográfico. Assim, a aula de campo pode ser um instrumento facilitador para a construção do conhecimento geográfico visto que “[...] possibilita ao educando um motivo maior de aprender e de formar conhecimento pelo desafio do pensar crítico” (SOUSA *et al.*, 2016).⁰

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi propor o uso da aula de campo no Monumento Natural (MONA) da Floresta Fóssil do rio Poti como ferramenta metodológica para o ensino da biogeografia escolar. A metodologia do estudo pautou-se no levantamento bibliográfico em livros e artigos científicos, acerca do tema abordado, como na aula de campo ao Monumento Natural (MONA) da Floresta Fóssil do rio Poti, visto que essa prática de ensino pode ter um papel fundamental na abordagem do conhecimento biogeográfico acerca da cidade de Teresina, bem como da conservação das Unidades de Conservação (UC), contribuindo para o estudo deste conteúdo na escola básica de forma efetiva e dinâmica, visando uma aprendizagem significativa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Araújo, Pereira e Albuquerque (2019, p. 273), explicam que o professor de Geografia tem o papel de ensinar os alunos de que eles são sujeitos transformadores da sociedade e, conseqüentemente, do meio em que vivem, fazendo da atividade em campo uma metodologia que insere os estudantes no espaço vivido através do conteúdo ensinado em sala de aula.

Em cada cidade há uma especificidade no que diz respeito à utilização de espaços para a construção do conhecimento geográfico. A presença de fósseis e troncos petrificados do período Permiano permitem construir conhecimentos acerca do ambiente físico piauiense, mostrando como



ocorreu a evolução das plantas, assim como a sedimentação e clima da época, há 200 milhões de anos atrás (LIMA, 1998).

Sendo assim, para Araújo e Sobral (2020), o Monumento Natural da Floresta Fóssil do rio Poti pode interligar o espaço físico do ambiente urbano teresinense ao conteúdo aplicado em sala de aula, sendo um recurso importante para ser empregada na educação básica nas aulas de Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Colocar em prática, na atualidade, uma Geografia Crítica que faça o estudante reconhecer o local onde vive, fazendo-o sentir-se parte e responsável daquele lugar, é desafiador. Assim, a Geografia é uma disciplina escolar que é imprescindível na construção do conhecimento, a partir da vivência do espaço geográfico, e colocando a atividade em campo em uma posição importante. Corroborando com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 174), "ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou outra, fora de seu espaço de vivência, pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve."

A realização da prática em campo no Monumento Natural da Floresta Fóssil do rio Poti possibilitará o desenvolvimento de diversos conhecimentos geográficos, biogeográficos, geológicos, hidrográficos, fitogeográficos, paleobiogeográficos e, até questões sociológicas, colocando em evidência o deterioramento daquele espaço, assim como a necessidade de conservação de ambientes naturais.

Cumpre destacar que a interdisciplinaridade é uma maneira de suscitar diversos conteúdos em uma só aula, mobilizando professores de outras áreas do conhecimento, além da Geografia.

A aula de campo necessita de uma série de planejamentos a serem feitos, inclusive colocando nessa proposta desafios para os alunos,



incentivando-os a prática de pesquisador. Neste sentido, a aula de campo não pode ser considerada como um passeio de turismo, mas uma aula que deve ser organizada com objetivo e roteiro a serem seguidos, como por exemplo, indicando a necessidade de análise do acervo de fósseis, da fauna e flora, entre outros aspectos que circundam aquele espaço urbano. Deve-se destacar que o retorno a sala de aula deverá ser um “[...] momento para a discussão, para as contribuições que o estudo trouxe para o crescimento intelectual dos estudantes” (SOUSA *et al.*, 2016, [s.p.]).

CONCLUSÃO

A utilização de espaços urbanos podem qualificar como de grande valia para o ensino de Geografia Física e, conseqüentemente, da biogeográfica. A aula de campo no Monumento Natural da Floresta Fóssil do rio Poti proporcionará uma fonte de conhecimento para os estudantes da educação básica, visto que poderá contribuir para uma maior conscientização acerca da conservação de aspectos paleobiogeográficos presentes em Teresina.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alda Cristina de Ananias; SOBRAL, Ítalo José Pereira. Aula de campo no Monumento Natural da Floresta Fóssil do Rio Poti como ferramenta didática para o ensino de Geografia física. **Formare**. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.8, n. 1, p.96-110, jan. / jun. 2020.

ARAÚJO, Alda Cristina de Ananias; PEREIRA, Lucas Alves; ALBUQUERQUER, Emanuel Lindemberg Silva. Cidade educadora e ensino de Geografia: o Parque Lagoas do Norte- Teresina/PI em destaque. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UFPI, 1.; REUNIÃO ITINERANTE DO NÚCLEO DE ENSINO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA – NEPEG, 1., Teresina- PI, EDUFPI, 2019. Teresina, PI. **Anais** [...]. Teresina, 2019, p. 273- 347. Disponível em: https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/curso/documentos.jsf?lc=pt_BR&id=74208. Acesso em: 28 jun 2021.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. Fósseis da fauna e flora formam floresta petrificada do Poti. **Jornal Meio Norte**, Teresina, p. 5, 16 ago. 1998.

**II Seminário Nacional de
Ensino e Pesquisa do Curso de
Licenciatura em Geografia da
UFPI**



SOUSA, Cristiane Aureliano de; MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva; SILVA, José Adailton Lima; CABRAL, Laíse Nascimento. A aula de campo com instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental. **Revista Educação Pública**. Rio de Janeiro, 2016.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.



MÚSICA COMO LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Raimundo Nonato Vieira

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
E-mail: euraimundononatovieira@gmail.com

Rosa Maria da Conceição dos Santos

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
E-mail: rosinhamarya@gmail.com

Israel Soares de Santana

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
E-mail: israelsoares2@hotmail.com

RESUMO

Este estudo, de forma sintética, sublinha o papel e a importância do uso da música como recurso didático valioso no processo de ensino e aprendizagem da Geografia, envolvendo os pressupostos metodológicos, epistemológicos que versam sobre a formação da cidadania, da estrutura, da ideia, da textualidade e da complexidade ao tratar o ponto de vista geográfico, ante ao conceito de lugar, paisagem e cidade, nessa perspectiva, como um conjunto de objetos, de ações em suas múltiplas facetas e dimensões. Música como linguagem e representação do espaço urbano no ensino de geografia tem como objetivo reunir o melhor do pensamento teórico-reflexivo na apreensão e compreensão desta temática, admitindo e ressignificando a legitimidade e a relevância da música na construção do raciocínio geográfico.

Palavras-chave: Música; Cidade; Ensino de Geografia; Geografia urbana.

INTRODUÇÃO

A relação entre a Geografia e a Música tem despertado a atenção de Geógrafos e por sua vez acarreta inúmeras discussões teórico-reflexivas, em diferentes perspectivas, nos mais diversos sentidos, principalmente nos últimos anos, o que não só, consolida a relevância, bem como, justifica a escolha da presente temática, uma vez que, encontra-se no interior de preocupações relacionadas à Geografia escolar, tais como: habitus e qualidade docente; representação e leitura socioespacial do espaço da cidade e, ainda, comprovar a legitimidade e a importância do uso da música como um recurso didático valioso, certamente exercendo um grande impacto no pensamento



e nas práticas educativas ao cumprir o papel que lhe cabe, sob o enfoque do ensino e apreensão da cidadania, seja pela relevância e, ou caráter teórico-crítico e reflexivo presentes nas letras das músicas, articulando-se a leitura e compreensão dos conceitos geográficos de cidade, como por exemplo, urbanização, mobilidade, organização e segregação socioespacial, e, ainda, resgatando os ditos tradicionais, porém, bases fundamentais de análise e princípios do estatuto epistemológico desta ciência, ou seja, paisagem, território, região e lugar.

O objetivo principal do presente estudo, nesse eixo, é fomentar a apreensão e o uso da música como um recurso didático na linguagem e representação do espaço urbano no ensino de Geografia ao analisar diversos aspectos, textualidades e interações do alunado presentes nas letras e composições apontando abordagens da temática enunciada a fim de contribuir de forma efetiva para a formação do raciocínio geográfico de seu papel em relação com o meio urbano.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a música é a “expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura” (BRASIL, 2017, p. 196).

Do ponto de vista educacional, Sekeff (2002), destaca a música como uma atividade, uma fruição, um prazer, um movimento que se completa em nós, na escuta, e que nos mobiliza de forma única, singular, integrando sentidos, razão, sentimentos e imaginação. Mesmo porque é esse o jogo que sustenta sua prática caracterizada por uma ludicidade que motiva, entusiasma e educa.

Nesse viés, “a música surge como um elemento que pode favorecer o trabalho didático do Professor de Geografia e, se bem utilizada, fornece



possibilidades para as atividades desenvolvidas com os alunos” (OLIVEIRA; HOLGADO, 2016, p. 86). Por essa interpretação, o reconhecimento de Oliveira e Holgado (2016) aproxima ainda mais da discussão proposta por este estudo, a música como uma forma de determinados grupos se manifestarem elementos que são do seu interesse, e deve contemplar a compreensão das estruturas que fazem parte das suas vidas, seja pautada pelo seu entendimento como leitura e linguagem musical de diferentes forma a propiciar aos alunos leitura e interpretação do espaço geográfico, paisagem, lugar, território e região e estabelecer a sensibilização e concepção da realidade espacial de onde vive, nas mais diversas escalas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É bem verdade, nessa linha, que a temática, “a Cidade” e os conceitos geográficos relacionados a representação socioespacial do “Espaço Urbano” são retratados de forma constante nas composições desses músicos, o que estimula a partir daí, através da disciplina de Geografia, compreender como a música pode facilitar e contribuir de forma efetiva para o processo de apreensão e compreensão este objeto de conhecimento. Diante da proposta do presente estudo, foi realizado um levantamento de músicas que possam ser utilizadas como linguagem e representação do espaço urbano no ensino de Geografia, com o intuito de serem usadas em sala de aula. As letras das músicas que foram selecionadas estão apresentadas no Quadro 1.



Quadro 1 – Letras das músicas que retratam a representação do espaço urbano

TÍTULO/ COMPOSITOR	TRECHOS EM DESTAQUE
Conheço o meu lugar/ Belchior (1979)	[...] Ninguém é gente/Nordeste é uma ficção/Nordeste nunca houve/Não eu não sou do lugar/Dos esquecidos/Não sou da nação/Dos condenados/Não sou do sertão/Dos ofendidos/Você sabe bem/ Conheço o meu lugar.
Muros e Grades/ Engenheiros do Hawaii (1991)	Nas grandes cidades do pequeno dia a dia/ O medo nos leva a tudo, sobretudo a fantasia/ Então erguemos muros que nos dão a garantia/ De que morreremos cheios de uma vida tão vazia/ Erguemos Muros/ Nas grandes cidades de um país tão violento.
Aos exilados/Devotos (2016)	[...] Estou aqui para silenciar/Estou aqui para anda/ estou aqui para sorrir e cantar/ Estou aqui para viver e sonhar[...] E quando eu volto pra lá?/ HUMILHADO, DESPRESADO, EXILADO.../ UM REVOLUCIONÁRIO.
Súplica cearense/ O Rappa (2008)	Oh! Deus, perdoe esse pobre coitado/ Que de joelhos rezou um bocado Pedindo pra chuva cair, cair sem parar [...] Violência demais, chuva não tem mais/ Roubo demais, política demais/ Tristeza demais Interesse tem demais.
'Boa Esperança/'- Emicida (2015)	Por mais que você corra, irmão/ Pra sua guerra vão nem se lixar/ Esse é o xis da questão/ Já viu eles chorar pela cor do orixá?/ E os camburão o que são?/ Negreiros a retraficar/ Favela ainda é senzala, Jão!/ Bomba relógio prestes a estourar.

Fonte: Organização: os autores (2021).

CONCLUSÃO

Apesar de breve, o levantamento bibliográfico, teórico e conceitual apresentado, considerando que o artigo teve objetivo de discutir e fomentar o uso da Música como um importante recurso didático, que pode ser usado pelo professor de Geografia, na representação da dinâmica socioespacial das inquietações, preocupações ante aos problemas do espaço urbano da cidade. Ao final, as músicas apresentadas reafirmam a relevância e a importância de se discutir a compreensão e ressignificação, em termos de apreensão e compreensão teórico-metodológica desta temática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** 2017.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da Música – seus usos e recursos.** São Paulo: Unesp, 2002.

OLIVEIRA, V. H. N.; HOLGADO, F. L. Conhecendo novos sons, novos espaços: a música como elemento didático para as aulas de Geografia. In: DOZENA, A. (org.). **Geografia e Música: diálogos.** 1 ed. Natal: EDUFRN, 2016. p. 84-103.



O ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR E A SÍNDROME DE DOWN: ESTADO DA ARTE

Sarah Raquel de Matos

Universidade Federal do Piauí

E-mail: sarinha@ufpi.edu.br

Marcos Gomes de Sousa

Universidade Federal do Piauí

E-mail: marcosggomes77@hotmail.com

Bartira Araújo da Silva Viana

Universidade Federal do Piauí

E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

RESUMO

O referido trabalho foi motivado pela necessidade de se discutir a temática da pessoa com Síndrome de Down (SD) no processo de escolarização, sobretudo para o ensino de Geografia escolar, caracterizando a importância de uma educação inclusiva. A pesquisa torna-se importante, pois é uma temática que não é muito discutida no âmbito escolar e acadêmico, ou seja, há uma carência em relação à discussão acerca do ensino de Geografia escola e a SD. O referente trabalho tem como objetivo analisar as produções que contribuem para o estudo da temática do ensino de Geografia escolar e a Síndrome de Down. Conclui-se que há poucos trabalhos acerca do tema ensino de Geografia escolar e SD no Brasil, sendo preocupante, pois a cada ano vem aumentando o número de crianças com dificuldades de aprendizagem nas escolas, e pesquisas como essas contribuem para a prática docente mais efetiva e qualificada.

Palavras-chave: ensino; geografia; Síndrome de Down.

INTRODUÇÃO

O referido trabalho foi motivado pela necessidade de se discutir a temática da pessoa com SD no processo de escolarização, sobretudo para o ensino de Geografia escolar, caracterizando a importância de uma educação inclusiva. Além disso, o trabalho é caracterizado como uma pesquisa qualitativa acerca do estado da arte do tema central. Esse estudo partiu da seguinte problemática: Como estão sendo desenvolvidas as pesquisas sobre ensino de Geografia e SD? No âmbito das pesquisas sobre educação inclusiva, quais as contribuições dessas pesquisas acerca dessa temática?



As pesquisas acadêmicas sobre Educação Inclusiva crescem a cada ano, a partir disso foi notada a ausência de discussões sobre os alunos que tem Síndrome de Down e a Geografia Escolar. A pesquisa torna-se importante, pois é uma temática que não é muito discutida no âmbito escolar e acadêmico, ou seja, há uma carência em relação à discussão acerca do ensino de Geografia Escolar e a SD.

Dessa forma, foram utilizadas como metodologia na pesquisa leituras em artigos, teses e dissertações, visando um olhar crítico e reflexivo acerca da Síndrome e a Geografia, assim como levantamentos de trabalhos em dois bancos de dados, o Portal de Periódicos da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), de 2021 a 2022. Assim, o objetivo do presente trabalho é analisar as produções que contribuem para a temática do ensino de Geografia Escolar e Síndrome de Down.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A SD é caracterizada como uma alteração que ocorre nos cromossomos, acometido ainda no processo de formação do feto, ou seja, ainda na gestação. Silva, Silva e Schlünzen (2018, p. 133) mencionam que “[...] a maioria dos casos de pessoas que apresentam trissomia 21 é causada pela não disjunção, resultando em um cromossomo extra [...]”, ou seja, totalizando um total de 47 cromossomos.

Tal síndrome está intimamente relacionada com aspectos comportamentais e com o desenvolvimento intelectual do aluno. Nesse sentido, Cabral (2011, p. 15) afirma que “[...] as dificuldades cognitivas do aluno com SD não são próprias apenas de sua condição genética, mas advém de uma interação: dependem das características do aluno, do espaço educacional e familiar e da proposta educacional a ele oferecida”. Nesse sentido, pode-se perceber que, além do aluno ter a SD, existem outros fatores que podem interferir na aprendizagem.



A Educação precisa ser reformulada, principalmente quando se menciona a prática da educação inclusiva. Em relação a isso, Freitas (2018, p. 20) menciona que “[...] compreendemos por educação inclusiva uma educação que possa ser para todos, a qual propõe um contexto educacional que seja possível ensinar sem discriminação racial, social, financeira, de credo, gênero ou condição biológica e/ou genética”. Dessa forma, as instituições de ensino precisam realizar a prática da equidade no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, respeito à igualdade de direito à educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da investigação realizada no Portal de Periódicos CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram encontradas duas produções, sendo elas dissertações para obtenção de título de mestre em Geografia que abordam o tema ensino e aprendizagem de estudantes com Síndrome de Down no ensino de Geografia (Quadro 01):

Quadro 1 – Apresentação e distribuição das dissertações encontradas nos sistemas da CAPES e na BDTD, por Região, Estado e Instituição - (2011/2018).

Tipo	Região	Estado	Autor(a)	Título	Ano
DISSERTAÇÃO	Sul	PR	Danielle Tatiane da Silva Cabral	Lugares de pertencimento: alunos com Síndrome de Down geografando seus lugares.	2011
		RS	Juliana Santiago de Freitas	Percepções e práticas de professores da rede básica acerca do ensino de geografia para alunos com Síndrome de Down: um estudo de caso.	2018

Fonte: Bancos de Teses e Dissertações (2010 - 2022). Organizado por Sarah Raquel de Matos e Marcos Gomes de Sousa (2022).

A dissertação de autoria de Danielle Tatiane da Silva Cabral, da Universidade Estadual de Londrina, aborda a construção do conceito de lugar pelos alunos com SD, a partir da vivência do seu cotidiano, através de atividades pedagógicas desenvolvidas com os alunos com SD, por meio do programa *Power Point*, imagens da cidade de Porto Alegre e produção textual (CABRAL, 2011).



A partir disso, foi constatado que “[...] o lugar onde os alunos com SD se percebem e percebem o seu próprio lugar no mundo através de sua identidade subjetiva, proporciona uma leitura do mundo destes alunos no espaço real e virtual de Porto Alegre” (CABRAL, 2011, p. 12).

A segunda dissertação, elaborada pela autora Juliana Santiago de Freitas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), investigou como tem se dado a inclusão de alunos com SD no ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, através de entrevistas semiestruturadas com os professores participantes e sessões de observações diretas não participativas em sala de aula (FREITAS, 2018). Os resultados mostraram pontos negativos no que se refere “[...] à falta de orientação frente ao processo inclusivo, tanto na formação inicial, quanto nas formações continuadas e em serviço” (FREITAS, 2018, p. 9). Foi verificado que ocorre um avanço quanto à adaptação curricular, avaliação e disposição frente ao processo de ensino e aprendizagem das pessoas com SD.

CONCLUSÃO

As observações idealizadas por intermédio dos levantamentos bibliográficos nos repositórios do Portal de Periódicos da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), tornaram possível realizar uma análise sobre o estado da arte com a temática ensino de Geografia escolar e a SD. Dessa forma, foi possível evidenciar que há poucas produções sobre a temática, sendo muito preocupante, pois a cada ano vem aumentando o número de crianças com dificuldades de aprendizagem nas escolas, e pesquisas como essas contribuem para a prática docente mais efetiva e qualificada.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Danielle Tatiane da Silva. **Lugares de pertencimento:** alunos com Síndrome de Down geografando seus lugares. 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.



FREITAS, Juliana Santiago de. **Percepções e práticas de professores da rede básica de acerca do ensino de Geografia para alunos com Síndrome de Down**: um estudo de caso. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA, Tamires Aparecida Souza; SILVA, Ana Mayra Samuel da; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya. A geografia em uma perspectiva inclusiva: trabalhando o conceito de paisagem em um estudo de caso com uma estudante com Síndrome de Down. **Revista Geografia em atos**, Presidente Prudente, v. 7, n. 1, p. 132-146, dez. 2018. Acesso em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos>. Acesso em: 27 jan. 2022.



ENSINO DE CARTOGRAFIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA GEOGRAFIA

Luciano Mascarenhas da Silva Sousa

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

E-mail: lucianomascarenhas.ufpi@gmail.com

Emanuel Lindemberg Silva Albuquerque

Professor do Curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí - UFPI

E-mail: lindemberg@ufpi.edu.br

RESUMO

A leitura de mapas consiste num processo da leitura codificada de elementos reais presentes no espaço, sendo significativa para a interpretação espacial. Se aplica no processo de ensino e aprendizagem da educação infantil ao ensino médio e também na educação inclusiva. Contribui para compreensão dos mapas, propiciando aos alunos o desenvolvimento de competências e habilidades para compreender a representação do espaço. Este estudo objetiva abordar a importância do ensino da cartografia na educação inclusiva, destacando a importância do(a) professor(a) de Geografia neste processo. É uma pesquisa bibliográfica e documental sobre Ensino de Geografia (cartografia) e Educação Inclusiva. A partir das leituras sobre as temáticas, considera-se que: mapas são instrumentos didáticos para o Ensino de Geografia; são representações da realidade e podem ser aplicadas e adaptadas às diversas situações e necessidades de ensino em sala de aula.

Palavras-chave: Cartografia; Educação Inclusiva; Ensino; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O uso da Cartografia para Educação Inclusiva possibilita aos educandos com necessidades especiais ou distúrbios de aprendizagem a inclusão destes no processo de construção de conhecimentos sobre Cartografia e Geografia. Nesta perspectiva, a temática desta pesquisa está ligada ao contexto atual da educação básica brasileira que está voltada para uma educação democrática que visa o acesso de todos ao ensino, independentemente das necessidades e possibilidades de aprendizagens. Diante do exposto, surge o seguinte questionamento: como professores(as) de Geografia realizam/abordam o Ensino de Cartografia na Educação Inclusiva para discentes com necessidades de aprendizagem?



Para realizar a pesquisa adotou-se a pesquisa bibliográfica e documental em fontes diversas (impressas, eletrônicas e digitais) que abordam as temáticas educação inclusiva, ensino de Geografia e ensino de cartografia. Assim, tem-se como objetivo geral descrever sobre o ensino da cartografia e acessibilidade na educação inclusiva. Já os objetivos específicos, são: destacar a importância da Cartografia no processo de ensino e aprendizagem para alunos com necessidades especiais de aprendizagem; mostrar como o professor de Geografia conduz o processo de ensino e aprendizagem sobre Cartografia para alunos com necessidades de aprendizagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ler mapas consiste num processo de dominar a leitura codificada de elementos reais presentes no espaço, sendo uma tarefa prática e metodológica na interpretação de sistema de signos. De acordo com Almeida; Passini (2010, p. 17) "Ler mapas é um processo que começa com a decodificação, envolvendo algumas etapas metodológicas as quais devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz [...]". Destarte, ler mapas é ter a percepção de um todo organizado que pode, também, ser lido em partes, porém sem deixar de lado a totalidade do processo de construção de dados. Desse modo, há sempre dinamicidade na leitura e elaboração de mapas. Isto significa que a Cartografia não está presa à conteúdos e tem, sempre, uma dinamicidade e diversificação em representar o espaço buscar adaptações conforme suas necessidades de ensino e aprendizagem, possibilitando acessibilidade sobre o conhecimento cartográfico.

Sobre Educação Inclusiva, Rodrigues (2017.p.3), diz que "deve ser entendida como um processo social, onde todas as crianças portadoras de necessidades especiais e de distúrbios de aprendizagem têm o direito à escolarização o mais próximo possível do normal".



É importante ressaltar que, o termo educação inclusiva não deve ser confundido com Educação Especial, pois esta apresenta uma grande variedade de formas, incluindo escolas especiais, unidades pequenas e a integração das crianças com o apoio especializado. Neste aspecto, os (as) professores (as) de Geografia devem ter a dinâmica de trabalhar com educandos (as) no sentido integrador, trabalhando com a diversidade de alunos (as) e incluindo-os (as) de acordo com suas necessidades de aprendizagem.

Portanto, o ensino da linguagem cartográfica tem cada vez mais reafirmado sua importância na Educação Inclusiva, uma vez que contribui não apenas para que os (as) alunos (as) venham a compreender os mapas, mas para que possam desenvolver capacidades relativas da representação do espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o(a) professor(a) de Geografia desenvolver a educação inclusiva de acessibilidades a alunos(a) com alguma deficiência de aprendizagem é necessário propor mecanismos palpáveis de interpretação da Cartografia, traçando maneiras físicas e mentais para localizar lugares, aspectos naturais, culturais e sociais na superfície terrestre; mostrar e comparar localizações; mostrar tamanhos e formas de aspectos da terra; encontrar distâncias e direções entre lugares; mostrar elevações e escarpas; visualizar áreas de distribuição de fenômenos, movimentos e difusões de pessoas, mercadorias e informações e apresentar distribuição dos eventos naturais e humanos que ocorrem na terra.

Desenvolver atividades de inclusão para alunos (as) no Ensino de Cartografia como: construção de maquetes; mapas mentais; confecções de mapas com materiais palpáveis; utilização de laboratórios e imagens que permitam que alunos com dificuldades de aprendizagem possam ser inseridos no Ensino de Cartografia. Trabalhar com oficinas e com o uso de tecnologias



relacionando as informações contidas em fotografias aéreas, imagens de satélite e mapas temáticos.

Na oficina cartográfica, o (a) professor (a) pode obter experiências positivas quanto à forma de elaborar atividades para a construção dos conceitos cartográficos com alunos (as) e suas diversas dificuldades de aprendizagem. Portanto, a dinâmica de oficina e atividades que envolvam apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos de Cartografia na Educação Inclusiva são relevantes para o processo de ensino e aprendizagem destes alunos no sistema de ensino.

CONCLUSÕES

Diante das análises destacadas, os mapas permitem a representação espacial dos fenômenos num determinado espaço e tempo e também sua síntese. Desse modo, acredita-se que professores (as) devem, além de utilizar os recursos disponíveis em livros e demais materiais didáticos, elaborar outros materiais de acordo com as possibilidades e necessidades de aprendizagem dos (as) alunos (as), desafiando-os (as) sempre pois, no processo de ensino e aprendizagem a ação do aluno sobre o objeto do conhecimento é importante para a construção de sua cidadania. Portanto, o mapa é um instrumento didático para professores (as) de Geografia e é um modelo da realidade que pode ser aplicado e adaptado às diversas situações e necessidades de aprendizagem durante as aulas e suas relações didáticas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Leandro. **O que é Educação Inclusiva?** um passo a passo para a inclusão escolar. Teresópolis/RJ: Instituto Itard, 2017. Disponível em: <https://institutoitard.com.br/o-que-e-educacao-inclusiva-um-passo-a-passo-para-a-inclusao-escolar/>. Acesso em: 9 fev. 2022.



AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DO MAPA TÁTIL COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL

Antonio Maria Ribeiro Filho

Universidade Federal do Piauí – UFPI

E-mail: antonio_filho@ufpi.edu.br

Bartira Araújo da Silva Viana

Universidade Federal do Piauí – UFPI

E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente trabalho visa instruir docentes e discentes à confecção de mapas táteis sobre relevos e escalas altimétricas com a finalidade de utilização nas aulas de Geografia. O mapa tátil reforça o enriquecimento do conteúdo estudado pelos alunos, além de romper as barreiras da escola e promover a utilização e inovação de recursos não convencionais para a fixação de conceitos. Ainda promove a vontade dos alunos em querer saber mais sobre a Geografia Física, sobre as formas de relevo e sobre o entendimento da cidade onde vivem. Este trabalho, no entanto, não se resume apenas às formas de relevo e aos tipos de solo, vai além, desenvolve habilidades cátedras e oportuniza a utilização de recursos não convencionais voltados ao ensino da Geografia. Como forma de fixação de conteúdo tem-se a confecção de uma maquete tátil produzida em E.V.A. com escalas altimétricas em 3D.

Palavras-chave: ensino; recurso não convencional; mapa tátil.

INTRODUÇÃO

Apresentado como modelo para novas formas de instrução escolar, o mapa tátil tem ganhado espaço entre os docentes que utilizam diversas formas no ensino de Geografia. Sendo um recurso didático não convencional, igualmente como jogos, HQs, maquetes etc., o mapa tátil agrega interesse dos alunos ao conteúdo e permite ao professor orientar em diversas frentes de ensino, sejam estas na produção em sala de aula do mapa tátil ou a utilização deste no decorrer da regência.

O trabalho visa instruir docentes e discentes à confecção de mapas táteis sobre relevos e escalas altimétricas com a finalidade de utilização nas aulas de Geografia. Assim, o objetivo do trabalho vai de encontro com o



conteúdo sobre relevo aplicado a partir do sexto ano, sem limitação de uso, ou seja, utilizável inclusive no Ensino Superior e afirma-se como uma complementação no aprendizado sobre o conteúdo.

A metodologia do trabalho pautou-se em levantamentos bibliográficos acerca da temática, na análise de livros didáticos e na confecção de material cartográfico, a exemplo do mapa tátil, visando desenvolver habilidades e competências nos docentes e discentes. Os participantes da confecção de mapas táteis podem ampliar a sua noção sobre relevo, trazendo para o trabalho informações acerca de suas percepções da paisagem, podendo ser informadas antes da confecção do mapa tátil em forma de imagens de relevos presentes nos livros didáticos ou em fotos capturadas pelos participantes.

Desenvolve-se a atividade após a explanação do conteúdo, seja na forma avaliativa, seja na forma complementar. Tal desenvolvimento pode ser proposto para ter sua confecção nas residências dos participantes, ou nas salas de aula com o auxílio do professor/orientador. O ideal sempre será a presença de um ou mais integrantes capacitados na produção do mapa tátil, a fim de fornecer o direcionamento na confecção do trabalho, na utilização dos materiais e na organização do ambiente de produção. O mapa tátil não precisa estar baseado em alguma imagem ou fotografia, pode ser livre.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o advento da Internet e a expansão das tecnologias, o ensino tornou-se um desafio, devendo ser motivado através de novas formas para produzir curiosidade no educando. Segundo Luckesi (2005, p. 9), [...] “comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos”.



Sabendo disso, o educador deve possuir o domínio tanto das formas convencionais de ensino quanto das formas que decidir praticar para reforço do aprendizado, a exemplo do mapa tátil.

Partindo desse princípio, o mapa tátil não concerne apenas em um brinquedo ou uma forma de completar a carga horária que falta ao plano de aula. Não apenas o mapa tátil, mas todas as formas não convencionais de ensino, em suas mais diversas áreas, possuem a dificuldade em envolver pais, alunos e o corpo escolar, o que deve ser amplamente combatido. Segundo Silva (2011, p. 26), “a exploração de diferentes recursos em sala de aula, [...], permitam ao aluno uma visão ampliada, mais real e vivenciada dos conteúdos, antes ministrados somente por meio de textos, livros, exercícios no quadro negro ou de acrílico”.

Utilizando-se do propósito de ensino eficiente, porém humanizado, o professor, não apenas o de Geografia, deve utilizar todas as ferramentas possíveis na prática docente para aperfeiçoar o saber discente. Santrock (2009, p. 23), afirma que:

os professores eficientes possuem competência na matéria, utilizam estratégias de ensino eficientes, fornecem mais do que falsos elogios a variações individuais, trabalham com diversos grupos étnicos e culturais e têm habilidades nas seguintes áreas: definição de objetivos e planejamento, práticas de ensino apropriadas ao nível de desenvolvimento, gerenciamento de sala de aula, motivação, comunicação, avaliação e tecnologia.

Dessa forma, em se tratando do ensino de Geografia, o mapa tátil vai de encontro ao processo de ensino e aprendizagem, significa que, enquanto o orientador do trabalho aprende e utiliza novas formas de ensinar, o orientando consegue desenvolver o conteúdo abordado de forma a efetivar o aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Busca-se uma forma de demonstrar a eficiência no modelo de ensino baseado nas temáticas de ensino por métodos não convencionais com a finalidade de obter melhores rendimentos e maior significância no aprendizado e na forma de ensino. Muito além do ato de construir um mapa tátil, a ideia do projeto deve ser fundamentada em leitura, interpretação e construção do conhecimento, para que, dessa forma, o praticante da atividade possa ter uma compreensão do espaço e do seu lugar de pertencimento.

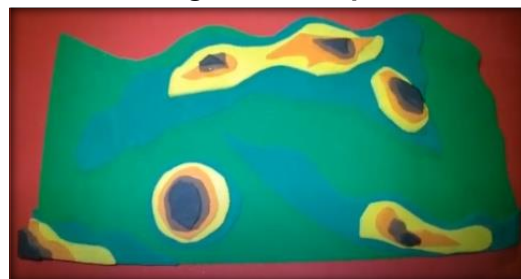
Durante sua produção, o mapa tátil (Figuras 01 e 2) deve ser acompanhado da explicação sobre as escalas altimétricas, suas variações de cores e a importância de estarem presentes na legenda e na composição do trabalho.

Figura 1 - Mapa tátil.



Fonte: O Autor (2020).

Figura 1 - Mapa tátil



Fonte: O Autor (2020).

Seguindo as orientações e atento às explicações do conteúdo, o mapa tátil deve envolver a turma em seu processo de produção: corte do E.V.A., colagem, montagem etc.

CONCLUSÃO

Diante da finalização da proposta de projeto educacional através da construção de mapas táteis, é possível observar a importância deste tanto na formação escolar (anos iniciais e finais) quanto na formação educacional (ensino superior e pós-graduações). Tal importância dar-se-á na produção de conhecimento amplo, significativo e inclusivo, tendo em vista que o mapa tátil pode e deve ser utilizado por todos os estudantes.



REFERÊNCIAS

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e experiências lúdicas: Uma abordagem a partir da experiência interna. *In: PORTO, Bernadete de Souza (org.). Educação e ludicidade: Ensaio 02*. 2. ed. São Paulo: GEPEL/FACED/ UFBA, 2002. p. 22-60. Disponível em: www.luckesi.com.br. Acesso em: 12 fev. 2022.

SANTROCK, John W. Psicologia educacional: uma ferramenta para o ensino eficiente. *In: SANTROCK, John W. Psicologia educacional*. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2009. p. 1-25.

SILVA, Josélia Saraiva e (org.). **Construindo ferramentas para o ensino de geografia**. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.



O USO DA POESIA COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Eliana Thalita Nunes Alves

Universidade Federal do Piauí

E-mail: nthalita78@gmail.com

Bartira Araújo da Silva Viana

Universidade Federal do Piauí

E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

RESUMO

Na atualidade estamos rodeados de meios tecnológicos facilitando a inclusão de pessoas com necessidades especiais. O docente de Geografia deve estar capacitado para incluir esses discentes que necessitam de atendimento especializado em atividade em sala de aula. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o uso do recurso didático não convencional poesia para alunos surdos da educação básica. Os objetivos específicos são: a) Discutir conceitos relacionados ao ensino de geografia escolar, formação docente, aprendizagem significativa, poesia, educação inclusiva e surdez. b) Discorrer sobre o uso da poesia no ensino da Geografia para alunos que surdos, buscando uma aprendizagem significativa. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi um levantamento bibliográfico em artigos, livros e websites sobre os temas propostos acima. Foi possível analisar que o recurso poesia pode ser utilizado para facilitar o ensino de Geografia para alunos surdos, possibilitando uma maior compreensão dos discentes e alcançando uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Poesia; Aluno surdo.

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando uma modernização na educação, a Geografia juntamente com outras disciplinas devem estar preparadas para inovar seus recursos e incluir alunos com necessidades especiais de forma participativa dentro de sala de aula. O recurso não convencional poesia possibilita aos docentes incluir alunos surdos em sala de aula de forma dinâmica e participativa.

A metodologia proposta buscou em artigos, livros e websites sobre o tema, tendo como objetivo geral desta pesquisa analisar o uso do recurso didático não convencional poesia para alunos surdos na educação básica. Os objetivos específicos são: a) Discutir conceitos relacionados ao ensino de



geografia escolar, formação docente, aprendizagem significativa, poesia, educação inclusiva e surdez. b) Discorrer sobre o uso da poesia no ensino da Geografia para alunos surdos, buscando uma aprendizagem significativa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Geografia tem como responsabilidade ajudar na formação do pensamento crítico dos alunos da educação básica, sendo necessário que o professor busque novos conhecimentos para melhor atender os discentes, quando associada à poesia tem a possibilidade de promover uma aprendizagem significativa, Sousa *et al.* (2016, p.2) afirmam: "No que diz respeito ao ensino da Geografia, a poesia vem nós auxiliar como outra linguagem a ser apreendida pelos alunos na compreensão da organização espacial mundial". Cavalcante (2014, p.13) afirma que:

[...] a poesia tem o poder de revelar tudo aquilo que está invisível (escondido) aos olhares do mundo estabelecido, o qual direciona sua visão apenas para a superfície do consumo, deixando de lado o próprio homem, suas "coisas" e "atos". A isso se soma o poder de síntese da poesia que revela, em poucos versos, o que os textos enciclopédicos, sociológicos e psicológicos necessitam de inúmeras páginas.

De acordo com Schmidt (2020) os critérios da Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelecem que pessoas com deficiência auditiva são aquelas que possuem algum grau de perda da capacidade de ouvir sons. As pessoas consideradas surdas possuem uma perda total da capacidade de ouvir sons. Estudos sobre alunos surdos podem aumentar de forma relevante a qualidade da educação oferecida a estes alunos.

Souza (2019) descreve que atualmente a falta de infraestrutura escolar e profissionais qualificados dificulta a aprendizagem de alunos surdos na educação básica, em resultando, esses alunos recebem apenas um ensino superficial, sendo de suma importância buscar soluções e projetos para modificar esta realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Atualmente alunos surdos possuem intérpretes para lhes auxiliar dentro de sala de aula, porém, é necessário que professores, gestores e funcionários aprendam a linguagem brasileira de sinais (LIBRAS), tendo em vista que é uma formação necessária no contexto que vivemos.

Utilizando o recurso poesia com alunos surdos é possível trabalhar conteúdos da Geografia como lugar, espaço geográfico e relevo, entre outros, buscando associar esses conteúdos ao cotidiano do aluno, desta forma, é possível que o aluno alcance uma aprendizagem significativa.

CONCLUSÃO

Devido ao avanço tecnológico recente, existem diversas possibilidades de recursos que podem auxiliar no ensino de Geografia. O recurso não convencional poesia foi o objeto de estudo desta pesquisa. Ao utilizá-lo como ferramenta de inclusão de pessoas surdas ocorre a possibilidade de uma melhoria na educação ofertada a esses discentes.

Portanto, é necessário refletir e agir sobre questões como o uso de recursos didáticos não convencionais, ensino de Geografia e inclusão na educação e da Geografia.

REFERÊNCIAS

SOUSA, Enilson Silva [et al.]. A música e a poesia na geografia escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFOS, 18., 2016, São Luís. **Anais eletrônicos** [...]. São Luís: AGB, 2016. p. 1 -11 Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467674144_arquivo_amsicaepoesianageografiaescolara.pdf. Acesso em: 05 jan. 2022.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Poesia, o que é e para quê serve?. **Revista eletrônica Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR**, Três corações, v. 11, n. 1, p.1-14, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1492>. Acesso em: 16 maio 2021.

SCHMIDT, Renata. Surdo e Deficiente Auditivo é a mesma coisa? Entenda a diferença!. **Guiaderodas**, 2020. Disponível em: <https://guiaderodas.com/surdo-e-deficiente-auditivo-e-a-mesma-coisa-entenda-a-diferenca/>. Acesso em: 19 fev. 2022.

**II Seminário Nacional de
Ensino e Pesquisa do Curso de
Licenciatura em Geografia da
UFPI**



SOUZA, Edilania Lopes. Educação inclusiva: os desafios das crianças surdas no processo de alfabetização. **Brasil Escola**, 2019. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-inclusiva-os-desafios-das-criancas-surdas-no-processo-alfabetizacao.htm>, Acesso em: 19 fev. 2022.



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REFLEXÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DOCENTE

Fátima Maria Lustosa Rodrigues

Universidade Federal do Piauí
E-mail: fatima.lustosa@hotmail.com

Andréa Lourdes Monteiro Scabello

Universidade Federal do Piauí
E-mail: andreascabello@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a Educação Inclusiva na formação do docente em Geografia, tomando por princípio a diversidade humana e o respeito às peculiaridades individuais dos educandos. Desta forma, o currículo de formação dos professores deve incluir disciplinas que abordem a questão da inclusão escolar, apresentando metodologias e propondo a elaboração de materiais didáticos que possam atender as especificidades de aprendizagem dos estudantes com e sem deficiência.

Palavras chave: Formação de Professor. Geografia. Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Durante o final do século XX foram inúmeras as ações voltadas para a implantação de políticas públicas educacionais para as pessoas com deficiência. Após a Conferência Mundial de Educação Especial, realizada em Salamanca, em 1994, o paradigma da Educação Inclusiva, pautada nos princípios dos direitos humanos, que advogam o respeito à diversidade, passa a ser um tema central no âmbito educacional. O direito a ser diferente é defendido e, muitos são os movimentos sociais a favor dos grupos denominados minorias que agregam indivíduos de diversas etnias, diferentes gêneros, entre outros. Todavia, no Brasil a educação inclusiva ocorre "passos lentos".

O presente trabalho se justifica, não só pela importância de pensarmos uma formação docente que permita a disseminação de práticas inclusivas, mas também, em função da contribuição para a construção de uma sociedade mais democrática.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A temática da Educação Inclusiva está presente no texto da Constituição Federal (CF) de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN/nº 9394/96). Ambos os documentos trataram da inclusão de pessoas com deficiência nos estabelecimentos regulares de ensino público e privado, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior.

A Educação Inclusiva não se refere, somente, aos estudantes com deficiência, público alvo da Educação Especial, mas a todos os matriculados nas instituições de ensino. Nesse sentido, Santos (2008, p.18) diz que todos os alunos “[...] têm direito de se educar juntos em uma mesma escola, sem que esta escola exija requisitos para o ingresso e não selecione os alunos, mas, [...] que garanta o acesso e a permanência com sucesso, dando condições de aprendizagem a todos [...]”. Esse paradigma exige uma mudança de postura, a fim de reconhecer e valorizar a singularidade de cada indivíduo, respeitando suas particularidades, independentemente de qualquer condição.

No contexto escolar, para que a inclusão se torne uma realidade é necessária uma alteração no currículo de formação dos professores que atuam na Educação Básica e, também, no Ensino Superior. Não só com a criação de disciplinas que abordem a questão da inclusão, como também, a utilização de metodologias e elaboração de materiais didáticos que possam atender a todos os indivíduos – com e sem deficiência.

É fundamental, também, a ampliação das políticas de formação continuada para que os professores que já exercem a profissão há algum tempo, possam se aproximar desse debate através do conhecimento de conceitos, mas também, da adotando uma postura empática. Para Mantoan (2015, p.79):



O professor inclusivo não procura eliminar a diferença em favor de uma suposta igualdade do alunado - tão almejada pelos que apregoam a homogeneidade da sala de aula. Ele está atento aos diferentes tons das vozes que compõem a turma, promovendo a harmonia, o diálogo, contrapondo-as, complementando-as.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Pimenta (2005 p. 29) a formação docente é na verdade autoformação na medida em que os professores, ao longo das experiências profissionais reelaboram os conhecimentos iniciais, através de um “[...] processo coletivo de troca de experiências e práticas [...]”. Assim, “[...] vão constituindo seus saberes como prática, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática”.

Nos dizeres de Aguiar (2018, p.47) “[...] a experiência vivenciada [...] é o ponto de partida, pois há os que atuam na área da educação porque têm a teoria, mas na prática não têm qualquer experiência para trabalhar e ensinar um sujeito que tenha necessidade de um ensino mais significativo e diferenciado”.

Neste exposto, percebe-se a importância da experiência dos profissionais da educação para o processo de inclusão escolar, essa experiência contribui para aliar conhecimento científico com o empírico, e isso contribui com a educação inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do professor de Geografia no âmbito da Educação Inclusiva ainda é incipiente. Muitos graduados apresentam insegurança para trabalhar, especialmente, com os estudantes público alvo da Educação Especial uma vez que durante a Licenciatura não houve nenhuma preocupação com a temática em questão. Desta forma, acreditamos na necessidade de uma mudança nos currículos de formação do docente em Geografia, de forma a contemplar as especificidades de aprendizagem de todos os estudantes.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lidianne Mota de et al. Educação Inclusiva: reflexões acerca das contribuições e desafios no processo educativo. **Revista Expressão Católica**, v. 7, n. 1, p. 44-49, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. Educação para a Diversidade [...] Produção Pedagógica Didática. Paraná: **Programa de Desenvolvimento do Estado do Paraná**, 2008.

PIMENTA, Selma. Garrido. Professor: formação, identidade e trabalho docente. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.



ABORDAGENS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Silvana de Sousa Silva

Instituto Federal do Pará- IFPA

syllsousa@hotmail.com

RESUMO

São desenvolvidas análises sobre o ensino de Geografia e a inclusão, no âmbito das leituras sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Objetivou-se construir reflexões sobre os desafios e as possibilidades para o ensino de Geografia no contexto da busca pela inclusão dos alunos com TEA, mediado pela discussão teórica sobre os temas centrais do trabalho. Observa-se, portanto, a necessidade de uma prática docente conjunta com os demais profissionais na promoção de intervenções no TEA, mediadas, por exemplo, pela oportunidade de utilização de recursos metodológicos alternativos para o ensino-aprendizagem em Geografia.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Recursos Alternativos; TEA.

INTRODUÇÃO

Quando abordadas as características das práticas que abrangem pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), as reflexões sobre o ensino de Geografia ganham nuances associadas aos desafios impostos para a promoção de práticas inclusivas no âmbito escolar, e a necessidade de reflexões acerca dos limites e possibilidades do trabalho que visa a aprendizagem geográfica envolvendo as especificidades do espectro autista.

Nesse sentido, o debate foi desenvolvido mediante discussão teórica que engloba os aspectos para a caracterização do TEA, o ensino de geografia e os debates sobre a inclusão no contexto escolar. Dessa forma, destacou-se como objetivo construir reflexão acerca dos desafios e as possibilidades para o ensino de Geografia no contexto da busca pela inclusão dos alunos com TEA. Nessa proposta, os procedimentos metodológicos foram constituídos pelo levantamento e sistematização de referencial teórico,



integrado por análises sobre os temas que envolvem o TEA e o ensino de Geografia.

TEA: LEITURAS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Pensar a inclusão escolar de alunos com TEA, perpassa o reconhecimento das características que integram conceitos como o de espectro, que revela a existência de diversificação nas habilidades e dificuldades nas pessoas com autismo. Nessa proposta, Mello (2007) aponta que diante da amplitude das possibilidades e variabilidades, podem ser encontrados, por exemplo, desde casos sem linguagem verbal e com dificuldade na comunicação, ausência de expressão facial ou expressão facial incompreensível e ainda, crianças com linguagem verbal repetitiva e sem comunicação.

Dessa forma, considerando as características de cada aluno com TEA, sobressai-se o pensamento sobre as intervenções, como exemplo das observações de Machado (2019) ao destacar que nas situações com autistas não verbais ou com comunicação não funcional, as terapias no contexto escolar e na residência, tornam-se atividades fundamentais, uma vez que o processo de comunicação é elemento importante para a compreensão dos desejos e necessidades, possibilitando melhorias na qualidade de vida.

ENSINO DE GEOGRAFIA, TEA E INCLUSÃO ESCOLAR

Os debates que envolvem o processo de ensino-aprendizagem no contexto da Geografia, são compostos por um conjunto de orientações e desafios que consideram a busca pela compreensão da organização do espaço, mediada por conhecimentos diversos, que demandam, entre outros, a constituição de elementos para a mediação didática nas práticas escolares. Nessa perspectiva, Cavalcanti (2008, p.25) defende que “a estruturação da geografia escolar é realizada e praticada em última instância pelo professor dessa matéria, em seu exercício profissional cotidiano [...]”



As análises sobre o papel do ensino de Geografia na inclusão escolar, revelam inicialmente que esse debate está diretamente relacionado com as diretrizes que compõem a Geografia, observando que esta se constitui como um campo do conhecimento que envolve a busca pela formação de cidadãos conscientes de sua representação no espaço, envolvendo, entre outros, a promoção de reflexões sobre as desigualdades sociais (RIBEIRO; MACHADO, 2016).

Essas observações auxiliam a fundamentação das experiências desenvolvidas para o ensino de Geografia, pois apresentam exigências que se impõem para a prática docente como iniciativas que possibilitam despertar a atenção dos discentes, envolvendo-os nas atividades não apenas como sujeitos passivos, mas também como agentes que contribuem para a construção do processo de ensino-aprendizagem auxiliando o desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Nessa proposta das demandas por adaptações, sobressaem-se as possibilidades de trabalho com os recursos de Tecnologia Assistiva (TA) e àqueles voltados para a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). Segundo Bersch (2017, p.2) o "objetivo maior da TA é proporcionar à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado e trabalho".

Como proposições, sugere-se a possibilidade da construção de metodologias alternativas para os trabalhos com os temas em geografia, previamente selecionados pelo professor, acompanhados da busca pela mediação didática. Para tanto, podem ser utilizados recursos de baixo custo ou adoção de métodos como os *Picture Exchange Communication System* (PECS), que possibilita a comunicação por troca de imagens. Além disso, podem ser construídos croquis, maquetes, mapas mentais, quebra cabeças, considerando as características do aluno a ser atendido.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresenta uma revisão de reflexões acerca das características que compõem o Ensino de Geografia, a inclusão escolar e o TEA, destacando-se, portanto, a necessidade de uma prática docente conjunta com os demais profissionais, com vistas a possibilitar o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem capaz de contemplar os conhecimentos geográficos. Nessa análise, sobressaem-se os desafios da prática docente cotidiana, no âmbito de realidades escolares que podem representar percalços, mas também a possibilidade de adequações de metodologias alternativas, que podem ser desenvolvidas, por exemplo em salas de recursos.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 12 fev. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino da geografia para vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

MACHADO, Gabriela Duarte Silva. A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. **Revista Gepesvida**. n.9, v. 1, p. 100-114, São José, Santa Catarina, 2019. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo**: guia prático. 7.ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

RIBEIRO, Roberto Souza; MACHADO, Silvio Marcio Montenegro. A Geografia da Inclusão ou a inclusão da Geografia? In: NOGUEIRA, Ruth E. (org.). **Geografia e inclusão escolar**: teoria e práticas. Florianópolis: Edição dos Bosques, 2016.



**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA DA UFPI: APRENDIZAGENS E
DESAFIOS DE LICENCIANDOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE
TERESINA- PI**

Marcos Gomes de Sousa

Universidade Federal do Piauí - UFPI
E-mail: marcosggomes77@gmail.com

Armstrong Miranda Evangelista

Professor Associado da Universidade Federal do Piauí - UFPI
E-mail: armstrong@ufpi.edu.br

RESUMO

O trabalho em pauta aponta os principais recursos didáticos utilizados durante a regência no CPM-PI (Colégio da Polícia Militar do PI), assim como proporciona uma análise reflexiva acerca dos principais desafios que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) trouxe aos estudantes e professores(as) da referida escola. Para elaborar a pesquisa, foram realizadas leituras em artigos, livros, visitas em sites especializados acerca da temática central, assim como a experiência no Programa de Residência Pedagógica em Geografia da UFPI durante os anos de 2020 e 2021. A pesquisa tem como objetivo analisar a prática da regência pedagógica com o auxílio dos principais recursos utilizados no ensino de Geografia na escola estadual CETI Dirceu Mendes Arcoverde/Colégio da Polícia Militar do PI (CPM-PI) durante o ERE. Ademais, objetiva, especificamente, apontar os principais recursos de ensino utilizados nas atividades de regência de turmas e identificar os desafios principais enfrentados ao longo da participação no programa de Residência Pedagógica. Constatou-se, portanto, que o ensino remoto Emergencial veio com grandes dilemas, tanto para a inserção ativa dos alunos durante as aulas, como para novas aprendizagens, para professores e residentes.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; ERE; Tecnologia; PRP.

INTRODUÇÃO

Deste o início de 2020, a educação brasileira passou por um novo processo de escolarização que está relacionado com a utilização de práticas pedagógicas com o auxílio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Esse novo processo se deu devido à disseminação do vírus SARS-COV-2, o vírus causador da Covid-19. Dessa forma, o referente trabalho foi motivado pela necessidade de se discutir a prática de regência pedagógica realizada no Programa Residência Pedagógica (PRP) na escola



estadual CETI Dirceu Mendes Arcoverde/Colégio da Polícia Militar do PI (CPM-PI), do curso de Geografia da UFPI, durante os anos de 2020 e 2021.

O trabalho torna-se relevante, pois aponta os principais recursos didáticos utilizados durante a regência no CPM-PI, assim como proporciona uma análise reflexiva acerca dos principais desafios que o Ensino Remoto Emergência (ERE) trouxe aos alunos(as) e professores(as). Sendo assim, realizar uma abordagem acerca da realidade social vigente torna-se de suma importância, pois pode-se inserir ao longo da discussão temas como: ensino e aprendizagem; aprendizagem significativa; exclusão digital; práticas pedagógicas com o uso de recursos didáticos não convencionais e o ato de avaliar o aluno de forma remota.

Esse estudo partiu das seguintes questões problematizadoras: Quais recursos foram utilizados nas aulas de geografia? Quais os principais desafios a serem enfrentados durante a regência pedagógica no CPM-PI?

No que tange ao objetivo geral, pretendeu-se analisar a prática pedagógica dos residentes de Geografia com o auxílio dos principais recursos utilizados no ensino remoto emergencial no CPM-PI. Ademais, têm-se como objetivos específicos: I) identificar os principais recursos utilizados nas aulas; II) caracterizar os desafios encontrados ao longo da participação no PRP. Parte-se da constatação que o ensino remoto emergencial trouxe adversidades para a inserção ativa dos alunos durante as aulas, promovendo novas aprendizagens para professores e residentes à medida que emergiam cenários de dificuldades.

Para planejar e elaborar esse trabalho, foram realizadas leituras em artigos, livros, visitas em sites especializados acerca da temática central, adotando-se os procedimentos da pesquisa bibliográfica preconizados pela literatura pertinente à mesma. Junto a isso, as atividades de preparação e regência de aulas na PRP de Geografia da UFPI proporcionaram diversas experiências significativas, objeto de registros e de organização sistemática em relatórios bimestrais, que possibilitaram compreender melhor os



significados da docência em turmas do ensino médio na escola supracitada durante os anos de 2020 e 2021. Os recursos didáticos utilizados foram diversificados, geralmente tomando como apoio a plataforma *Google Classroom*, *Google Meet* e a ferramenta *Power Point*, explorando-se jogos digitais, charges, paródias, imagens e esquemas variados, bem como o *Whatsapp* para troca de mensagens e envio de materiais para os alunos.

Em relação ao quadro de dificuldades encontradas, pôde-se constatar que se sobressaiu o problema da ausência dos alunos às aulas, devido ao acesso limitado à internet e a indisponibilidade de equipamentos digitais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As tecnologias tornaram-se um dos principais instrumentos pedagógicos para o processo de ensino e aprendizagem em muitas instituições de ensino. Entretanto, a discussão das tecnologias na educação não é atual, o que se percebe é que durante a pandemia da Covid-19 sua discussão e inserção nas escolas tornaram-se mais notórias, tanto em escolas da rede pública como na rede privada de ensino. Piangers (2019, p. 21) menciona que “com o mundo se movendo tão rápido, precisamos nos tornar uma sociedade de pessoas que estão sempre aprendendo coisas novas”.

Kenski (2012, p. 38) menciona que “as novas TICs não são apenas meros suportes tecnológicos. Elas têm suas próprias lógicas, suas linguagens e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas”. Daí surge a necessidade de inserir novos recursos não convencionais na e para a aprendizagem mais significativa dos alunos, além de proporcionar a prática da regência mais crítica e reflexiva em tempos de pandemia.

Quanto aos recursos de ensino, tem-se em Silva (2011, p.17) uma definição dos recursos didáticos não convencionais, como “os materiais utilizados ou utilizáveis por professores(as), na Educação Básica, mas que não tenham sido elaborados especificamente para esse fim”, ou seja, recursos que



não foram criados para o ensino de Geografia ou para outros componentes curriculares. Com isso, nota-se que as tecnologias são e continuarão sendo de grande relevância para o processo de ensino e aprendizagem em muitas escolas brasileiras, principalmente durante o Ensino Remoto Emergencial e na pós-pandemia, com o ensino híbrido.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo ora relatado procura fazer balanço crítico e reflexivo acerca da regência de aulas no Colégio da Polícia Militar do Piauí nos anos de 2020 e 2021. Nesse sentido, ao longo dessa experiência, foram utilizados vários recursos didáticos nas aulas de Geografia, como por exemplo, jogos digitais, paródias, uso de charges e aulas dialogadas. Além dos recursos digitais, como o *Google Meet*, *Google Classroom*, grupos de *Whatsapp* e armazenamentos de materiais no *Drive*.

Em se tratando dos principais desafios encontrados, podemos mencionar a exclusão digital, ou seja, muitos alunos não tinham acesso a um bom recurso digital (celular ou computador) ou a um local favorável para a sua aprendizagem durante as aulas de Geografia. Ademais, não apresentavam o domínio de determinadas habilidades de manuseio de ferramentas digitais, muitos as desconheciam ou não tiveram acesso antes da pandemia, configurando um quadro de restrição quanto ao uso desses recursos.

Cabe ressaltar também que o maior tempo em ambiente virtual implicou na diminuição da concentração de muitos alunos, somando-se a isso a instabilidade no acesso à internet, resultando em cansaço mental e diminuição da frequência nas aulas. Esse fato foi motivo de preocupação dos residentes, que passaram a investir na diversificação metodológica como alternativa para aumentar a motivação e a participação dos alunos nas aulas, nem sempre obtendo o êxito pretendido.

CONCLUSÃO



As (auto) observações prolongadas da ação pedagógica tornaram possível realizar uma análise criteriosa sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e destacar os principais recursos tecnológicos utilizados na modalidade do ERE durante a pandemia. Foi possível evidenciar que os desafios mais importantes estavam relacionados ao acesso escasso dos alunos às principais ferramentas digitais utilizadas no ensino remoto, diretamente ligadas aos suportes educacionais ofertados pela empresa *Google*, alguns deles aperfeiçoados na vigência da pandemia do SARS-Cov-2, fato que exigiu esforços da equipe da PRP visando o aumento da participação efetiva do alunado.

Diante disso, o planejamento e ações adotadas passaram a se fundamentar mais na realidade cotidiana da escola, buscando-se esforços mais coerentes com os problemas que ora se apresentavam explorando o aspecto intuitivo das ferramentas digitais utilizadas de modo a facilitar a compreensão dos alunos em relação aos conteúdos ensinados.

REFERÊNCIAS

KESNKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia**: o novo ritmo da informação. 9. Ed. Campinas: Papirus, 2012.

PIANGERS, Marcos; BORBA, Gustavo. **A escola do futuro**: o que querem (e precisam) alunos, pais e professores. Porto Alegre: Penso, 2019.

SILVA, Josélia Saraiva e. Recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia. In: SILVA, Josélia Saraiva e. (org.). **Construindo ferramentas para o ensino de Geografia**. Teresina: Edufpi, 2011. p. 13-20.



O USO DA GAMIFICAÇÃO (JOGOS DIGITAIS) COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA POTENCIALIZAR O APRENDIZADO DE CONTEÚDOS DA GEOGRAFIA

José Soares Fernandes Neto

Universidade Federal do Piauí – UFPI, Bolsista da Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado do Piauí - FAPEPI
E-mail: jose_soares_net@hotmail.com

Armstrong Miranda Evangelista

Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: armstrong@ufpi.edu.br

RESUMO

No nosso cotidiano verificamos que a tecnologia está influenciando e se inserindo com ênfase e importância nas diversas esferas sociais, inclusive no âmbito educacional. Nesse cenário aparece a gamificação, expressa em jogos digitais, como uma alternativa didática eficaz, levando em consideração as circunstâncias das alterações sociais e o atual perfil do alunado. Este trabalho aborda uma pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado, tendo como objetivo principal analisar o uso de jogos digitais como estratégia didática durante o aprendizado de conteúdos da geografia por estudantes do ensino médio em duas escolas públicas de Teresina-PI. A pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação embasam o estudo. A investigação tem evidenciado a importância que assumem as novas ferramentas digitais no contexto da educação geográfica na sociedade da informação, fortalecendo o interesse e o aprendizado do estudante.

Palavras-chave: gamificação; jogos digitais; ensino de geografia.

INTRODUÇÃO

A Pandemia da COVID-19 retratou a importância das novas tecnologias e de seu uso amplo no processo de ensino-aprendizagem nas diversas etapas da escolarização, mas com restrições no tocante à diversidade de recursos disponibilizados, devido ao forte arraigamento dos professores aos métodos comuns à modalidade presencial de ensino. É cada vez mais evidente que estamos diante de uma aceleração da inovação no campo educacional motivada pelo contexto pandêmico e o rápido incremento das tecnologias educacionais. Multiplicaram-se as ferramentas digitais de comunicação e informação, de fácil acesso por professores e estudantes, colocando a eles o desafio de selecioná-las e utilizá-las no dia a dia escolar.



A pesquisa mencionada tem interesse no conhecimento dessas ferramentas, na perspectiva de avançar na compreensão do fenômeno da gamificação, explorando as potencialidades dos jogos digitais nas aulas de Geografia no ensino médio. Toma como foco dois aplicativos, o *Kahoot!* e o *Wordwall*, procurando verificar como podem contribuir para melhorar a aprendizagem e motivação dos estudantes em relação aos conteúdos geográficos.

Podemos destacar, em termos geracionais, que participarão da pesquisa discentes, já familiarizados com as novas tecnologias, comumente designados de nativos digitais, indivíduos pertencentes às chamadas geração Z e *Alpha*, que utilizam a tecnologia desde tenra idade. Acredita-se que esse será um fator favorável para a consecução do trabalho pela facilidade como os adolescentes manipulam os dispositivos digitais, como smartphones, ferramenta básica para o funcionamento dos jogos.

Além disso, a geografia mostra um campo favorável para a inovação tecnológica, visto que são amplas as suas temáticas e, conseqüentemente, a forma como podem ser abordadas e ensinadas, tendo-se notado que um número considerável de aplicativos podem ser utilizados nas aulas dessa disciplina, sobretudo em conteúdos que se relacionam com componentes gráficos e imagéticos.

Neste trabalho, relatamos a etapa de uma pesquisa bibliográfica visando a construção do Estado da Arte acerca do objeto de pesquisa, constituindo uma das modalidades de investigação adotadas em um trabalho em nível de mestrado, cuja continuação levará em conta ainda a pesquisa-ação. Marconi e Lakatos (2003, p.183) enfatizam que o propósito da pesquisa bibliográfica “[...] é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”.



Por sua vez, a pesquisa-ação colaborativa pressupõe que o pesquisador interage com o professor da escola, em um aprendizado mútuo, trocando e ressignificando saberes. Concilia a epistemologia acadêmica e a epistemologia do professor da educação básica, problematizando e propondo ações para enfrentar os desafios existentes na escola, colaborando assim para qualificar mais o ensino do componente curricular Geografia.

Nesses termos, partimos da seguinte problemática: O uso de jogos digitais como estratégia didática contribui eficazmente para potencializar o aprendizado de conteúdos da geografia por estudantes do ensino médio em duas escolas públicas de Teresina-PI?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Vianna et al. (2013, p. 13) "a gamificação (do original em inglês *gamification*) corresponde ao uso de mecanismos de jogos orientados ao objetivo de resolver problemas práticos ou de despertar engajamento entre um público específico." Para Bussarello (2016, p. 41) a "[...] *gamification* ao estabelecer diferentes caminhos para o acesso ao conhecimento é capaz de adaptar o conteúdo de domínios específicos para diferentes perfis de indivíduos, apresentando distintos métodos para que o sujeito possa aprender." Nesse sentido, os jogos digitais tornam-se um meio gamificado que pode ser utilizado como uma ferramenta didática que desperte nos agentes da educação um maior interesse na aquisição do conhecimento.

Amaro (2019) analisa a utilização dos jogos digitais no ensino de geografia de maneira otimista, ao relacioná-los com as diversas possibilidades de aplicação em atividades didáticas no processo de ensino-aprendizagem, capazes de promover resultados satisfatórios. E que uma importante contribuição a esse respeito se dá na abordagem dos seus conceitos basilares, podendo favorecer uma aprendizagem significativa.



Corroborando com o exposto, Fardo (2013, p. 79), descreve que “[...] a gamificação parece ser justificada a partir do atual momento histórico e do contexto social e cultura presentes.” Nessa perspectiva, como diz Alves et al. (2014), a gamificação surge como uma grande alternativa educacional que apresenta peculiaridades que atraem o alunado, podendo favorecer um processo de educacional atrativo, dinâmico e prazeroso, ao romper com os métodos tradicionais se aproximando das vivências discentes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A etapa referente à pesquisa bibliográfica do referido estudo, revelou que a gamificação expressa nos jogos digitais pode se apresentar como uma importante ferramenta didática no ensino de geografia da contemporaneidade, aliando-se às metodologias convencionais de ensino e criando alternativas de inovação frente às ações pedagógicas tradicionais. Diversos aplicativos aliam-se a esse fim, demonstrando potencialidade didática para uma abordagem dos conteúdos e conceitos geográficos de forma interativa, criativa e lúdica.

As práticas gamificadas por meio dos jogos digitais na escola podem proporcionar para o alunado um ensino participativo, atraente, estimulante e prazeroso, possibilitando condições para uma aprendizagem mais eficaz, uma vez que constituem um modo alternativo de ensinar. Inclui-se no rol das metodologias ativas, em que o estudante exerce um papel dinâmico nas aulas, interagindo constantemente com o professor. Portanto, a gamificação incrementa o processo de ensino-aprendizagem, podendo ser associada a métodos convencionais de ensino, difundidos e arraigados nas escolas.

CONCLUSÃO

O estudo que está sendo desenvolvido, como mostra o levantamento bibliográfico, evidencia que os jogos digitais inserem-se em estratégias didáticas e metodologias inovadoras no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, fazendo com que os discentes percebam a relevância dos



conhecimentos desse componente curricular para a compreensão dos fenômenos físicos e socioespaciais da contemporaneidade. Tal fato coloca novos desafios para os professores de Geografia na atualidade, diante da quantidade e diversidade de ferramentas digitais disponíveis, em um processo de transformação que se acelerou com a pandemia do COVID-19, e que tenderá a fazer parte do cotidiano escolar, exigindo-lhes mais investimentos em termos de formação contínua.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. G. et al. Gamificação: diálogos com a educação. In: FADEL, L. M.; ULBRICHT, V. R.; BATISTA, C. R.; VANZIN, T.; (org.) **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 300, 2014. p. 74-97. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/gamificacao-na-educacao>. Acesso em: 7 set. 2021.

AMARO, J. A. R. **Jogos digitais: multiterritorialidade na Geografia escolar**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36729>. Acesso em: 7 set. 2021.

BUSSARELLO, R. I. **Gamification: princípios e estratégias**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2016.

FARDO, M. L. **A gamificação como estratégia pedagógica: estudo de elementos dos games aplicados em processos de ensino e aprendizagem**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=84686. Acesso em: 7 set. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIANNA, Y. et al. **Gamification, Inc: como reinventar empresas a partir de jogos**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: MJV Press, 2013.



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM OS LICENCIANDOS DO PIBID DA U.E PROFESSORA MARIA DE LOURDES REBELO

Gabrielly de Jesus Fernandes

Graduanda de Geografia pela Universidade Federal do Piauí
E-mail: gabriellyfernandes465@ufpi.edu.br

Mugiany Oliveira Brito Portela

Professora do curso de Geografia na Universidade Federal do Piauí
E-mail: mugiany@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho torna-se relevante por apontar as possibilidades que as Histórias em Quadrinhos (HQ's) ofereceram para o ensino de Geografia no Ensino Remoto Emergencial (ERE). Dessa forma, esta pesquisa contempla uma experiência vivenciada no âmbito do PIBID (área de Geografia) na Unidade Escolar Professora Maria de Lourdes Rebelo. Em consonância a isso, objetiva-se apontar as contribuições das HQ's como prática pedagógica para as aulas de Geografia; reconhecer esse recurso como importante para o processo de aprendizagem dos discentes durante o período da pandemia do COVID-19, e analisar esse gênero como estratégia para tornar as aulas remotas de Geografia mais atrativas. Para a realização do estudo foi utilizado pesquisa bibliográfica e realização de atividades pedagógicas com os alunos. Logo, constatou-se que as HQ's possuem potencial para serem utilizadas como recurso didático não-convencional.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Histórias em quadrinhos; Ensino remoto emergencial.

INTRODUÇÃO

O referido trabalho torna-se relevante por apontar as possibilidades que as Histórias em Quadrinhos podem oferecer para o ensino de Geografia frente a nova realidade e desafios decorrentes da pandemia do COVID-19, que implicou na necessidade de distanciamento social, o que levou as escolas a adotarem o ensino remoto.

O denominado Ensino Remoto Emergencial (ERE) repercutiu em inúmeras dificuldades e fragilidades, pois, tratava-se de um modelo de ensino desconhecido para muitos professores, o que acarretou em consequências que passaram a ser sentidas de formas significativas pelos alunos durante o



processo de aprendizagem. É nesse sentido, que surge a necessidade de alternativas que possam ser utilizadas pelos docentes como forma de suavizar tais problemas, sobretudo a da rotina enfadonha dos alunos ficarem longe do ambiente escolar.

Assim sendo, este estudo foi realizado a partir de uma experiência vivenciada com os licenciandos do PIBID em Geografia pela Universidade Federal do Piauí, na escola pública estadual U.E Professora Maria de Lourdes Rebelo com os alunos do 1º ano durante a realização de uma oficina. Dessa forma, para realização do trabalho foi utilizado pesquisa bibliográfica e realização de atividades pedagógicas com os alunos. Os objetivos se delimitam em apontar as contribuições das HQ's como prática pedagógica para as aulas de Geografia; reconhecer esse recurso como importante para o processo de aprendizagem dos alunos durante o período da pandemia do COVID-19, e por fim, analisar esse gênero como estratégia para tornar as aulas remotas de Geografia mais atrativas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Histórias em quadrinhos (HQ's) podem ser definidas como um gênero textual narrativo que utiliza de imagens e textos para contar histórias, sendo popularmente conhecida pelas diferentes idades, indo desde o público infantil até a fase adulta. Conforme Melo, Medeiros e Silva (2013 p, 263) “Os quadrinhos atraem um público distinto pelo fato de serem oriundos do conjunto de duas artes diferentes - escrita e desenho [...]”.

É importante destacar que os quadrinhos ao longo do tempo passaram de uma mera forma de entretenimento, e começaram abordar assuntos relevantes que envolvem a sociedade. Ainda de acordo com Melo, Medeiros e Silva (2013), as HQs são formas de informações e de críticas sociais, que podem atingir uma grande quantidade de indivíduos, possibilitando uma leitura geográfica de mundos, de culturas em tempos e espaços diferentes.



Nesse sentido, surge a relevância da utilização desse recurso como uma alternativa para o ensino de Geografia, tendo em vista sua potencialidade em captar a atenção do leitor para a história que está sendo narrada através do uso de ilustrações e pequenos textos. Em consonância a isso, observa-se a necessidade da inovação dentro do Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma vez que, essa nova realidade apresenta inúmeras fragilidades e desafios que acarretam em consequências para a vida dos educandos.

Um dos grandes desafios desse “novo normal” é a dificuldade de aprender o assunto ministrado pelo professor, considerando que as telas dos computadores e dos celulares, passam a ser os principais responsáveis pela transmissão das aulas, o que gera em um cansaço excessivo, tornando as aulas longas e exaustivas, resultando em uma aprendizagem insatisfatória. De acordo com Araújo e Santos (2020, p. 168):

[...] a maneira como tem sido estabelecido o ensino remoto na maior parte das redes públicas e privadas de ensino tem sido insatisfatória. Sem dúvida, a pandemia ocasionada pela Covid-19 trouxe mudanças repentinas e improváveis na rotina de todos, inclusive na dinâmica das escolas e, conseqüentemente, nas práticas pedagógicas.

A fim de melhorar essa realidade surge a necessidade da inserção de práticas pedagógicas que possam ser inseridas no ERE durante as aulas de Geografia, com o intuito de despertar o interesse do aluno, além de tornar as aulas dinâmicas e prazerosas. Contudo, é importante ressaltar que o professor deverá buscar alternativas como o caso das HQ's, que tenham relação com o assunto ministrado, para que sirva como um complemento durante as aulas e não trabalhada de maneira isolada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

São inúmeras as possibilidades dos assuntos que podem ser trabalhados com as HQ's dentro do ensino de Geografia. Contudo, este estudo trata-se de um relato de experiência vivenciado pelos licenciandos do PIBID durante a realização de uma oficina pela plataforma digital *Google Meet*, sobre os assuntos socioambientais do município de Teresina-PI.



De início foi realizado a exposição pelos pibidianos da parte teórica, sendo abordado os assuntos principais voltados para a temática da oficina, e para finalizar, iniciou-se a construção das HQ's com os próprios alunos, com o intuito de fixar o conteúdo que havia sido exposto. A plataforma utilizada para criação das histórias em quadrinhos foi o canva (uma plataforma de desing gráfico visual, disponibilizado na sua versão gratuita, com vários cenários, objetos e personagens).

O roteiro das HQ's foi construído a partir dos conhecimentos obtidos pelos alunos durante a exposição teórica inicial. Na realização da atividade os discentes tiveram uma participação ativa, mostraram-se empenhados e satisfeitos com a construção das histórias, e de forma surpreendente, os alunos que são menos participativos também interagiram e estavam animados, o que gerou numa discussão com toda a turma sobre o assunto apresentado.

Pela experiência obtida durante a realização da oficina pode-se perceber que utilizar esse recurso nas aulas de Geografia, especialmente dentro do modelo remoto, é uma boa estratégia para captar a atenção, instigar a criatividade, e gerar bons debates entre os educandos, além de fixar o conteúdo ministrado resultando em um processo de ensino-aprendizagem satisfatório mesmo com todos os empecilhos do ERE.

CONCLUSÃO

Mesmo diante das limitações e dificuldades ocasionadas pelo Ensino Remoto Emergencial, este trabalho conseguiu apontar as contribuições que as HQ's podem oferecer como prática pedagógica para as aulas remotas de Geografia. Mostrou-se capaz de possibilitar uma aprendizagem significativa, e uma interação que desde o surgimento do COVID-19 passou a ser limitada pelos alunos, além de corresponder a um gênero atrativo capaz de agregar conhecimentos para os mesmos de forma interativa e dinâmica.

REFERÊNCIAS



ARAÚJO, I. B.; Santos, B. A. R. Quando o professor é lançado ao ensino remoto: práticas e vivências dos professores de Geografia perante a pandemia de Covid-19. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v.7, p. 157-169, 2020. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.

MELO, K. C.; MEDEIROS, A. F. D.; SILVA, A. D. A. Uma linguagem alternativa no ensino escolar: as histórias em quadrinhos na mediação do ensino e aprendizagem da geografia, n.1. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 7, p. 260-283, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/18965/13919>. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.



**A IMPORTÂNCIA DAS OFICINAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM
TEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIA NO PIBID COM ALUNOS DO 6º e 7º ANO
DO CETI MARIA MELO/TERESINA-PI**

Tainara da Silva do Carmo

Graduanda de Geografia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: tainarascamp@ufpi.edu.br

Mugiany Oliveira Portela

Professora de Geografia na Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: mugiany@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a importância das oficinas didáticas no ensino de Geografia em tempos de pandemia; analisar sua eficiência em tornar as aulas remotas e híbridas mais acessíveis para os educandos e identificar que as mesmas contribuem com o processo de ensino e aprendizagem. A metodologia ocorreu através de observações diante da oficina realizada e do levantamento bibliográfico a partir de autores que discutem a temática abordada. Logo, notou-se que a execução de oficinas contribui com o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que os alunos tiveram um maior engajamento e aprendizado.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Oficina; PIBID.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista tornar o ensino de Geografia mais dinâmico e eficiente frente às aulas remotas e híbrida implantadas pelo sistema educacional, decorrente do isolamento social por conta da COVID-19, faz-se necessário analisar as estratégias metodologias utilizadas nesse período que contribuiu com processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, destaca-se as oficinas didáticas, que são atividades que oportunizam aos educandos trocas de saberes de maneira lúdica e pedagógica a partir da construção de um determinado recurso que contribua com o aprendizado. Nessa perspectiva, este trabalho apresenta um relato de experiência da vivência no PIBID do curso de Geografia da UFPI sobre a oficina “A importância da reutilização das garrafas pet para a



conservação" aplicada com a turma de Geografia do 6º e 7º do CETI Maria Melo, localizada em Teresina-PI.

No que tange a metodologia, foi realizada revisões bibliográficas em artigos e livros. Além disso, observações durante a realização da oficina para analisar o desempenho dos alunos.

Diante do exposto, o objetivo geral do trabalho visa apresentar a importância das oficinas didáticas no ensino de Geografia a partir da vivência no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na realização de uma oficina com os alunos do 6º e 7º ano do Centro Estadual de Tempo Integral (CETI) Maria Melo; além disso, visa analisar a eficiência das oficinas em tornar as aulas remotas e híbridas mais acessíveis para os educandos e identificar que as mesmas contribuem com o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia, dando ênfase a contribuição desta estratégia no ensino em tempos de pandemia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pandemia da Covid-19, ocasionou mudanças intensas nos diversos âmbitos da sociedade, como o econômico, político, cultural, social, e sobretudo no sistema educacional, que teve que se adaptar as aulas remotas e híbridas. Conforme Gomes (2020, p. 35):

A educação, embora se configure como um conceito abstrato e não uma entidade corpórea que sente os efeitos de um vírus, é uma das áreas mais afetadas pela enfermidade epidêmica amplamente disseminada pela COVID-19. O ato compulsório e fundamental com o objetivo de conter uma das maiores epidemias já enfrentadas pelo mundo inteiro no ano de 2020 nos forçou a criar novos ambientes e estratégias para nos adaptarmos ao isolamento social.

Neste seguimento, houve a necessidade de desenvolver novas estratégias metodológicas à mediação pedagógica, assim, os professores se reinventaram e ressignificaram sua prática docente procurando meios de promover uma educação ativa face ao desafio ensino remoto (DUARTE; MEDEIROS, 2020).



Diante disso, destaca-se a realização de oficinas no ensino de Geografia frente a pandemia, como um recurso eficaz no processo de ensino e aprendizagem, pois possibilita o alunado a ter um aprendizado aprofundado do tema trabalhado, sobretudo, no que tange a prática que o mesmo desenvolve, uma vez que isso torna o seu desempenho mais significativo. Neste seguimento, encontra-se a menção de Costa *et al.* (2020, p. 241):

as oficinas didáticas geram um espaço de ideias, transformação e diálogo dentro da escola, possibilitando ao aluno uma realidade em permanente construção. De forma geral, a utilização deste método engloba o aprimoramento do ensino, diálogo e expansão do conhecimento.

Nessa perspectiva, a execução de oficinas bem planejadas se torna uma estratégia positiva no ensino de Geografia, pois contribui com o aprendizado do aluno e com o seu desenvolvimento diante do meio em que vive, com um olhar observador, reflexivo e crítico.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Para a obtenção dos resultados, destaca-se a oficina realizada com a turma do 6º e 7º ano de Geografia no CETI Maria Melo no âmbito PIBID com a proposta "A importância da reutilização das garrafas pet's para a conservação", assim a oficina foi dividida em 2 momentos, os quais foram: a discussão da proposta e a confecção de objetos a partir da reutilização das garrafas pet's.

No primeiro momento ocorreu a exposição de slides sobre a temática proposta, através do *Google Meet*. No segundo momento, os alunos foram para a prática e desenvolveram objetos de garrafas pet's, nessa etapa os alunos foram para a escola para obterem auxílio da professora supervisora de Geografia no âmbito do PIBID.

Diante desse cenário, os resultados foram positivos, uma vez que durante a realização da oficina percebemos que houve um estímulo nos



alunos em refletirem sobre suas ações diante do Meio Ambiente. Diante disso, observa-se o desenvolvimento de um sujeito mais empenhado com seus atos no dia-a-dia, sendo mais observador e crítico em virtude do espaço geográfico.

CONCLUSÃO

O ensino de Geografia no período pandêmico foi desafiador, tanto para o docente como os discentes, é importante destacar os meios que contribuíram com processo de ensino e aprendizagem, deixando-o mais dinâmico e eficaz, tendo em vista um aprendizado significativo.

Diante disso, destacou-se a oficina realizada com os alunos do 6º e 7º aluno do CETI Maria Melo no âmbito do PIBID, que oportunizou contribuições positivas no aprendizado dos discentes, uma vez que os mesmos as consideraram como algo bom, novo e que despertaram seu interesse. Logo, esse método foi significativo, pois possibilitou os mesmos a saírem da rotina na sala de aula virtual, e a obterem um aprendizado que irão levar consigo em sua trajetória de vida.

REFERÊNCIAS

DIAS, Leonice Seolin; LEAL, Antonio Cezar; CARPI JÚNIOR, Salvador. **Educação Ambiental: conceitos, metodologia e práticas**. 1. ed. Tupã: ANAP, 2016. 187 p. Disponível em: <images/abook/pdf/2017/novembro/Nov.17.17.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2022.

COSTA; Alice Lemos. [et al.] Da teoria à prática: a utilização de oficinas didáticas no processo de ensino e aprendizagem para alunos do ensino médio. **Revista brasileira Ensino Ciência, Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 240-257, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/8322/pdf>. Acesso em: 29 jan. 2022.

GOMES, André. A formação docente inicial do contexto de pandemia: crise e desafios, obstáculos e possibilidades de sucesso (uma construção historiobiográfica da identidade docente). In: CONTIERO, Lucinéia; LIMA, Bruno F. de, GALDINO, Francisli Costa (org.). **Formação docente inicial e Ensino de língua inglesa em tempos de pandemia**. Rio de Janeiro: Editora Publicar, 2020, p. 35 – 44. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/346028797>. Acesso em: 29 jan. 2022.



A CONSTRUÇÃO DA CARTILHA BIOMAS BRASILEIROS JUNTO COM OS ALUNOS DA ESCOLA CETI- PROFESSOR DARCY ARAÚJO

Kelvison Alves de Moraes

Universidade Federal do Piauí

E-mail: kelvisonal@gmail.com

Mugiany Oliveira Brito Portela

Universidade Federal do Piauí

E-mail: Mugiany@yahoo.com.br

RESUMO

Nesse trabalho vamos expor nossa experiência sobre a construção de uma cartilha educativa desenvolvida e idealizada pelos alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), em Geografia. Essa atividade ocorreu durante uma oficina realizada nas aulas da disciplina de geografia ofertada no Ensino Remoto Emergencial (ERE), no CETI- Professor Darcy Araújo - PI. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar o processo de utilização e produção da cartilha educativa biomas brasileiros, feita em conjunto dos alunos, visto que a cartilha é um recurso didático que ajuda a melhorar o entendimento do conteúdo e tem potencial para promoção da educação ambiental. Conclui-se que o uso da cartilha como recurso didático é relevante para o processo de ensino-aprendizagem dos biomas brasileiros dos anos iniciais do ensino fundamental e que a cartilha poderá ser construída para qualquer outro assunto relacionado ao ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Cartilha; Biomas.

INTRODUÇÃO

Devido à pandemia da COVID-19 o ensino passou por diversas modificações, a suspensão das aulas presenciais em todo o país é uma das consequências. O ERE foi uma das medidas adotadas para dar continuidade ao ano letivo, as mudanças aconteceram rapidamente e os professores precisaram adaptar os conteúdos e as aulas presenciais para plataformas on-line.

Foi buscando formas de mediação dos conteúdos para o ERE que desenvolvemos a ideia de realizarmos uma oficina sobre os biomas brasileiros e produzimos uma cartilha educativa junto com os alunos do 7º, 8º e 9º ano da escola CETI- Professor Darcy Araújo, vinculada à rede estadual de ensino, localizada na zona leste da cidade de Teresina. Durante a atividade



estávamos sob supervisão da professora Maria do Rosário Brito, com coordenação da professora Mugiany Portela.

Para a aplicação da oficina e construção da cartilha educativa, os integrantes da escola Darcy Araújo, optaram por trabalhar o tema "biomas brasileiros". Como atividade para casa, pedimos aos alunos que produzissem charges e desenhos das características e dos impactos ambientais sofridos por esses biomas, para serem adicionados futuramente a cartilha.

A primeira etapa de produção da cartilha foi à pesquisa bibliográfica, todas as informações encontradas e consideradas relevantes foram direcionadas para a elaboração da cartilha. A segunda etapa de produção e ilustração aconteceu de forma paralela, pois dessa forma as imagens e textos seriam complementares, sendo utilizada uma linguagem simples para facilitar o entendimento do conteúdo. A cartilha foi realizada por meio aplicativo *Canva*, uma plataforma de *design* gráfico que permite os usuários criarem de forma gratuita conteúdos visuais, ela está disponível *online* e para dispositivos móveis.

Ao final, mostramos a cartilha completa com todas as charges e desenhos feitos por eles. Ao mesmo tempo em que retomávamos o conteúdo trabalhado em sala, dávamos um *feedback* sobre as atividades.

Nesse sentido, este trabalho apresenta um relato de experiência da utilização e produção da cartilha educativa "biomas brasileiros", sendo resultado de uma oficina com criação de charges e desenhos sobre o tema. Este estudo tem como objetivo descrever e analisar o processo de construção da cartilha biomas brasileiros, feita com colaboração dos alunos da escola CETI- Professor Darcy Araújo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os biomas brasileiros hospedam uma parte significativa da biodiversidade mundial, são importantes centros de biodiversidade pois concentram altos níveis de espécies e de endemismo. No entanto, a rica



biodiversidade desses locais vem sendo constantemente agredida por atividades realizadas pelo homem, como à conversão de paisagens naturais.

Porém, hoje esses biomas são considerados patrimônios nacionais e protegidos por Lei como a nº 9605/98 que fala sobre os crimes ambientais e protegem essas áreas de condutas como o desmatamento, danificação e destruição do meio ambiente.

Diante disso, é importante discutirmos esses aspectos na educação básica, pois lá estão os futuros cidadãos que deverão cumprir essas leis, visando à preservação dos biomas brasileiros. Entre as possibilidades de promoção desses aspectos está a utilização das cartilhas, que os tornam próximos às circunstâncias e lugares distantes no espaço.

Podendo a cartilha permitir que o exercício da educação ambiental, os conceitos biológicos e científicos possam ser trabalhados de forma lúdica, divertida e prática, atuando como uma metodologia alternativa de ensino (RODRIGUES, 2008).

A escola ainda é um dos principais lugares responsáveis por ensinar sobre a conservação do meio ambiente, pois ela oferece os conhecimentos necessários para que os alunos aprendam sobre o mundo em que vivem. O uso de recursos didáticos como cartilhas, pode ser uma alternativa promissora no desenvolvimento da aprendizagem e promoção da mudança, onde os alunos possam compreender as características e a importância da conservação dos biomas brasileiros.

Segundo Silva (2017), a cartilha é um recurso didático de suma importância para melhor entendimento do conteúdo. As atividades remetem ao leitor um cenário mais próximo da realidade e, desta forma, ela possui um grande potencial para a promoção da educação ambiental, se tornando um agente facilitador e um importante instrumento educacional.

Assim, a construção de cartilhas como recurso didático é um importante elemento a ser usado nas aulas de geografia pois, possibilita uma linguagem



mais leve, lúdica e reflexões sobre os problemas que afetam o dia a dia dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao construir uma cartilha a partir das charges e desenhos feitos pelos alunos, eles se mostraram bastante interessados tanto na atividade quanto no assunto, observamos a contribuição deles na construção dos materiais e ainda apontaram as suas preocupações quanto a conservação do meio ambiente. As imagens, cores e desenhos associados aos conteúdos abordados despertou a curiosidade e os estimulou, logo podemos dizer que o conteúdo visual também melhora a associação de conceitos, ainda mais se as imagens forem escolhidas de acordo com o conteúdo abordado, consequentemente estimulando a curiosidade dos alunos.

As medidas tomadas para adaptação da oficina ao ensino remoto emergencial, foram todas bem-sucedidas, a cartilha ampliou o conhecimento e a participação dos alunos em sala de aula, que ficaram satisfeitos com a metodologia aplicada, gerando resultados efetivos para o auxílio no ensino de geografia.

CONCLUSÃO

Conclui-se, então, que do uso da cartilha para auxiliar na complementação do ensino e também como meio facilitador a compreensão do assunto teve resultados positivos, podendo ser um material didático de suma importância para promover a educação ambiental e sensibilização da população quanto a importância da conservação dos biomas brasileiros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do

Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF, 1988. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação



da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000.

RODRIGUES, G. S. D. S. Educação Ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. São Paulo. **Sociedade & Natureza**. p. 51-66, 2008. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conidis/2016/TRABALHO_EV064_M D1_SA7_ID1159_11102016162709.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022.

SILVA, K. A. *et al.* Elaboração de uma cartilha como material educativo para preservação da tartaruga verde (*cheloniemydas*) em itaipú, niterói, rio de janeiro. **Revista Presença**, [S.l.], v. 2, p. 35-58, aug. 2017. ISSN 2447-1534. Acesso em: 28 jan. 2022.



OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA: O USO DO QUIZZIZ NO COLÉGIO CETI PROFESSOR RALDIR CAVALCANTE BASTOS

Denise Vieira de Araújo

Universidade Federal do Piauí
E-mail: denisearaujovi@ufpi.edu.br

Tainara de Sousa França

Universidade Federal do Piauí
E-mail: tainarasousa210@gmail.com

Armstrong Miranda Evangelista

Universidade Federal do Piauí
E-mail: armstrong@ufpi.edu.br

RESUMO

O processo de avaliação nem sempre é percebido como algo positivo por parte dos alunos. No ensino remoto, torna-se ainda mais necessário o acompanhamento desse processo por parte do professor, pois grande parte das aulas é realizada por plataformas virtuais, o que dificulta o contato com os discentes. Assim, este trabalho pretende analisar o site Quizizz por meio das percepções dos alunos do Ensino Médio quanto ao uso dessa tecnologia digital em sala de aula como ferramenta de avaliação da aprendizagem de Geografia, com a temática de Guerra Fria. A pesquisa obteve o uso de metodologia bibliográfica e qualitativa e foi realizada na escola CETI Professor Raldir Cavalcante Bastos, em Teresina, Piauí. Os resultados revelaram que o uso do Quizizz promoveu um maior interesse e engajamento das interações sociais aluno-professor, aumentou a motivação e potencializou a aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: ensino; geografia; quizizz.

INTRODUÇÃO

Com o período pandêmico e a necessidade de inserir o modelo de ensino remoto em sala de aula, há uma preocupação com a educação dos discentes. Nesse processo de aprendizagem com as metodologias ativas, torna-se significativo o exercício do conteúdo de forma interativa. Além disso, a abordagem de conteúdos geográficos também pode ser considerada válida, pois o uso de imagens e jogos são essenciais para o complemento do estudo desse componente curricular, fazendo com que os alunos se sintam participantes ativos das aulas.



Nesse sentido, buscamos utilizar na temática de Guerra Fria, o Quizziz, na escola CETI Raldir Cavalcante Bastos, em Teresina, Piauí. Essa plataforma permite produzir questionários de uma forma divertida e motivadora para alunos de todas as idades. Ela formula itens de seleção de várias disciplinas e permite a recolha de informação e o feedback necessário ao aperfeiçoamento do processo de aprendizagem em sala de aula, o que permite reforçar questões ainda pouco absorvidas por eles.

REFERENCIAL TEÓRICO

Camargo e Daros (2018, p.36), oferecem um conhecimento necessário para a construção de uma aprendizagem dinâmica, em que a criatividade e a participação do aluno são os elementos principais, e através disso é possível construir um conhecimento no qual o aluno se torna protagonista e adquire habilidades para a resolução de problemas, o desenvolvimento de projetos, a independência, tornando-se comprometido com o seu processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, explora-se a interação entre os estudantes durante as aulas expositivas e focaliza-se a atenção dos estudantes nos conceitos que servem de fundamento. [...] A princípio é dado um tempo para os estudantes formularem suas respostas e, em seguida, eles devem discuti-las entre si. Esse processo (a) força os estudantes a pensar com base nos argumentos que estão sendo desenvolvidos e (b) dá-lhes (o professor incluído) um modo de avaliar a sua compreensão do conceito (MAZUR, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O jogo educativo escolhido foi o Quiz, o aplicativo utilizado foi o Quizziz para trabalhar na escola. A primeira etapa consistiu em preparar o Quiz on-line utilizando o site <https://quizziz.com/>. Nele continham questões de múltipla escolha sobre o conteúdo da disciplina de Geografia, com o tema Guerra Fria. Durante o jogo, foram definidos os tempos para a resposta de cada questão conforme grau de dificuldade. O jogo foi configurado para



transcorrer com perguntas e respostas aleatórias. A resposta correta era vista após a finalização do questionário, mostrando fotos divertidas, o progresso de tempo e pontuação para cada questão. Após a finalização do jogo, havia a classificação e o número de erros e acertos de cada questão.

Assim, a ideia de utilizar uma ferramenta diferente funcionou como um potencializador da aprendizagem dos discentes, pois foi possível observar que os estudantes apresentaram boa proatividade e participação nos jogos e aceitação em responder as questões. Essa aceitação incentivou a todos os agentes, pois nos envolveram de forma dinâmica, lúdica e como uma alternativa de ensino, além de, posteriormente, começarem a participar com menos timidez das aulas que se sucederam. Com base nesse entendimento, o método ativo é um processo que visa estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para tomada de decisão, sendo o professor apenas o facilitador desse processo (Bastos, 2006, apud Berbel, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, o resultado que conseguimos obter foi bastante positivo, pois foi possível notar que o momento da aprendizagem se tornou mais dinâmico, apesar da aula ocorrer de forma virtual, e foi perceptível um maior engajamento dos alunos naquele momento. Portanto, a atividade conseguiu trazer um espaço de descontração entre todos, mas também serviu como uma revisão do conteúdo para os alunos e uma amostra dos assuntos que geraram mais dúvidas e poderiam ser melhor trabalhados pelos docentes.

REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: Estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre. Penso, 2018.

**II Seminário Nacional de
Ensino e Pesquisa do Curso de
Licenciatura em Geografia da
UFPI**



MAZUR, Eric. **Peer Instruction**: a revolução da aprendizagem ativa. 1.ed. Porto Alegre: Penso, 2015.



DESAFIOS DOS GRADUANDOS EM GEOGRAFIA DURANTE O ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Ilderlan Sousa da Silva

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
E-mail: ilderlansousa26@gmail.com

Eduardo Morais Freitas

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
E-mail: eduardooliveira34234@gmail.com

Thais Costa Medeiros

Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: thaysbio2013@gmail.com

RESUMO

Devido ao atual contexto gerado pela pandemia do Covid-19, na qual, as escolas brasileiras tiveram que substituir o ensino presencial pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE), com o intuito de diminuir o contágio do Coronavírus entre os estudantes, provocou inúmeros desafios para os discentes ocasionando assim, limitações no que concerne à aprendizagem. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar os desafios enfrentados pelos graduandos em geografia frente as aulas remotas emergenciais em tempos de Covid-19 no contexto do CESC-UEMA. Para isso realizou-se um questionário via *Google Forms*, com os discentes do curso de geografia do CESC/UEMA, de períodos diferentes, afim de verificar como estão lidando com as aulas remotas emergenciais no atual contexto da pandemia. Como resultados da pesquisa, percebeu-se que os discentes em geografia sentem limitações no seu processo de aprendizagem advindo da falta de recursos, concentração nas aulas e problemas de internet.

Palavras-chave: ensino de geografia; aulas remotas emergenciais; pandemia do Covid-19.

INTRODUÇÃO

Devido as recomendações elaboradas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para combater o avanço do Coronavírus, as Universidades Brasileiras tiveram que adaptar o ensino presencial para o formato remoto. Contudo, essa nova modalidade emergencial de ensino, trouxe desafios e dificuldades para os discentes. Dessa forma, quais os desafios dos estudantes de geografia no ensino remoto durante a pandemia do Covid-19 no contexto da Universidade Estadual do Maranhão na cidade de Caxias - MA?



Neste sentido, o objetivo do trabalho é identificar os desafios enfrentados pelos discentes em geografia frente as aulas remotas emergenciais em tempos de Covid-19 no contexto do CESC/UEMA no município de Caxias – MA.

Para alcançar o objetivo proposto foi realizado uma pesquisa de campo usando um questionário via *Google-Forms* aplicado à 16 graduandos do curso de geografia do Centro de Estudos Superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão (CESC/UEMA), afim de conhecer os desafios vivenciados pelos discentes, no atual contexto de pandemia do Covid-19.

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Com a pandemia do Covid-19, muitos desafios foram impostos para instituições, professores e alunos frente ao processo de ensino e aprendizagem. Assim, o ensino remoto foi a alternativa viável para contribuir no atual contextod e pandemia. Segundo Bernardes (2020), o ensino remoto emergêncial é uma medida temporária que tem por finalidade manter as atividades pedagógicas antes presenciais, de forma síncrona e/ou assíncrona por meio de web conferências, fóruns, *chats* e entre outros recursos.

Neste sentido, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) sendo caracterizado como uma Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs), se tornou umas das principais engrenagens para a continuação da educação no mundo durante o isolamento social. Sendo assim, o uso das TICs no ensino da geografia possibilita ao discente conhecer os recursos digitais e ao mesmo tempo proporciona condições para o conhecimento do espaço geográfico e as possibilidades para sua análise.

PERCEPÇÃO DOS DISCENTES FRENTE AS AULAS REMOTAS

Para preservar a identidade dos sujeitos participantes, foram denominados pela inicial “D” de Discente, seguindo pela numeração dos dados coletados na pesquisa. Dessa forma, os discentes foram indagados se



as aulas remotas suprem as necessidades no processo de aprendizagem, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Você acredita que as aulas remotas suprem suas necessidades no processo de ensino e aprendizagem? Por quê

Não. Ambiente muito barulhento, iluminação, internet e o próprio horário mudou o horário de aulas, noturno para diurno (D10).
Não! Infelizmente o tempo é curto, as aulas são corridas. Muito trabalho e pouca aula de fato (D8).
Não, pois o ensino fica sem a interação do professor e o aluno é reduzido o ensino nos conteúdos (D16).

Fonte: Pesquisa Direta, 2021.

Com base nas respostas dos discentes, as aulas remotas não estão sendo eficazes no processo de ensino e aprendizagem dos discentes, além disso os professores e discentes não estavam preparados para essa nova realidade de ensinar. Conforme evidenciado pelos discentes, muitos são os desafios impostos durante as aulas remotas, como o ambiente barulhento, os conteúdos ministrados pelos professores ficam reduzidos e assim prejudicando na compreensão, além da falta de interação entre professor-aluno, dificultando no processo de aprendizagem. Posteriormente os discentes foram indagados acerca dos desafios que estão vivenciados com as aulas remotas, como evidenciado no Quadro 2.

Quadro 2 - Quais os desafios enfrentados durante as aulas remotas?

Concentração nas aulas, falta de lugar adequado para estudar (D2)
Ambiente barulhento, iluminação, internet péssima (D3)
Internet instável, problemas com o celular, concentração e disciplina (D12)

Fonte: Pesquisa Direta, 2021.

Com base nas respostas dos discentes, inúmeros são os desafios que estão presenciando com as aulas remotas. Os desafios vão desde a falta de concentração por estarem no ambiente de casa, a internet e a falta de recursos tecnológicos que sejam eficazes para assistir as aulas remotas.



CONCLUSÃO

Ensinar e aprender nesse momento de aulas remotas emergenciais tem se tornado um enorme desafio para os professores e alunos, pois, inúmeras são as dificuldades enfrentadas em promover uma aprendizagem significativa. Com base nas pesquisas, os graduandos em geografia sentem limitações durante as aulas remotas que os impedem de um aproveitamento significativo dos conteúdos. Portanto, é importante o planejamento e ações pedagógicas nas quais visam a qualidade do ensino remoto.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, C. M. R. *et al.* Transição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial nos cursos de graduação da Unievangélica durante a pandemia de Covid -19. **Revista educação, ciência e inovação**. Anápolis, v. 2, n. 1, nov. 2020.



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA DISCUSSÃO REFLEXIVA DE MICRO ATITUDES: O USO DE MEMES COMO RECURSO DIDÁTICO

Antonia Edna de Araújo Gomes
Universidade Federal do Piauí
E-mail: agomesedna@ufpi.edu.br

Diego Lucca Assunção Lima
Universidade Federal do Piauí
E-mail: diegolucca@ufpi.edu.br

Bartira Araújo da Silva Viana
Universidade Federal do Piauí
E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente trabalho discorrerá sobre o uso dos memes como recurso didático no contexto da educação ambiental escolar, com a finalidade de sensibilizar o aluno na aula e em seu cotidiano cada vez mais virtual, potencializado na pandemia de Covid-19. Nesse sentido, partindo de pesquisa bibliográfica, o objetivo desta pesquisa é demonstrar a importância do uso de memes como recurso didático de sensibilização das questões ambientais no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Ambiental; novas metodologias; memes.

INTRODUÇÃO

Na busca por uma metodologia acessível que possa sensibilizar a comunidade escolar e a sociedade em geral quanto à temática ambiental, encontramos nos memes grande potencial para este fim. Desta maneira, este estudo objetiva demonstrar a importância do uso de memes como recurso didático de sensibilização das questões ambientais no ambiente escolar, presencialmente ou virtualmente, em tempos de pandemia de Covid-19.

Portanto, partindo de pesquisa bibliográfica, propõe-se nesse estudo metodologias de ensino que podem ser realizadas pela escola na busca pelo reconhecimento, questionamento e reflexão acerca da temática ambiental, com o uso de memes como recurso didático.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Silva (2012) conceitua educação ambiental como um ramo da educação cujo objetivo é a disseminação do conhecimento sobre o meio ambiente, a fim de promover sua preservação e utilização sustentável de recursos naturais. De acordo com Loureiro (2004), a educação ambiental como uma visão crítica é caracterizada como possuidora de atitude reflexiva diante dos desafios que a crise civilizatória nos coloca, partindo do princípio de que o modo como vivemos não atende aos anseios de todos e que é preciso criar novos caminhos.

A utilização de novas metodologias didáticas no ensino é imprescindível na busca por um processo ensino-aprendizagem efetivo, como afirma Bezerra *et al.* (2021, p.288) ao discorrer que “[...] é relevante que a educação seja simplificadora dos conteúdos, principalmente os mais abstratos, utilizando exemplos do cotidiano dos alunos, pois é a metodologia que faz o alunado compreender o conteúdo”, principalmente de temáticas relacionadas a educação ambiental, cada vez mais discutida no meio científico, porém, muitas vezes, de acesso restrito ao público em geral de forma eficiente, não permite a divulgação de projetos de conscientização sobre direitos e deveres de cidadãos para com o ambiente.

Assim, na busca por materiais acessíveis e com potencial para incutir no público um pensamento para além das micro atitudes, ou seja, pensar os problemas que nossas pequenas atitudes individuais não alcançam, encontramos nos chamados memes um grande potencial para este fim, pois, como afirma Bezerra *et al.* (2021), o termo foi usado primeiro para designar a reprodução de genes, por Richard Dawkins, em 1976, mas, no meio virtual se refere a viralização de informações em diferentes formatos multimídia, portanto, “[...] além de ser compreendido como um instrumento enriquecedor, que junto com a mediação dos professores torna-se uma ponte de conhecimento e os elementos contidos em uma só imagem, facilitam a compreensão do assunto específico” (BEZERRA *et al.* 2021, p. 288).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações das escolas de ensino básico, em que o foco fica nas micro atitudes que os estudantes devem ter, como apagar uma lâmpada, tomar banhos mais curtos, dentre outros, são muito comuns. Essas pequenas atitudes são importantes, mas para que tenha impacto real em questões ambientais globais, são necessárias abordagens voltadas ao incentivo de questionamentos e reflexões dentro da realidade do estudante.

Desta forma, fazer relação entre as configurações que nos levam à financeirização da vida e a revolução tecnológica com o esgotamento ambiental, é um meio de conscientizar e sensibilizar a comunidade escolar, assim como a sociedade em geral, promovendo o pensamento global a partir da reflexão e da promoção de visibilidade para essas questões. Assim, surge a proposta de uso de memes como recurso didático, pois são materiais acessíveis e com potencial para atingir um público diverso, de forma lúdica e cômica, como mostra o exemplo da Figura 1:

Figura 1 - Exemplo de meme a ser utilizado em aula de educação ambiental



Fonte: Minimalista e Sustentável, 2020.

A utilização dos memes se mostra eficaz perante o propósito de sensibilizar ambientalmente o público, ficando claro também seu potencial como recurso didático e as possibilidades de uso, aliado aos mais diversos assuntos a que se proponha. O público tende a ser mais receptivo e



participativo nas discussões levantadas quando se utiliza materiais como estes, ainda mais em meio a atual conjuntura da pandemia de Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a Educação Ambiental tem que ser política, através da reflexão crítica. Assim, a utilização dos memes possui um grande potencial como recurso didático, por ser um material acessível e simples que está presente no cotidiano virtual dos estudantes, podendo contribuir para sensibilizar o público para uma consciência ambiental, servindo para um público diverso, de forma lúdica e cômica.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. *et al.* Entre o mundo real e virtual: a produção de memes como proposta metodológica para o ensino de Geografia. **Metodologias e Aprendizado**. [S. l.], v. 4, p. 282–289, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2249>. Acesso em: 2 nov. 2021.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo, Cortez, 2004.

SILVA, D. G. **A importância da educação ambiental para a sustentabilidade**. 2012. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Danise-Guimaraes-da-Silva.pdf>. Acesso em 16 set. 2021.



**FORMAÇÃO DOCENTE NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
EXPERIÊNCIA, RELATO E REFLEXÃO PARA A FORMAÇÃO DO SER PROFESSOR DE
GEOGRAFIA EM MEIO A PANDEMIA DO COVID-19.**

Eduarda de Oliveira Santos

Universidade Estadual De Feira De Santana
E-mail: eduardauefs086@gmail.com

Rebeca da Silva Araújo

Universidade Estadual De Feira De Santana
E-mail: becca.silva16@gmail.com

Fábio Deraldo dos Santos

Instituto Federal De Educação Ciência E Tecnologia Da Bahia (Ifba)
E-mail: fabioderaldo@gmail.com

RESUMO

O seguinte trabalho corresponde a um relato de experiência desenvolvido para contemplar a participação durante o primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica - Subprojeto de Geografia, que visa a valorização da formação docente, oportunizando ao residente a vivência escolar e experiência de regência antes do momento de estágio supervisionado nos cursos de licenciatura. Esse relato de experiência foi desenvolvido a partir da oportunidade de regência com uma turma do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFBA) Campus Feira de Santana, com objetivo de compartilhar as reflexões provocadas por esse momento de mediação, além das inquietações referentes ao processo de formação que agora ocorre dentro de um contexto pandêmico e destacar a importância do programa para o aprimoramento da prática docente.

Palavras- chave: experiência; formação e pandemia.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional Residência Pedagógica - Subprojeto de Geografia (PRP) tem por objetivo propiciar aos estudantes matriculados nos cursos de licenciatura a experiência de participação no ambiente escolar e a de regência nas escolas-campo, mediante parceria com escolas da rede pública da educação básica, potencializando e valorizando a formação profissional dos graduandos. No entanto, tendo em vista o atual contexto da pandemia do COVID-19, as atividades nos anos de 2020 e 2021 foram desenvolvidas no formato remoto, logo, se torna preciso apropriar-se prática



e, sobretudo, teoricamente dessas novas modalidades de ensino. Em nosso relato de experiência, embasados bibliograficamente por teóricos que abordam as temáticas de ensino-aprendizagem, estabelecemos como objetivo expor e buscar contemplar os atravessamentos que nos foram gerados, enquanto professoras de geografia em formação. Para além disso, enfatizar a importância da vivência oportunizada pelo PRP para a composição do currículo e compartilhar as inquietações provocadas pela regência durante o período remoto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para embasar esse relato de experiência utilizamos proposições de SANTOS (2010) com base nas discussões da autora em torno da cibercultura que emerge através das novas modalidades de ensino (online, remoto, híbrido) que se consolidam com a pandemia, modalidades essas que trazem consigo a necessidade de reavaliação das práticas e teorias educacionais. Além de nos basearmos em textos de POLADIAN (2014), LARROSA (2011), dentre outros teóricos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática de exercer a regência em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) torna-se desafiadora tendo em vista que “as novas exigências educacionais pedem a universidade um novo professor capaz de ajustar a sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno” (Libâneo, 2008), porém, a formação atual ainda não abrange de forma plena a dimensão da aprendizagem através das redes digitais, logo, a transição abrupta para esse cenário de ensino remoto, aulas online, divisões de momentos síncronos e assíncronos se configura em uma formação curricular substancialmente prática, dado que ainda não era possível ocorrer encontros presenciais devido às medidas de isolamento. A mediação a qual descrevo no relato, só é possibilitada através das existências.



Apesar dos empasses do ensino presencial reverberarem nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), esses ambientes apresentam suas limitações e potencialidades. Embora existam as desigualdades sócio econômica e regionais, durante o contexto pandêmico o contato professor aluno só se estabelece diretamente por intermédio das redes digitais, as quais permitem através das interfaces o contato em tempo real independente da dispersão geográfica. Todavia, ainda que se possua todas as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) disponíveis, se não reelaborar as práticas, nada disso será eficiente, o ensino online não é transpor as metodologias tradicionais da aula presencial para o computador, mas reestruturar suas metodologias e práticas docentes para perceber as potencialidades do AVA, aproximando o estudante da teoria utilizando as TDIC.

É durante a regência que pude evidenciar de forma mais inteligível que a mediação da aprendizagem precisa ter, antes de tudo, o sentido e objetivo, de ouvir o outro, independentemente do ambiente no qual vá se estabelecer a comunicação. Mediar é, a princípio, exercitar uma escuta sensível, pois, “comunicar é partilhar sentido” (LÉVY, 1999), tendo em vista que “na atuação docente, não basta conhecer muitas teorias para ser um bom professor, é necessário saber quando utilizá-las, como, e, acima de tudo, elaborá-las constantemente para solucionar os problemas que são impostos cotidianamente na ação” (POLADIAN, 2014).

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados, fica evidente que a vivência da regência e o relato se constituem em potentes atos de currículo, pois, permitem a formação em práxis (ação - reflexão- experiência), propiciando uma formação crítica e colaborativa. E mais do que nunca a formação docente precisa estar em foco, posto que a realidade exige novas possibilidades de educação e aprendizagem no mundo em pandemia e pós-pandêmico.



REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.04-27, jul./dez. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. SP: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissionais docentes, São Paulo: Cortez, 2008.

POLADIAN, Mariana Lopes Pedrosa. **Estudo sobre o Programa de Residência Pedagógica Da UNIFESP:** uma aproximação entre Universidade e Escola na Formação de Professores. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação), Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16141>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SANTOS, Edméa. **Educação online para além da EAD:** um fenômeno da cibercultura. Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010



AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA COMO RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Patrícia de Oliveira Araújo

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: patriciadeoliveira785@gmail.com

Roneide dos Santos Sousa

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

E-mail: roneidesousa@ufpi.edu.br

RESUMO

A pesquisa trata da relevância da utilização das tecnologias digitais como instrumentos de mediação no processo de ensino-aprendizagem durante as aulas remotas na educação básica. Tem por objetivo geral analisar as contribuições das tecnologias digitais no que se refere ao uso do QRCode e do Padlet no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia durante o ensino remoto emergencial (ERE). Como metodologia o estudo parte de um levantamento bibliográfico acerca das tecnologias digitais e a produção de um infográfico demonstrando o uso e as potencialidades das ferramentas AR Code e Padlet no ensino de Geografia voltados aos professores da Educação Básica. Por resultados, as ferramentas digitais podem mobilizar a aprendizagem no ensino de Geografia proporcionando interação a partir dos conteúdos trabalhados, além de serem adquiridas de forma gratuitas e seu uso ser acessível por meio do celular. Conclui-se que o professor de Geografia pode fazer uso dessas ferramentas não apenas durante as aulas remotas, mas também levando para as aulas presenciais, a fim de potencializar e dinamizar o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais, Ensino Remoto Emergencial, Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

O interesse pela a temática surgiu da necessidade de adotar diferentes ferramentas tecnológicas no ensino de Geografia como instrumentos facilitadores do processo de ensino-aprendizagem durante o ensino remoto emergencial (ERE) na Educação Básica. A utilização das tecnologias digitais ainda nos primeiros meses, do ano de 2020, permitiram o retorno às atividades de ensino na modalidade remota, contexto considerado desafiador para muitos docentes, porém, com o tempo de adaptação e outros a partir de formações específicas introduziram recursos digitais em sua prática docente, a citar o *Mentimeter*, *Google Forms*, *Jamboard*, *Quizz*, *Socrative* entre outros.



O estudo é relevante por se tratar do uso das tecnologias digitais, recursos que estão presentes na sociedade contemporânea, no Ensino de Geografia, bem como permite possibilidades pedagógicas no trabalho docente. A pesquisa tem como questões norteadoras: De que forma as tecnologias digitais podem contribuir como facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem no ensino de Geografia tanto no ERE e nas aulas presenciais? De que forma podem contribuir no uso do raciocínio geográfico dos conteúdos ensinados?.

Como metodologia a pesquisa trata-se de um levantamento bibliográfico que inicia-se com a discussão acerca das TICs com os autores Ferreira, Cavalcante e Ribeiro (2021), Lima, Pinheiro e Carvalho (2021) e Martins Junior (2017), e o raciocínio geográfico com base na BNCC (2017). E na sequência, optou-se em trabalhar com o QR Code e Padlet, por terem potencial de mobilizar a aprendizagem geográfica, sintetizado em um infográfico explicativo. Por fim tem-se por objetivo geral analisar as contribuições das tecnologias digitais no que se refere ao uso do QR Code e do Padlet no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia durante o ensino remoto emergencial (ERE).

RECURSOS DIDÁTICOS DIGITAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA

As Tecnologias de Informações e Comunicações (TICs) se tornaram fundamentais no ensino durante a pandemia do Covid-19 (SARs-cov-2) nos anos de 2020 e 2021, período em que as atividades escolares foram mediadas pelas mesmas e aconteceram de forma remota. Nesse período foi preciso que os professores adotassem metodologias que pudessem ser desenvolvidas por meio das videoconferências, aulas remotas síncronas ou assíncronas. Dessa forma, através das tecnologias digitais é preciso “aprender a se reinventar diante dos desafios de adaptação e implementação de novas ferramentas digitais” (FERREIRA; CAVALCANTE, RIBEIRO, 2021, p.7).



As tecnologias digitais é uma das questões abordadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no qual determina competências gerais para a educação básica (BRASIL, 2017). Tendo em vista que, a utilização das mesmas no ensino pelos professores necessita passar por um planejamento prévio, onde será possível determinar os resultados esperados da aplicação das atividades (MARTINS JUNIOR, 2017). As tecnologias digitais no ensino de Geografia propicia ferramentas capazes de facilitar o desenvolvimento dos princípios do raciocínio geográfico, acerca disso, a BNCC reforça a relevância do mesmo, pois é através dele que os alunos podem exercitar o pensamento espacial (BRASIL, 2017).

Uma das contribuições relevantes do ensino de Geografia na educação básica, como esclarece a BNCC é "desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo e relacionando componentes da sociedade e da natureza" (BRASIL, 2017, p. 358). Assim, o raciocínio geográfico, por meio dos princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem, conduzem o aluno a pensar espacialmente, a observar o espaço geográfico e compreendê-lo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em contribuição ao Ensino de Geografia e as possibilidades do uso de recursos digitais no ensino, seja ele remoto ou presencial, tem-se as ferramentas do QR Code e do Padlet, que podem contribuir na mediação dos conteúdos de geografia, além de dinamizar o ensino. O uso dos mesmos permite o docente explorar os princípios do raciocínio geográfico, aproximando sempre que possível o conteúdo a vivência do alunado. Com auxílio do Padlet o aluno poderá produzir murais geográficos com elementos de referência do seu espaço de vivência, e criar QRCode onde irá filtrar informações geográficas desses elementos. No infográfico apresenta-se uma proposta de uso para os recursos, link: <https://rb.gy/pvktfd>.



CONCLUSÃO

O professor de Geografia pode fazer uso dessas ferramentas não apenas durante as aulas remotas, mas também levando para as aulas presenciais, a fim de potencializar e dinamizar o ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FERREIRA, Jacqueline dos Santos; CAVALCANTE, Gabriel Melo; RIBEIRO, Suezilde da Conceição Amaral. Contribuições das tecnologias digitais no ensino remoto a partir da pandemia da Covid-19. **Revista Cocar**. V.15 N.33/2021 p.1-15. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar>. Acesso em: 10 fev. 2022.

LIMA, S. P., PINHEIRO, M. G. d. C., CARVALHO, D. F. O uso das tecnologias digitais no ensino de geografia: Inventário de práticas publicadas entre 1999-2020 em periódicos da área de ensino. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 4, No. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/246902>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MARTINS JUNIOR, Luiz. Tecnologia da informação e comunicação no ensino de geografia. **Indaial**: UNIASSELVI, 2017. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=24881>. Acesso em: 02 fev. 2022.



O VÍDEO E A TV COMO RECURSOS DIDÁTICOS NÃO CONVENCIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: VIVÊNCIAS NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Adila Eloisa Penha Lima

Graduanda de Geografia. Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: adilaeloisa@ufpi.edu.br

Tainara da Silva do Carmo

Graduanda de Geografia. Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: tainarascarmo@ufpi.edu.br

Bartira Araújo da Silva Viana

Professora Dra. da Coordenação de Geografia
Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente trabalho evidenciará a performance da TV e do vídeo como recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia, visando tornar o processo de ensino-aprendizagem atrativo e significativo. O objetivo geral da pesquisa é analisar o uso do vídeo e da TV como recursos didáticos não convencionais para serem utilizados no ensino de Geografia, visando a promoção de uma aprendizagem significativa. A metodologia deu-se por meio do levantamento bibliográfico. Além disso, baseou-se na execução e observação das oficinas didáticas ofertadas num curso de extensão da Coordenação de Geografia da UFPI. Diante desse cenário, evidenciou-se que a realização da oficina para os docentes e discentes de Geografia contribuem com um processo de ensino e aprendizagem mais eficiente, uma vez que esses recursos didáticos não convencionais auxiliam nas abordagens dos conteúdos geográficos de forma lúdica e dinâmica, sendo uma estratégia metodológica potencializadora e significativa no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; TV; Vídeo.

INTRODUÇÃO

Para corresponder aos novos formatos do processo de ensino-aprendizagem, a presente pesquisa volta-se ao vídeo e à TV como possibilidades de uso como recursos didáticos não convencionais. Ao refletir sobre práticas do ensino de Geografia, investiga-se a contribuição do vídeo e



da TV nesse processo e, principalmente, sua influência na geração de novos olhares sobre a Geografia escolar.

Dessa maneira, será verificada a potencialidade dos recursos em questão no ensino de Geografia partindo de sua atratividade e ludicidade, para que haja alcance sobre a *práxis* educativa de maneira significativa.

O presente trabalho decorre da vivência no âmbito do programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV). Assim, apresenta-se um relato de experiência a partir da execução das oficinas “O vídeo como recurso didático não convencional no ensino de Geografia” e “A TV como recurso didático não convencional no ensino de Geografia”, em busca de uma aprendizagem significativa.

A metodologia foi organizada em duas etapas: fontes (1) e procedimentos (2). No que concerne à primeira etapa, o levantamento bibliográfico garantiu maior segurança para a investigação sobre o vídeo e a TV no ensino de Geografia. Na etapa procedimental foram construídas oficinas destinadas a licenciandos e professores no curso de intitulado “Aprendizagem significativa com o uso de recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia (IV)”, organizado pelas professoras Bartira Viana e Andrea Scabello.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o uso do vídeo e da TV como recursos didáticos não convencionais para serem utilizados no ensino de Geografia, visando a promoção de uma aprendizagem significativa. Os objetivos específicos são: a) discutir sobre conceitos relacionados ao ensino de geografia escolar, a formação docente e aprendizagem significativa; b) discutir sobre o uso do vídeo e da TV como recursos didáticos não convencionais, quanto a sua potencialidade de uso no ensino de Geografia, visando um ensino-aprendizagem mais significativo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Quando se trata da atualidade, a aprendizagem significativa pode ser possível a partir de dispositivos que funcionem como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem. Dentre estes, os recursos tecnológicos chamam atenção por romperem com o básico e inovarem práticas educativas. Santos (2010) discute que a escola deve participar das mudanças tecnológicas que estão inseridas nas realidades de seus envolvidos, reafirmando a proposta de aproximação entre tecnologia e ensino.

Em um sentido prático, existem variados recursos decorrentes do mundo globalizado que possuem potencial para uso no ensino de Geografia. O vídeo e a TV são ferramentas de uso comum no cotidiano de jovens e crianças, mas quando utilizados em sala de aula são capazes de provocar sensações e despertar discussões sobre diferentes temáticas a partir dos conteúdos variados. Segundo Guareschi (2005, p. 21), “[...] a criança precisa ser estimulada a leitura crítica do que vê na televisão e vídeo, as produções [...] precisam ser refletidas, seus temas devem trazer ensinamento e não condicionamento ou alienação”.

É válido destacar a importância do papel docente na conexão entre os recursos didáticos não convencionais apresentados e o ensino de Geografia. O equilíbrio entre o tecnológico e o tradicional, por exemplo, é uma necessidade para a construção de um ensino-aprendizagem voltado ao estudante. Portanto, a formação de um professor preparado para a realidade escolar se faz relevante, posto que Silva (2019) argumenta que o processo contínuo da formação docente o faz estar em constante reflexão sobre sua profissão.

RESULTADO E DISCUSSÕES

No que refere aos resultados da pesquisa, destaca-se a realização das oficinas didáticas acerca do uso do vídeo e da TV como recurso didático não convencional no ensino de Geografia, ambas executadas por pesquisadoras da ICV, que apresenta-se em andamento. A realização das oficinas ocorreu



na 4ª edição do Curso de Extensão, em decorrência das aulas na UFPI estarem ocorrendo de forma remota por conta da pandemia, sendo realizadas pelo canal do *Youtube* do Centro Acadêmico de Geografia.

A oficina sobre o uso do vídeo como recurso didático não convencional foi sistematizada em dois momentos. O primeiro foi pautado em uma parte teórica, com abordagem a respeito da importância do vídeo, as suas variedades, emprego pelo professor e os cuidados ao serem utilizados. No segundo momento, foi apresentada uma sequência didática mostrando a utilização do vídeo no estudo de conteúdos geográficos.

A oficina sobre o uso do TV como recurso didático não convencional também ocorreu em dois momentos. Inicialmente foi feita uma abordagem teórica a respeito da TV no cotidiano dos alunos; mostrou ainda como a produção e reprodução nos conteúdos televisivos podem ser utilizados em sala de aula; a maneira de organizar a aplicabilidade da TV como auxílio nas aulas de Geografia visando o alcance da aprendizagem significativa, dentre outros. No segundo momento, foram destacadas três produções da TV brasileira que continham relação com os conteúdos geográficos, bem como: hidrografia, cartografia e as questões ambientais.

Conforme o exposto, salienta-se que é de suma importância que a TV e o vídeo sejam utilizados como auxílio nas aulas de geografia, por se fazerem presentes cotidianamente na vida dos alunos, afim de contribuir com a formação de estudantes mais críticos e reflexivos a respeito do que observa em seu espaço habitado. Nesse sentido, pontua-se que os resultados foram positivos à medida em que as oficinas abrangeram docentes e discentes que podem e poderão empregar a TV e o vídeo em suas aulas, tornando o processo de ensino significativo, uma vez que esses recursos didáticos não convencionais potencializam e qualificam o ensino de Geografia.

CONCLUSÃO



Diante do exposto, percebeu-se as contribuições e a riqueza do uso da TV e do vídeo na mediação didática docente, como auxílio no ensino de Geografia, de modo que o estudante obtenha uma criticidade diante das relações e dos fenômenos do espaço geográfico.

Portanto, é importante que as abordagens diante dos recursos didáticos não convencionais se aproximem da realidade do estudante, visto que bem planejados e organizados, contribuirão significativamente com a formação de um sujeito ativo na sociedade.

REFERÊNCIAS

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania**: Tudo o que você deve saber sobre a mídia. Petrópoles, RJ: Vozes, 2005.

SANTOS, Helvécio. **A televisão possibilitando novos olhares no fazer pedagógico**. 2010. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Tocantins, Tocantins, 2010.

SILVA, Lineu Aparecido da Paz e. **Formação continuada em geografia**: uma análise na rede municipal de ensino em Teresina/PI. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.



A FOTOGRAFIA E A CHARGE COMO RECURSO DIDÁTICO NÃO CONVENCIONAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Jaelson Silva Lopes

Universidade Federal do Piauí

E-mail: jaelson.s.l@ufpi.edu.br

Rodrigo de Sousa Freitas

Universidade Federal do Piauí

E-mail: rodrigofreitas0@gmail.com

Bartira Araújo da Silva Viana

Universidade Federal do Piauí

E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar o uso da fotografia e da charge como um recurso didático não convencional a serem usados no ensino de Geografia no contexto da pandemia da COVID-19. Visando atender os objetivos do presente trabalho adotou-se uma metodologia de pesquisa efetivada na pesquisa qualitativa realizando-se duas fases: fontes e procedimentos (produção de informação), assim, realizaram-se pesquisas em bases de dados em busca de artigos científicos, dissertações e teses para dar respaldo a essa pesquisa. Considera-se a importância da utilização de recursos diversos na abordagem dos conteúdos geográficos, aqui propostos: a fotografia (como possibilidade de análise dos fatos geográficos por meio da imagética) e a charge (quanto via de elo entre a geografia e o gênero artístico e textual). Ambos como possibilidade da efetivação da aprendizagem significativa no ambiente escolar e a interação do contexto de vida dos educandos com o conteúdo trabalhado em sala de aula.

Palavras-chave: Recursos didáticos; Fotografia; Charge.

INTRODUÇÃO

Os recursos didáticos não convencionais são “[...] produtos culturais existentes na sociedade [...] são recursos disponíveis aos professores e facilmente utilizáveis nas aulas de Geografia, bem como capazes de ampliar a aprendizagem dos alunos” (ALENCAR; SILVA, 2018, p. 2). Tais recursos são ferramentas que possibilitam a aproximação do conteúdo ensinado aos aspectos inerentes à realidade vivida pelos alunos e é de fundamental importância ao considerar o atual contexto de pandemia causado pelo vírus



sars-cov-2. A título de exemplificação, caracteriza-se os recursos didáticos não convencionais os materiais utilizados ou utilizáveis por professores na educação básica, mas que não tenham sido elaborados para esse fim". (SILVA, 2011, p. 17).

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o uso da fotografia e da charge como um recurso didático não convencional a serem usados no ensino de Geografia, visto que estas são ferramentas de grande eficiência para uma melhor compreensão da ciência geográfica e uma aprendizagem significativa. Assim, Trata-se pesquisa qualitativa realizada em duas fases: fontes e procedimentos (produção de informação).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Geografia como ciência é um conjunto de conhecimentos que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço, é responsável por estudar a relação do homem com a natureza, porém, esta definição torna-se rasa quando consideramos a complexidade e relevância do seu ensino. Podemos assim dizer que "a finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço." Cavalcanti (1998, p. 24).

Contudo, seu ensino viu-se adequado à realidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE), passando por novos desafios, experiências e mudanças, onde empregaram-se métodos e ferramentas para auxiliar nessa adaptação. Logo, "em decorrência da pandemia, o ensino remoto emergencial tornou-se a principal alternativa de instituições educacionais de todos os níveis de ensino, caracterizando-se como uma mudança temporária em circunstâncias de crise." (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020, p. 43).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme dados levantados por meio da análise bibliográfica destaca-se a relevância do uso da fotografia na educação e no ensino de Geografia ao considerar a importância da relação do contexto de vida dos estudantes



e a imagética com o conteúdo estudado em sala de aula. Assim, o uso da fotografia possibilita aos educandos desbravar o mundo para além da sala de aula (TRAVASSOS, 2001). Em vista disso, sugere-se que o docente ao trabalhar com a fotografia realize os seguintes encaminhamentos: a) programação prévia, b) avaliação diagnóstica, c) escolha da fonte de dados e d) materialização dos fatos geográficos e discussão em sala de aula. Trata-se, portanto, de uma proposta de utilização da fotografia e que pode ser adaptada às diferentes realidades educacionais.

A charge, semelhante a fotografia, também apresenta resultados relevantes para a compreensão dos alunos no ERE, esta possui uma vasta abrangência de modelos, artistas, assuntos e interpretações, que oportunizam ganchos temáticos a serem relacionados com o processo de ensino-aprendizagem da geografia e com a vida cotidiana dos alunos, de forma lúdica e didática. Ambos os recursos aqui mencionados: a fotografia e a charge podem auxiliar os professores de Geografia, sobretudo, ao considerar o contexto pandêmico em que vivemos, onde a utilização de recursos diversos contribuem para efetivação do ensino de Geografia, fazendo com que a aula se torne dinâmica e interativa.

CONCLUSÃO

Levando em consideração o exposto neste trabalho, considera-se a importância da utilização de recursos diversos na abordagem dos conteúdos geográficos, aqui propostos: a fotografia (como possibilidade de análise dos fatos geográficos por meio da imagética) e a charge (quanto via de elo entre a geografia e o gênero artístico e textual). Ambos como possibilidade de ensino no ambiente escolar presencial e no ERE, viabilizando a interação do contexto de vida dos educandos com o conteúdo trabalhado em sala de aula mesmo em tempos de pandemia.

REFERÊNCIAS



ALENCAR, Josivane José de; SILVA, Josélia Saraiva e. Recursos didáticos não convencionais e seu papel na organização do ensino de Geografia escolar. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 9, n. 18, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/articles/view/645>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, **Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayara; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia da covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. **Revista Educação**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 41-57, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SILVA, Josélia Saraiva e. Recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia. In. SILVA, Josélia Saraiva e. (org.). **Construindo ferramentas para o ensino de Geografia**. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 11-20.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino de Geografia. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 1, n. 2, 2001. Disponível em: <https://revistabioterra.blogspot.com/search?q=+A+fotografia+como+instrumento+de+aux%C3%ADlio+no+ensino+de+Geografia>. Acesso em: 15 jan. 2022.